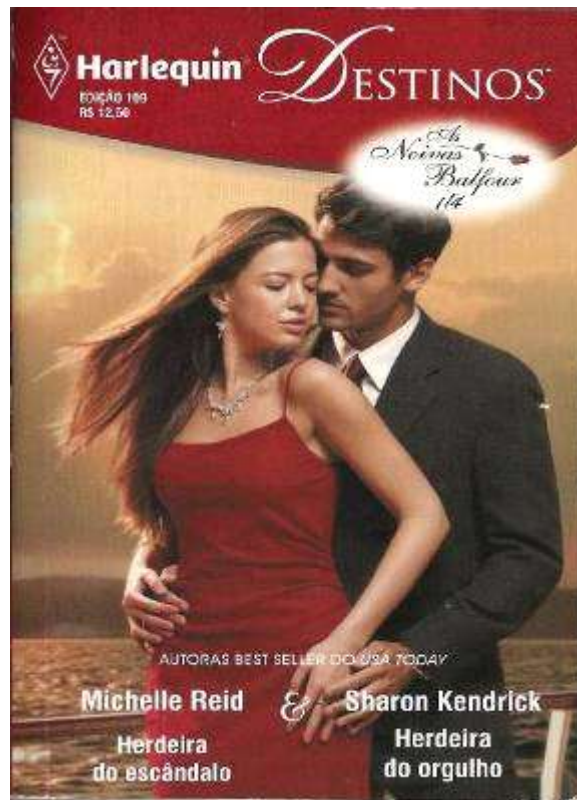


Herdeira do Escândalo

Mia's Scandal

Michelle Reid



*Uma poderosa dinastia e 8 herdeiras em apuros...
Uma saga de emoções, paixão e glamour!*

Uma herdeira ilegítima, um homem de sucesso...

Enquanto trabalhava esfregando o chão, Mia sonhava com uma vida melhor. Até descobrir que era uma das herdeiras dos Balfour, uma das dinastias mais ricas do mundo... Quando conheceu de fato a família, ficou apavorada. Porém, ganhou uma grande oportunidade de aprender sobre a alta sociedade ao ser contratada para trabalhar com o magnata grego Nikos Theakis. Ele mesmo tivera uma vida difícil, mas aprendeu a conquistar tudo aquilo que queria... Nikos só não imaginava que a doçura e a integridade de Mia o fizessem repensar todas as suas convicções...

**Digitalização: Rita
Revisão: Andréa M.**

Projeto Revisoras



PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: MIA'S SCANDAL

Copyright © 2010 by Harlequin Books S.A.

Originalmente publicado em 2010 por Mills & Boon The Balfour Brides

Título original: KAT'S PRIDE

Copyright © 2010 by Harlequin Books S.A.

Originalmente publicado em 2010 por Mills & Boon The Balfour Brides

Arte-final de capa: Isabelle Paiva

Editoração Eletrônica:

ABREU'S SYSTEM

Tel.: (55 XX 21) 2220-3654/2524-8037

Impressão:

RR DONNELLEY

Tel.: (55 XX 11) 2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISK BANCAS: (55 XX 11) 2195-3186/2195-3185/2195-3182

Editora HR Ltda. Rua Argentina, 171, 4º andar São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ
— 20921-380

Correspondência para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Prólogo

Mia estava parada entre dois grandes pilares do portão, em cujos topos havia um par de grifos dourados. Eles se encontravam empoleirados, como se prontos para atacar.

Um calafrio percorreu sua coluna. Ela teve de desviar os olhos da presença observadora dos animais, antes que eles a fizessem perder a coragem. Parte águia, parte leão, ela reconhecia as duas criaturas temíveis do emblema da família Balfour, que vira no site Balfour, assim como o lema da família *Validus, Superbus quod Fidelis...*

Poderosos, Orgulhosos e Leais...

— *Dio* — exclamou Mia num sussurro trêmulo, tão intimidada pela grandeza opulenta da entrada que seu coração disparou de nervosismo.

Atrás dela, o som do táxi que a levaria do aeroporto para lá estava diminuindo lentamente com a partida, deixando-a sozinha no sol fraco de fevereiro, que se infiltrava através dos galhos das árvores imensas.

Era estranho pensar que apenas uma semana atrás, estava vivendo com sua tia na região rural da Toscana, completamente inconsciente de que havia uma família inglesa rica e glamourosa chamada Balfour, e muito menos que ela poderia estar conectada ao nome glorioso.

Ainda estaria sem saber disso se aquela pessoa fria e distante que deveria ser sua mãe não tivesse ignorado seus apelos para deixar Mia ir visitá-la, fazendo tia Giulia decidir que era hora de revelar o grande segredo que vinha guardando por vinte longos anos.

Agora, lá estava ela, prestes a encontrar Oscar Balfour. O chefe orgulhoso da residência Balfour. Um homem de negócios bilionário e poderoso. Marido de três esposas diferentes e pai de sete... *sete...* lindas filhas.

Oito filhas, corrigiu Mia, e seu estômago se contorceu com o pensamento.

Um homem que já tinha sido abençoado com sete filhas iria querer mais uma?

Mia havia viajado até lá exatamente para lhe fazer tal pergunta. Precisava encarar Oscar Balfour e ver a reação dele ao saber sobre sua existência. Se ele se recusasse a reconhecê-la, então o que Mia perderia, além de mais um pedacinho de seu coração? A rejeição de sua mãe já lhe roubara uma boa parcela do coração, portanto, a rejeição dele não poderia ser tão dolorosa, poderia?

De qualquer forma, havia a chance de que ele estivesse preparado para aceitá-la.

Mordiscando os lábios trêmulos, Mia abaixou-se para pegar sua mala, então endireitou o corpo. Movendo os ombros delgados dentro do casaco de lã, inclinou a mala sobre suas rodas. Seu coração bombeava tão freneticamente que era difícil respirar. Por um segundo, sentiu uma leve tontura, e teve de fechar os olhos.

Quando os reabriu, percebeu que olhava para um longo caminho de acesso,

alinhado de ambos os lados por uma alameda de árvores antigas. Não podia avistar a casa dali, por causa de uma inclinação no terreno à frente, mas sabia que a estrutura estava lá, defendendo sua privacidade no próprio vale isolado, porque era isso que dizia no site de Balfour.

Agora, tudo que Mia tinha de fazer era andar entre aquelas duas fileiras de árvores em direção a casa, disse a si mesma, ciente de seu medo, e, ao mesmo tempo, de uma excitação que dançava como fogo em seu corpo.

Nikos Theakis não era um homem que sofria de excessos emocionais. Na verdade, orgulhava-se da maneira fria, calma e profissional que abordava a maioria dos aspectos de sua vida. Mas enquanto dirigia agora, tendo saído do seu café da manhã com Oscar, não havia nada calmo ou profissional sobre o que levava consigo.

Ele estava em choque. Toda a família Balfour estava em choque, exceto pela própria Lillian Balfour, que parecia lidar, melhor com a situação.

Nikos praguejou baixinho quando a imagem frágil e pálida da esposa de Oscar surgiu em sua cabeça, sorrindo bravamente enquanto dava a ele um adeus dolorosamente final.

A emoção o percorreu, fazendo-o pisar mais fundo no acelerador, como se a velocidade pudesse lhe arrancar o sentimento estranho do peito. O carro potente seguiu em direção ao vale, passando sob a cobertura de galhos desnudos que alinhavam a rota de saída da propriedade Balfour.

Mas ele não estava concentrado. Nikos soube disso quando a viu parada lá, diretamente no seu caminho. Por alguns segundos atemorizantes, teve tanta certeza de que via um fantasma vestido todo de preto que se esqueceu de pisar no freio.

Nunca havia experimentado nada como aquilo. Naqueles poucos segundos estupefatos que o levaram a se conectar com seu cérebro, seu olhar chocado absorvera tudo nela, desde os cabelos pretos brilhantes emoldurando um rosto maravilhoso em formato de coração, até as curvas exuberantes do corpo esbelto numa blusa justa e numa saia que seguia as linhas dos quadris curvilíneos, pernas delgadas e longas e canelas bem formadas. E ela usava botas, notou ele por alguma louca razão. Botas de couro preto que batiam nos tornozelos, com saltos que pareciam letais.

Então, subitamente, a realidade o atingiu, e Nikos pisou no freio com toda sua força.

Mia permaneceu congelada enquanto o monstro baixo prateado vinha na sua direção, preenchendo o ar com um chiado ensurdecido de pneu queimando, enquanto o capô prateado se aproximava cada vez mais, até que finalmente parasse a dois centímetros de suas pernas.

O motor assobiou; o capô estremeceu... e então o silêncio retornou. Recostando-se em seu assento, Nikos a olhou com o coração batendo violentamente, seus dedos ainda agarrando o volante. Não acreditara que conseguiria parar a tempo. Nem sequer tinha certeza se *parara* a tempo. Continuou sentado, em estado de torpor, esperando que ela lhe desse uma resposta, fizesse algum tipo de movimento... dando um passo atrás para lhe mostrar que ele não a atropelara, ou desmoronasse no chão para lhe

provar o contrário!

Theos, ela é linda, seu cérebro estupefato o comunicou, então completou a observação enviando uma onda de calor para seu corpo. Reagindo a isso com raiva explosiva, ele abriu a porta do carro e desceu.

— Que brincadeira você pensa que está fazendo? — gritou ele furioso. — Tem um desejo de morrer ou algo assim? Por que não saiu do caminho?

Mia precisou de todas as suas forças para conseguir respirar. Finalmente, conseguiu erguer os olhos da frente do carro para focá-los nele. E teve um segundo choque ao se descobrir olhando para o homem mais maravilhoso que já vira na vida.

E ele vinha andando na sua direção como um gladiador indo para a guerra. Só que este gladiador vestia um sobretudo preto sobre os ombros largos e usava um terno cinza elegante. A camisa era branca, a gravata de seda num tom de cinza mais claro que o terno.

Ele se aproximou, o olhar baixando para ver o quão perto chegara das pernas dela. O fogo iluminou-lhe os olhos um momento antes de ele lhe circular a cintura com ambas as mãos e erguê-la do solo. Estava tão concentrado no que fazia que pareceu não ouvir o gritinho de choque de Mia, ou a pancada estrondosa quando a alça da mala escapou de seus dedos e atingiu o solo. A próxima coisa que Mia sabia, era que encarava um par de olhos profundos e escuros sob sobrancelhas grossas e retas, e tão pretas quanto os cabelos dele.

— Sua tola inconsequente — ralhou ele, com o maxilar tenso. — Fale alguma coisa, pelo amor de Deus. Você está bem?

Como uma boneca de plástico movida por barbantes escondidos, Mia assentiu com um movimento da cabeça.

— Você... você quase me matou — sussurrou ela.

— Eu *evitei* tentar matá-la — corrigiu ele. — Você deveria agradecer pelos meus reflexos rápidos e por minha habilidade.

— Acha que é uma habilidade dirigir como um lunático, *signor*?

— Acha que é inteligente ficar imóvel no meio de um caminho privado, que é exclusivamente para carros, *signorina*? — devolveu ele.

Como se só então tivesse percebido que a estava segurando, ele murmurou alguma coisa e virou-se, antes de colocá-la em terra firme, longe do para-choque letal de seu carro. De súbito, os reflexos paralisados de Mia entraram em ação, forçando-a a agarrar-lhe os braços para se firmar quando ela quase caiu. Ele enrijeceu os braços. Mia olhou para a quantidade de músculos rígidos que seus dedos apertavam, e os recolheu novamente.

Sentindo suas pernas estranhamente fracas, virou-se, viu sua mala deitada no chão como uma vítima ferida a alguns metros, e foi endireitá-la.

Enfiando as mãos nos bolsos de seu sobretudo, Nikos observou-a parar para pegar a alça da mala, e não pôde evitar admirar-lhe o traseiro moldado ao tecido da saia.

Bonito, pensou, então franziu o cenho quando outra onda de calor o percorreu. Virando-se, consultou seu relógio. Estava atrasado. Tinha um avião para pegar. Havia

acabado de sair de uma terrível situação, e estava parado ali, admirando o traseiro de uma mulher que ele quase matara com seu carro!

Um gemido de auto desgosto escapou de sua garganta. — Tente andar pela lateral da rota dos carros daqui para frente — disse ele, e retomou ao seu carro. — E para sua informação — acrescentou enquanto abria a porta — se você for a nova governanta que eles estão ansiosamente esperando na casa, acho que eu devo avisá-la que exagerou no vestuário. Mia piscou. Governanta... vestuário... exagerou? Precisava de tempo para traduzir o que ele dissera, de modo que lhe fizesse sentido.

Então entendeu. Ele achava que ela havia ido para a mansão Balfour vestida naquele traje a fim de assumir a posição de governanta.

Uma mágoa profunda a envolveu. Nunca tinha se sentido tão agredida ou tão baixa. Reunindo dignidade e compostura, Mia puxou sua mala e rodeou o capo do carro sofisticado e *exagerado* dele, sem se incomodar em lhe oferecer uma única olhada.

Governanta... Mia reprimiu uma risada amarga. Aprendera a falar inglês enquanto trabalhara de *governanta* para um velho professor britânico, que possuía um palacete não longe de sua casa. Ele lhe pagara para manter a casa limpa e cozinhar, e a deixara usar sua biblioteca e seu computador, contanto que ela digitasse as páginas do livro infinitamente longo e tedioso dele. O curso de inglês havia sido dado de graça. Então ela andava dois quilômetros de volta para casa, e trabalhava em seus estudos, antes de passar a noite auxiliando tia Giulia com a costura que pegava para ajudar a magra renda que *Tia* ganhava plantando flores para vender na feira mais próxima da cidade.

Ela geralmente usava sapatos baixos e jeans desbotado, ou um dos vestidos que tinha dos verões quentes da Toscana. Pela primeira vez na vida, estava usando algo novo, não confeccionado à mão com um tecido barato que tinha comprado numa barraca de feira. E aquele homem horrível, em seu carro elegante prateado, em seu terno elegante, abalara sua autoconfiança tão arduamente conquistada com poucas palavras.

Nikos estreitou os olhos ao observá-la andando em direção a casa bem no meio da rota dos carros, como num desafio dirigido exclusivamente a ele. Com um sorriso irônico, observou-a por mais alguns segundos, notando os movimentos graciosos e ainda pensando no sotaque rouco... Ela era italiana, pelo tom energético, pensou.

E jovem.

Jovem demais para ser governanta de alguém?

Uma ponta de dúvida arranhou sua consciência. Tinha feito uma suposição errada e acabado de insultar uma das amigas das filhas de Oscar?

Então percebeu o que estava fazendo, e franziu o cenho enquanto entrava em seu carro e seguia seu caminho. Quem quer que ela fosse, Nikos esperava que soubesse o que a aguardava na mansão Balfour, ou teria um grande choque quando chegasse.

Mia já estava em choque, porque se encontrava olhando para a mansão Balfour.

Nada que havia lido ou visto na internet a preparara para a pura beleza diante de seus olhos. Aninhada em seu próprio vale baixo, a casa de pedra era no mínimo dez vezes maior do que ela imaginara, com fileiras sobre fileiras de janelas longas

brilhando na luz pálida do sol.

Uma trepidação começou a arrepiar sua pele, enquanto ela circulava a lateral de um bonito lago brilhando como vidro congelado. Quando mais se aproximava da casa, mais intimidada se sentia por tamanha grandiosidade. Uma casa imensa, com colunas altas suportando a entrada circular, as quais reduziram sua coragem quando Mia passou entre elas e deixou sua mala contra uma parede perto da porta.

Bem, era agora ou nunca, disse a si mesma, e tremeu ao parar diante da porta pesada de madeira.

Estava realmente certa de que queria fazer isso?

Não, não estava mais, contudo, se voltasse atrás agora, sabia que se arrependeria para o resto da vida, porque jamais encontraria coragem para fazer aquilo uma segunda vez.

Com tal pensamento, Mia estendeu o braço, agarrou a corda da campainha antiga e puxou, abaixando a mão e esperando que alguém atendesse a porta.

Nada em sua vida a assustara tanto quanto aquilo.

Nada nunca lhe fora tão importante como o que fazia agora.

Tensa, tremendo, observou a porta começar a se abrir para revelar a última pessoa que ela esperara ver de imediato: o próprio Oscar Balfour.

Ele era mais alto e muito mais imponente do que ela o imaginara, com seus cabelos brancos como neve e cavanhaque bem aparado. Quando ele a olhou, parecia tão triste e austero que Mia quase se virou e fugiu. Se ele lhe perguntasse se ela era a nova governanta... ela fugiria, decidiu.

Mas ele disse:

— Olá, minha jovem — e ofereceu-lhe um sorriso. Era um sorriso gentil, que alcançava os profundos olhos azuis dele.

Olhos do mesmo tom de azul dos seus. Olhos que Mia encarou.

— *Buon... buon giorno, signor...* — Nervosa demais para evitar cumprimentá-lo em italiano, ela engoliu em seco e trocou para um inglês gaguejante: — Eu não sei se... o senhor sabe sobre... mim, mas meu nome é Mia Bianchi. Disseram-me que o senhor é meu pai...

Capítulo Um

Pela primeira vez em três longos meses de viagens árduas, Nikos Theakis atravessou as portas de seu escritório em Londres, ganhando instantaneamente toda a atenção das pessoas presentes no moderno *foyer* de granito e vidro.

Alto e bronzeado, abençoado com o tipo de corpo poderoso que poderia pertencer a um atleta, o ar ao seu redor vibrava com excesso de energia enquanto ele se movia, inspirando uma onda de cumprimentos ofegantes das mulheres.

O fato de que Nikos causava o mesmo efeito em qualquer lugar que fosse dizia muito sobre sua personalidade. Ele era intenso, determinado e motivado. Trabalhar para ele era como pegar uma carona num foguete para as estrelas. Excitante e, às vezes, assustador, porque ele assumia muitos dos riscos que os outros evitavam. Era comprometido, centrado e famoso por nunca, jamais errar.

Hoje, suas sobancelhas pretas estavam unidas acima do nariz reto e arrogante. As feições clássicas gregas fechadas, transparecendo a concentração na conversa que tinha ao celular. Portanto, reconheceu os cumprimentos com breves acenos da cabeça escura, enquanto atravessava o *foyer* e entrava num dos elevadores.

— Em nome de *Theos*, Oscar — disse ele — em que tipo de jogo você está tentando me envolver?

— Não é um jogo — insistiu Oscar Balfour. — Eu pensei muito sobre isso, e agora estou pedindo seu apoio.

— *Pedindo?* — Nikos pronunciou a palavra com sarcasmo.

— A menos que você seja muito importante agora para ajudar um velho amigo.

Apertando o botão da cobertura no elevador, Nikos consultou seu fino relógio com pulseira de platina, então reprimiu a vontade de praguejar. Tinha voltado ao país há menos de uma hora, depois de ter passado semanas voando ao redor do mundo, reunindo um grupo de resgate para combater uma crise que não deveria acontecer, porque seus investidores internacionais tinham se acovardado e desistido de seus empréstimos. Estava cansado e com fome mas, em sua sala de reuniões na cobertura, um grupo de pessoas ansiosas esperava ouvir os resultados finais de seu trabalho.

— Pare de tentar me influenciar — disse ele, impacientemente.

— Fico lisonjeado por você me considerar capaz de fazer isso — murmurou Oscar.

— E vá direto ao ponto — acrescentou Nikos. — Diga-me o que você espera que eu faça com uma de suas filhas exageradamente mimadas?

— Que você não a leve para cama, de qualquer forma.

Prestes a sair do elevador para o corredor luxuoso da cobertura, a declaração fez Nikos congelar por um segundo, antes de responder friamente:

— Isso não tem a menor graça. Eu nunca toquei um dedo em nenhuma de suas filhas, o que seria...

— Um desrespeito a mim?

— Sim! — confirmou Nikos, pois sabia melhor do que ninguém o quanto devia a Oscar por transformá-lo na pessoa que ele era hoje. Manter uma distância respeitosa entre ele e as lindas filhas de Oscar era uma simples questão de honrar tal débito.

— Obrigado — murmurou Oscar.

— Eu não quero seu agradecimento. — Nikos seguiu o corredor com passos longos e graciosos. — E também não quero nenhuma de suas filhas servindo de decoração em meus escritórios, fingindo ser uma executiva somente para agradá-lo — continuou. — Por que esta súbita decisão de colocá-las para trabalhar, de qualquer forma? — perguntou, enquanto abria a porta de seu conjunto de escritórios.

Sua secretária, Fiona, ergueu os olhos do computador e ofereceu-lhe um sorriso de boas-vindas. Gesticulando para seu celular, Nikos deu uma série de instruções através de gestos manuais que a experiente Fiona mostrou compreender. Enquanto assentia a cabeça loira cacheada, deixava-o livre para se fechar em sua sala, sabendo que o grupo que o esperava na sala de reuniões seria informado de seu atraso.

Foi somente quando fechou a porta de sua sala que Nikos percebeu o silêncio pesado ao telefone. Aquilo era estranho, porque Oscar Balfour possuía um cérebro que funcionava na velocidade da luz, e silêncios com ele eram incomuns.

—Você está bem, Oscar?—perguntou ele cautelosamente.

O homem mais velho suspirou.

— Na verdade, sinto-me péssimo. Começo a questionar do que se trataram os últimos trinta anos de minha vida.

Visualizando o grande magnata de investimentos, com seus cabelos brancos e cavanhaque, e com o orgulho da longa herança aristocrata estampado em cada aspecto de sua personalidade, Nikos murmurou:

— Você está sentindo falta de Lillian.

— Cada minuto do dia e da noite — confirmou Oscar. — Eu vou dormir pensando nela, passo a noite sonhando com ela, e acordo pela manhã procurando o corpo quente ao lado do meu na cama.

— Sinto muito. — Era uma resposta inadequada, Nikos sabia, uma vez que Oscar Balfour ainda estava sofrendo pela perda recente da esposa. — Tem sido uma época difícil para todos vocês.

— Com uma morte e dois grandes escândalos seguidos de uma crise financeira mundial que ameaça nos transformar em mendigos? — Oscar deu uma risada seca. — *Época difícil* é um termo muito fraco para definir isso.

Desde a morte de Lillian Balfour três meses atrás, o grande nome Balfour vinha sendo alvo de escândalo após escândalo. Desde o momento que Oscar anunciara ter uma filha de 21 anos da qual ninguém soubera da existência antes, todos que tinham algo contra Balfour aproveitaram para espalhar rumores que o prejudicassem.

— Você sobreviveu à crise de maneira intacta — Nikos observou com otimismo.

— Sim, é verdade — concordou Oscar. — Assim como você.

Em vez de ir para sua mesa, Nikos se viu admirando uma grande foto emoldurada de sua cidade natal, que tinha pregado na parede. Se estreitasse os olhos, poderia visualizar o ponto escuro no canto inferior que representava a área pobre de Atenas,

onde ele passara os primeiros vinte anos de sua vida apenas sobrevivendo.

Um nervo pulsou em seu maxilar, a cor rica de seus olhos escurecendo com os pensamentos. Ser um menino de rua tinha sido um grande incentivo para que trabalhasse arduamente a fim de garantir que nunca mais seria pobre. E, sem a sorte de um encontro acidental com Oscar, Nikos provavelmente ainda estaria lá, levando aquela existência desonesta e miserável...

Aquele homem inglês astuto e brilhante tinha visto alguma coisa no jovem arrogante na época, seguido seus instintos e lhe dado uma chance de se libertar daquela vida.

De súbito, Nikos ficou ciente de seu terno italiano caro e virou-se para andar até a imensa janela de vidro com vista para a cidade de Londres. Ele tinha diversos escritórios como aquele nas principais capitais, assim como as residências que complementavam seu estilo de vida de alto nível. Possuía um iate, um avião particular e investimentos pessoais para competir com as pessoas mais ricas do mundo.

O menino pobre se saiu bem, citou Nikos silenciosamente, referindo-se a um artigo recente que um jornal de Atenas escrevera sobre ele.

Mas Nikos também possuía cicatrizes tão profundamente escondidas em seu interior que nem mesmo Oscar sabia sobre elas.

— No entanto, minhas filhas nem imaginam que houve uma crise financeira mundial — a voz de Oscar soou em seu ouvido novamente. — Você tem razão, Nikos, eu as mimei demais. Tratei-as como princesas paparicadas a ponto do abandono parental, e agora estou pagando pela minha negligência. Eu pretendo corrigir isso.

— Cortando lhes o dinheiro e enviando-as ao mundo cruel para se afogarem ou nadarem sozinhas? — Apesar da gravidade da conversa, Nikos sorriu. — Acredite, Oscar, isso é assassinato.

— Você está questionando meu julgamento?

Sim, pensou Nikos.

— Não — respondeu em respeito ao homem. — É claro que não.

— Ótimo — disse Oscar. — Porque eu quero que você ponha Mia debaixo de sua asa e ensine-lhe tudo que ela precisa saber para sobreviver como uma Balfour.

— Mia? — repetiu Nikos, precisando de um momento para se conectar com o nome não familiar. — Ela é a... — Ele cerrou os dentes, mas era tarde demais.

— Mia é... *o quê?* — Oscar exigiu saber.

— A... nova — descreveu Nikos com o que pensou ser diplomacia, considerando o jeito sensacional que fora revelada como uma Balfour.

— Você pode usar o termo ilegítima sem me ofender, Nikos — disse Oscar. — Embora eu não tenha certeza que Mia se sentirá da mesma maneira. Ela é... diferente de minhas outras filhas. — Ele suspirou. — Mia não está se adaptando bem como uma Balfour. Acho que morar em Londres e trabalhar do seu lado será uma boa experiência para ela... ensinando-lhe autoconfiança e endurecendo-a.

— Sem chance, meu amigo — recusou Nikos friamente.

— Você pode levá-la a alguns eventos — continuou Oscar, ignorando a resposta de Nikos. — Mostrar-lhe como se comportar na alta sociedade.

— Se ela não está conseguindo lidar com isso dentro da segurança da mansão Balfour, então o que você sugere é o mesmo que atirá-la aos lobos — apontou Nikos. — Aceite meu conselho e mande-a para uma das muitas mulheres viúvas que você conhece em Londres, e peça-lhe que ensine Mia a se comportar como uma Balfour. Eu sou um lobo solitário, Oscar — enfatizou Nikos. — Sempre trabalho sozinho, e *devoro* o vulnerável.

Houve outro silêncio na linha telefônica, mas desta vez não carregava o peso da dor, como o silêncio anterior, mas sim a frieza arrepiante da súbita mudança de humor de Oscar.

— Eu pensei que nós já tivéssemos estabelecido que você não *devora* minhas filhas.

— Eu não estava me referindo a...

— Não me obrigue a lembrá-lo do que você me deve, Nikos — interrompeu Oscar. — Agora estou cobrando a dívida.

Reconhecendo o desafio direto e inescapável, Nikos tentou o último apelo:

— Oscar...

— Você vai se recusar a me fazer este favor?

— Não. — Nikos suspirou em rendição. — É claro que eu não irei me recusar.

Como Oscar tinha apontado, ele lhe devia... muito.

— Ótimo. Então está combinado — disse Oscar, soando caloroso novamente. — E pensei que, uma vez que não gosta de *staff* morando no local de trabalho e invadindo seu espaço privado, ela poderia usar o apartamento do *staff*, anexo à sua cobertura em Londres.

Como um animal encurralado, Nikos perguntou:

— Você quer que eu seja sua *babá*, além de lhe dar um emprego?

— Mia estará com você amanhã... seja gentil.

Seja gentil, zombou Nikos, jogando o celular sobre a mesa com mais violência que o necessário.

No ato de honrar um débito moral a Oscar, ele acabara de concordar em comprometer os próprios valores profissionais. Frustração vibrava em seu peito quando houve uma batida à porta, antes que Fiona entrasse na sala.

— Desculpe perturbá-lo — murmurou ela. — Mas uma das *srtas.* Balfour está na recepção, pedindo para vê-lo. Ela mencionou alguma coisa sobre precisar de um molho extra de chaves para seu apartamento.

Nikos congelou e, pela primeira vez na vida, sentiu um rubor que tentava destruir sua frieza lendária. O que Fiona estava dizendo era que a nova filha tímida de Oscar tinha acabado de chegar à sua recepção e feito um anúncio que os colocava efetivamente num relacionamento íntimo!

Ela nem mesmo deveria ter chegado antes do dia seguinte. Ele nem a conhecia ainda! Agora, a tola mulher faria todos no prédio especularem sobre os dois!

A *srtta.* Balfour não era apenas tola, ela era perigosa!

Chega de ser gentil, pensou Nikos, furioso, enquanto passava apressado por uma Fiona curiosa e seguia pelo corredor. Em sua experiência, você não era *gentil* com uma

substância perigosa. O que fazia era tratá-la com respeito frio, enquanto cuidadosamente a descartava.

Mia estava de pé à mesa da recepção, já arrependida pelo que dissera e do *jeito* que dissera, quando viu as portas de um dos elevadores se abrirem e um homem alto, moreno e muito familiar sair.

Ela tremeu num momento de puro choque. O corpo alto e magnífico estava coberto por um terno elegante... e aquele era o homem que quase a atropelara, logo no primeiro dia de Mia dentro da propriedade Balfour.

— Oh, *Dio!* — ela foi incapaz de conter a exclamação quando ele parou a poucos centímetros. — É você.

Ela espelhou exatamente os seus sentimentos, pensou Nikos com irritação, ao perceber que estava sofrendo do mesmo choque de reconhecimento que podia ver escrito em seu rosto, embora possuísse o autocontrole para disfarçar suas emoções. Entretanto, não foi capaz de impedir seus olhos de estudá-la... notando os cabelos pretos brilhantes, a camiseta branca simples com uma minissaia azul-claro. E ela usava sapatos baixos, o que a diminuía em altura, mas não afetava a longa extensão de pernas fabulosamente douradas.

— Srta. Balfour? — murmurou Nikos com formalidade. — Uma vez que nós nunca fomos apresentados, eu sou Nikos Theakis. É um prazer conhecê-la finalmente.

Ele ofereceu uma mão com dedos longos para que Mia apertasse. Ciente da recepcionista, e das outras pessoas no *foyer* que os observava com curiosidade, Mia queria se enterrar debaixo da terra. Para alguém que detestava ser o centro das atrações, não podia acreditar que cometera um erro tão estúpido falando seu motivo para estar lá num ambiente público como aquele.

Seja corajosa haviam sido as últimas palavras de encorajamento que seu pai lhe oferecera antes que ela partisse, lembrou-se. Mas coragem não tinha absolutamente nada a ver com o que estava sentindo no momento, enquanto se forçava a erguer a mão para pegar a dele.

— *Buon... buon giorno* — Mia conseguiu responder enquanto seus olhos tentavam lhe enviar um pedido de desculpas.

Se ele recebeu a mensagem, não o demonstrou. Na verdade, a expressão fria em seu rosto bonito tornou-se ainda mais rígida.

— Eu não a esperava aqui até amanhã — anunciou Nikos. — Mas parece que precisamos resolver um problema doméstico seu?

— Eu... Sim — sussurrou Mia.

Tentando ignorar a súbita carga de eletricidade que percorreu sua palma quando suas mãos se tocaram, Nikos recolheu a dele e consultou seu relógio.

— Eu tenho uma reunião agora mas, se me acompanhar, minha secretária lidará com qualquer problema que você tenha.

Com isso, virou-se e seguiu ao longo do *foyer*, com sua nova incumbência no seu rastro. Seus instintos lhe diziam que ele havia conseguido acabar com quaisquer especulações sobre o motivo pelo qual Mia Balfour estava lá.

Satisfeito consigo mesmo, Nikos entrou no elevador, esperando que ela o

alcançasse.

— Mil desculpas! — exclamou ela, com ansiedade, no momento que as portas se fecharam.

— Você é uma tola. — Nikos não estava impressionado com o pedido de desculpas. — Se vai trabalhar comigo, srta. Balfour, sugiro que aprenda a arte da discrição rapidamente, ou você não irá durar um dia.

— Eu não pensei! Oscar me disse para...

— Vamos deixar seu pai fora disso. — Nikos lhe enviou um olhar de desprezo. — Uma vez que Oscar me persuadiu a lhe fazer este favor, imagino que ele tenha estabelecido sua concordância de antemão, o que a torna responsável por suas próprias ações, srta. Balfour. Portanto, regra número um: É melhor você aprender depressa... não me embarace dessa forma novamente.

— Sinto muito — Mia se desculpou pela segunda vez, esforçando-se para não explicar que tinha sido Oscar quem a mandara lá com a instrução de pedir as chaves de seu novo apartamento na recepção. — Mas um *courier* está para chegar ao seu... ao meu novo endereço com meus pertences, e eu preciso ser capaz de entrar.

— Tente usar um telefone da próxima vez.

Naquele exato momento, Mia decidiu que não gostava de Nikos Theakis.

— E para esclarecer um ponto — continuou ele em tom gelado — você está aqui em período de experiência. Eu não trabalho com tolos. Você vai subir ou cair por seus próprios méritos e, se não se mostrar capaz, está fora. Entendeu?

Começando a se irritar com o tratamento frio que lhe era dispensado, Mia sentiu uma inesperada vontade de retrucar. Afinal, não o embaragara de propósito.

Inclinando a cabeça para trás, ela o estudou. Ele parecia ser exatamente o que era, um homem de negócios frio e *zangado*, um magnata grego *arrogante*, maravilhoso e bem-sucedido.

— E vamos esclarecer mais uma coisa antes de sairmos deste elevador — continuou ele. — Eu não acredito em nepotismo. Acredito que cada um deve dar o melhor de si no trabalho para conquistar seu lugar no mundo. — Uma das razões pelas quais Nikos inspirava tanto respeito em seus empregados era porque os encorajava a explorar seus próprios potenciais, independentemente da função exercida.

— Então, ou você se mostra capaz ou está fora. Entendeu?

— Você acha que eu sou uma "filhinha do papai" inútil — observou Mia.

— Uma "filhinha do papai" está um passo acima ou um passo abaixo de uma governanta? — questionou ele.

Um rubor de fúria cobriu o rosto de Mia.

— A suposição da governanta foi um erro seu, não meu.

— Um erro que a ofendeu, fazendo-a sair com a postura de uma princesa vaidosa — retrucou ele. — Acho muito curioso descobrir três meses depois que, no dia em que nos conhecemos, você estava a caminho de jogar uma bomba sobre a família Balfour, como se eles já não tivessem problemas o bastante na época.

O momento de desafio de Mia foi esmagado por aquele lembrete, fazendo-a desviar os olhos culpados. Ele estava se referindo à pobre esposa de Oscar, Lillian,

percebeu ela, e ao modo como sua chegada inesperada causara problemas que continuavam a abalar a família inteira até hoje.

— Eu não sabia que Lillian estava doente — murmurou ela em defesa.

— Mas se *eu* soubesse o que você estava prestes a fazer naquela manhã, teria impedido que se aproximasse deles. Pense sobre isso — aconselhou Nikos. — Se você não agisse de forma irritadiça e tivesse me dado uma explicação, sua chegada à mansão Balfour não teria acontecido numa hora tão errada porque eu a impediria, e os choques e escândalos que se seguiram poderiam ter sido evitados.

Poderia ter sido tão simples assim? perguntou-se Mia. Uma decisão muito rápida tomada em um momento carregado de tensão teria a capacidade de mudar o destino tão facilmente?

As portas do elevador se abriram e Nikos Theakis saiu, deixando-a lá, parada e sentindo-se totalmente desprezada.

— Eu... suponho que você acredite que teria sido melhor para todos se tivesse me atropelado — disse ela.

Nikos parou no corredor e virou-se. Ela estava parada, emoldurada pelas portas abertas do elevador, os cabelos soltos ao redor dos ombros, e o lindo rosto pálido.

Jovem, ouviu-se reiterar uma observação que fizera ao vê-la pela primeira vez na propriedade Balfour. Culpada, vulnerável, magoada. Em sua raiva, Nikos tinha jogado todas as responsabilidades pelas ações da família Balfour nos ombros delgados de Mia. Sentia-se bem fazendo isso?

Não, reconheceu. Sua punição não condizia com o crime dela.

E havia outro elemento daquilo, no qual ele vinha tentando não se concentrar muito, mas acabara por fazer, permitindo-se estudar *lhe* o corpo, e sendo instantaneamente recompensado com uma onda de calor em seu baixo-ventre. A mesma onda de calor que havia experimentado na primeira vez em que a vira... a mesma que sentia toda vez que se lembrava daquele momento na rota dos carros da mansão Balfour.

Estava atraído por ela. Vinha pensando nela de vez em quando desde então. Se tivesse sido capaz de voltar à Inglaterra nos últimos meses, teria ido à mansão Balfour para tentar descobrir quem ela era.

Agora sabia.

Ela era uma Balfour, o que a colocava efetivamente fora de seu alcance.

Portanto, era desnecessário dizer que ele não a queria invadindo seu local de trabalho. Não a queria por perto em nenhum lugar, ameaçando tumultuar seu calmo ambiente profissional com sua figura exuberante, sua boca sensual e com a promessa de paixão que Nikos podia ver brilhando atrás dos olhos azuis magoados.

Ele escolheu a opção cruel e não se incomodou em responder a observação dela, mas virou-se e continuou andando. Estava se comportando como um patife rude e sabia disso; contudo, esta era a única maneira de se proteger.

Ela levaria no máximo duas semanas antes que as críticas dele a levassem correndo de volta para Oscar, pensou Nikos ao deixar Mia Balfour aos cuidados de Fiona, indo para sua reunião.

Capítulo Dois

Duas longas semanas de teimosia depois, Mia estava a alguns passos da mesa, exercendo sua paciência, enquanto esperava que Nikos reconhecesse sua presença.

Usava um vestido de linho cor de creme, com um cinto de couro amarelo na cintura e sapatos combinando. O traje novo teria lhe custado seu salário anual mas, como o ganhara, Mia não reclamava.

Não sonharia em reclamar. Estava mais apavorada pelos preços exorbitantes que suas irmãs pagavam para comprar roupas, usá-las uma vez e descartá-las nos closets da mansão Balfour. Pendurada no armário do quarto de hóspedes em seu pequeno apartamento havia uma coleção inteira de roupas doadas.

E *este* traje em particular tinha sido escolhido com um único propósito em mente... desafiar Nikos Theakis a encontrar algum defeito naquelas roupas.

Ele sempre encontrava algum motivo para criticá-la. E a objeção do dia anterior fora dirigida à saia cinza curta que ela usara com uma linda blusa cor de ameixa. Os olhos escuros tinham percorrido o tecido levemente transparente da blusa, revelando desaprovação. Agora, então, Mia cobrira o corpo com um vestido cuja bainha terminava dois centímetros abaixo do joelho. E prendera os cabelos num coque antiquado, pois ele também implicara com seus cachos pretos caindo no rosto a cada vez que ela abaixava a cabeça para o trabalho.

E Mia estava certa de que ele a fazia esperar deliberadamente, mantendo sua cadeira de frente para a janela, de modo que tudo que ela podia ver era o topo de sua cabeça escura.

Era tudo parte da guerra que Nikos travava contra ela, porque detestava tê-la trabalhando ali, tanto quanto Mia detestava *estar* lá. Ele nunca iria perdoá-la por aceitar um emprego que ela não conquistara sozinha, e Mia não desistiria do trabalho porque, somente por Oscar, estava determinada a aprender ser a pessoa que seu pai queria que ela fosse, mesmo se isso a matasse no processo. Ou matasse Nikos Theakis.

Nikos estava se perguntando se Mia sabia que ele podia ler seus pensamentos com facilidade. Mia Balfour era jovem demais para ter aprendido a arte de mascarar seus sentimentos, e muito *italiana* para querer fazer isso, se pudesse. Murmurando uma resposta para Perros, seu vice-presidente de Atenas, Nikos manteve o olhar fixo no vidro da grande janela, embora não absorvesse a magnífica vista de Londres. Sua atenção estava tomada pelo próprio vidro fumê, no qual o reflexo de Mia se encontrava estampado como uma foto mal tirada, visível, mas embaçada pela luz do dia se infiltrando de fora.

Lá, mas não lá, pensou. Ele a preferia assim, fora de foco e fora de alcance, de modo que pudesse fingir que não existia nenhuma energia pulsando entre os dois.

Nikos finalizou sua ligação com Petros, fechou seu celular e virou a cadeira. Uma onda instantânea de desejo o percorreu.

Ela era provocativa, pensou com raiva. O vestido clássico e modesto, e os cabelos

esticados num penteado rígido pareciam um insulto aos cachos longos e fabulosos. Tudo, até mesmo o comprimento da saia, dizia-lhe que Mia corrigira cada crítica que ele lhe fizera... falada ou não falada.

Um músculo se contraiu em seu maxilar. Ela não deixara escapar nenhum detalhe.

Mia leu a tensão no rosto másculo, enquanto mais uma crítica ameaçava abalar sua autoconfiança. Desejou que pudesse adotar a mesma indiferença física a Nikos que ele lhe mostrava, mas não conseguia. Apesar de detestá-lo, não podia impedir seu corpo de responder... interiormente, pelo menos... ao magnetismo viril que emanava de Nikos em ondas. Ele lhe roubava o fôlego de um jeito que ela não podia entender nem controlar.

— Então, o que você tem aí para mim? — Ele quebrou o silêncio, e mesmo a voz profunda a fez tremer, enquanto se aproximava para colocar um arquivo sobre a mesa dele.

— A informação que você queria sobre Lassiter-Brunel — respondeu ela.

Nikos olhou para o arquivo, então para Mia.

— Isso foi rápido. Passou a noite acordada?

— Você disse que o queria pronto esta manhã — Mia o lembrou.

— Sim, eu disse. — Abaixando os olhos, Nikos experimentou uma ponta de culpa, enquanto estudava as informações que ela compilara. Ele tinha um departamento de pessoas especializadas para compilar esse tipo de informação o que, reconheceu com desconforto, tornava todo o trabalho que Mia tivera uma completa perda de tempo.

Então, um nervosismo diferente em Mia lhe chamou a atenção. Puxando uma folha de papel das outras, recostou-se em sua cadeira para ler.

A descrição da reputação menos digna de Anton Brunel com o sexo oposto não era o que Nikos esperava ver num relatório profissional.

Uma de suas sobrancelhas se arqueou.

— Você acha que esta é uma informação apropriada para colocar aqui? — ele fez a pergunta previsível.

— Diz na internet que ele pagou muito dinheiro para silenciar uma colega de trabalho com quem... estava saindo.

— Aqui *alega* que ele a subornou — corrigiu Nikos.

— *Si* — Mia aceitou a correção. — Mas como você pode ver, a moça em questão deu queixa de assédio sexual, a qual foi logo retirada. Se olhar para o próximo documento, verá que eu descobri que ela teve um filho oito meses depois, um menino chamado Anthony.

— E qual seria o seu ponto? Mia suspirou.

— Se um homem está disposto a abusar de sua posição de poder seduzindo uma funcionária, e suborná-la para que ela não fale nada sobre isso, então ele não é confiável.

— Em sua opinião — apontou Nikos.

— Em minha opinião.

— E se... o caso tivesse sido um acordo mútuo, você alteraria essa opinião? — questionou ele.

— Ele é casado e tem filhos.

— Não foi esta a minha pergunta.

Mia mexeu-se, inquieta.

— O artigo diz...

— Alega...

— *Alega* — repetiu levemente irritada — que ela estava bastante desesperada quando deu queixa, e tinha ferimentos nos braços e no rosto... Há fotografias. — Mia apontou em direção ao arquivo.

Nikos baixou os olhos para as fotos, revelando uma expressão de desgosto antes de pôr as imagens de lado.

— Este artigo diz que Brunel negou saber de onde vinham os ferimentos da mulher. Ele alega que ela lhe armou uma cilada.

— Com que propósito ela faria isso? — perguntou Mia.

— Para receber a grande quantia que acabou recebendo?

— E quanto ao bebê?

— Podia ser o bebê de qualquer homem — disse Nikos com indiferença.

— Mas essa é uma maneira muito cínica de ver a situação — argumentou Mia. — Você sabe disso como um fato, e...

— Você não pode saber com certeza que a versão de Brunel não é verdadeira — interrompeu Nikos com lógica incisiva. — Suspeito que a verdade resida no meio das duas versões, mas uma vez que nenhuma delas foi provada, nós nunca saberemos. — Deixando a folha sobre a mesa, ele a olhou. — Então, diga-me novamente, por que você incluiu isso em seu relatório?

Mia hesitou, não querendo responder aquela pergunta.

— Eu... não gosto dele — finalmente confessou. Desta vez, Nikos arqueou ambas as sobrancelhas.

— Mas você só o encontrou uma vez, outro dia durante o almoço.

— Ele tem um... jeito estranho.

Nikos inclinou-se para a frente e comandou:

— Explique isso.

— Eu... Não. — Sentindo-se enrubescer, Mia abaixou o olhar.

— Você vai explicar, Mia — disse ele com dureza. — E vai fazer isso agora!

— Por que você está zangado comigo? — perguntou ela. — Instruiu-me para encontrar tudo que eu pudesse sobre Lassiter-Brunel. Eu achei estes artigos. Preferia que eu fingisse não os ter encontrado?

Ela estava tentando mudar de assunto, reconheceu Nikos, enquanto se lembrava do almoço de negócios que eles haviam tido com John Lassiter e Anton Brunel no começo da semana. Os dois homens tinham boa aparência e eram arrogantemente autoconfiantes, características normais em pessoas que lutavam por sucesso.

Todavia, sua assistente estivera usando um vestido vermelho sexy, que marcava os seios generosos. O pequeno bolero que usara em conjunto também não escondia muita coisa. Com os cachos sedosos ao redor do rosto, ela parecia uma flor exótica em um salão cheio de homens de terno. Cada vez que seus olhos azuis passeavam ao redor da mesa, os dois homens perdiam o rumo da conversa.

Um sentimento que Nikos não queria experimentar o fez se levantar.

— Eu quero saber por que você decidiu que não gosta de Anton Brunel. Ele falou alguma coisa para ofendê-la? Flertou com você?

Desejando agora que não tivesse começado aquilo, Mia meneou a cabeça.

— Não...

— O quê, então?

— Não foi... nada! — Seus olhos se arregalaram em alarme quando ele rodeou a mesa e parou diante dela. Intimidada pela postura machista, Mia deu um passo atrás.

— O que... isso lhe importa? — gaguejou.

— Apenas responda a pergunta. — Nikos se aproximou novamente, segurando-lhe os braços e obrigando-a a ficar onde estava.

A pressão dos dedos dele enviou um calor para seus ombros, levando Mia a falar, numa tentativa de sufocar a sensação.

— Ele... falou algo que me ofendeu... quando estávamos saindo e você conversava com John Lassiter.

— O que ele disse? E olhe para mim quando falar comigo — ordenou Nikos. — Sinto-me enfurecido quando você desvia os olhos dessa maneira.

Respirando fundo, Mia obedeceu a ordem, vendo uma chama nos olhos escuros que nunca tinha visto ali antes. Por um segundo, esqueceu sobre o que eles estavam falando, enquanto absorvia esta nova descoberta fascinante e...

— Fale — comandou Nikos.

Mia piscou.

— Ele... alegou que eu estava lhe dando olhares interessados, então fez uma observação sobre você e eu — esclareceu ela. — É culpa sua, Nikos! Você me faz segui-lo como um cachorrinho na coleira! Olha furiosamente para mim se eu me mexo, se eu sorrio. Toca meus cabelos, meu braço, meus dedos se eu os descanso sobre a mesa. Circula minha cintura quando nós andamos! Olhe para você agora — acusou Mia, irada. — Está me segurando à sua frente como se tivesse algum direito especial de fazer isso! Aquele homem horrível deve ter interpretado erroneamente os sinais que você dava, e ousou dizer que gostaria de apreciar uma pequena fatia do que... você estava obtendo de mim!

Nikos soltou-lhe os braços como se ela o tivesse queimado. Mia quase perdeu o equilíbrio. A expressão perplexa no rosto dele a fez rir.

— Você não sabe que faz isso, sabe? — murmurou ela. — Não tem ideia de que faz todas essas coisas que acabei de descrever. Bem, é verdade, e ele presumiu, pelo seu comportamento, que nós somos... íntimos. E me perguntou se eu queria encontrá-lo uma tarde, quando você não estivesse disponível.

Nikos transformou-se em pedra na frente dela. Abalada pelo que acabara de lhe contar, Mia tentou se recompor. Nas duas semanas que estava trabalhando para ele, Nikos a vinha tratando mais como sua escrava do que como sua assistente pessoal. Arrastava-a para todos os almoços de negócios. Tirava-a da cama quase de madrugada para que ela o acompanhasse a cafés da manhã a trabalho, também. Se Mia falava, ele não gostava; se ela sorria, ele não gostava. Se ela olhava ao redor, Nikos tocava-lhe o

braço para chamar sua atenção, olhando-a de maneira condenatória. Então, deixava-a no seu apartamento no começo da noite... para que ela se recuperasse, Mia presumia, enquanto ele saía e se divertia com quem quisesse.

— Então vamos cancelar a negociação com Lassiter-Brunel.

Voltando ao presente tarde demais para captar o que ele dissera, Mia viu que ele rodeara a mesa e se sentara novamente.

— Cuide disso — instruiu Nikos, devolvendo-lhe o arquivo agora fechado.

— Cuidar... do quê? — gaguejou Mia e, quando ele a olhou com expressão furiosa, acrescentou: — Desculpe-me, mas eu não entendi o que você disse antes.

— Meu domínio do idioma inglês é tão ruim assim? — zombou Nikos.

— Não. — Ela o *odiava*. — Eu... perdi a concentração... por um momento.

Nikos imaginou o que Mia diria se ele lhe pedisse para gaguejar com aquela voz encantadoramente rouca que ela acabara de desenvolver, naquela noite, enquanto deitava nua sob ele em sua cama?

Theos! Ele praguejou em silêncio. Somente duas semanas daquilo e ela já o estava enlouquecendo.

Ele realmente fazia todas aquelas coisas que Mia tinha listado, ou só estava tentando provocá-lo?

Sua nova assistente pessoal podia não gostar dele, mas o desejava com um fervor que não conseguia esconder, embora não tivesse ciência de que era tão transparente.

E era por isso que Anton Brunel sentira as vibrações sexuais durante aquele almoço, decidiu Nikos. Culpa de Mia, não sua. E quanto aos toques dos quais ela o acusara... isso só acontecia dentro da cabeça imaginativa de Mia.

Ela podia excitá-lo como nenhuma mulher já havia sido capaz, mas Nikos não a queria em sua cama!

Oscar nunca o perdoaria.

Suspirando, retomou a discussão:

— Ligue para John Lassiter, e diga-lhe que eu não estou mais interessado em fazer negócios com eles.

— Eu? — Mia arfou. — Mas eu não quero...

— E traga-me um café — interrompeu ele, pegando sua caneta.

Se isso não a ensinasse a ser menos provocativa, então nada ensinaria. O negócio de Lassiter-Brunel valia diversos milhões no papel. Frugal por natureza, Mia Bianchi-Balfour iria ficar boquiaberta diante da perda de um negócio tão lucrativo.

— E lembre a Fiona de que eu ficarei fora por duas horas durante o almoço.

— Mas... Nikos, *por favor*, eu não sei como fazer o que você quer!

— Fazer um café? — zombou ele com crueldade.

— Dizer a alguém que um acordo vai ser cancelado!

— Então você está prestes a aprender mais uma coisa nova — replicou ele. — E para sua informação, eu não aprovo casos, romances e nem mesmo amizades no escritório. Portanto, pare de flertar comigo pela maneira que se veste ou que me olha. Ou pelo jeito que pôs o arquivo de Lassiter-Brunel na minha frente, esperando que eu lesse e questionasse seus motivos, de modo que você pudesse me contar o que Brunel

presumiu sobre nós. Isso foi irritante e infantil. Não existe *nós*. O resto que você falou só existe em sua cabeça. Agora tenho algumas ligações para fazer.

Dispensada, horrorizada, arrasada, Mia virou-se e saiu da sala sobre pernas que tremiam.

Irritante e infantil.

— Eu o odeio — sussurrou depois que estava do outro lado da porta.

— Você disse alguma coisa? — Fiona ergueu os olhos de seu trabalho.

Atordoada, Mia atravessou a sala aos tropeços e sentou-se atrás de sua mesa.

— Ele está muito mal-humorado hoje, e eu o detesto.

— Nós todas não o detestamos, querida? — respondeu Fiona. — Nosso lindo chefe é muito sexy, mas frio como gelo. É um grande desperdício de masculinidade. — Fiona balançou os cachos loiros, enquanto estudava o rosto pálido de Mia. — Ele lhe deu uma bronca, não foi?

— Eu não sei como você o aguenta há tanto tempo — comentou Mia, em vez de responder.

— Eu sou imune. — Fiona balançou a mão esquerda, mostrando a aliança de casamento. — Tenho meu próprio homem sexy para voltar todas as noites, e ele nunca é frio.

— Nikos quer que eu cancele o acordo com Lassiter-Brunel.

Fiona ficou imóvel.

— Então você lhe contou. Mia assentiu.

— Ele não acreditou em mim.

— Então por que está cancelando o acordo? — questionou a secretária, franzindo o cenho.

— Para... me punir — replicou Mia. — Nikos sabe que eu não sei fazer tal coisa, então está me obrigando, de modo que eu aprenda uma lição sobre as consequências de inventar histórias.

— Nikos Theakis está jogando fora um negócio lucrativo para lhe ensinar uma lição? — Fiona riu. — Eu não acredito. Há mais coisa nisso.

Havia, pensou Mia. Ela lhe dissera outras coisas que ele não quisera ouvir.

— E ele não vai me levar ao almoço de negócios hoje. E aquela rejeição a estava incomodando mais do que tudo. Era como ter sua corda de salvamento cortada, a qual a mantinha funcionando. Podia odiá-lo, mas deleitava-se em estar em sua companhia.

— Talvez isso seja uma coisa boa — disse Fiona gentilmente.

Mia olhou para a outra mulher, notou sua expressão compassiva e enrubesceu.

— Ele quer café. — Ela se levantou e andou para a cafeteira a fim de preparar uma pequena bandeja; então, num impulso, implorou para Fiona: — Você pode levar para Nikos? Não acho que posso suportar vê-lo novamente agora.

— Claro. — Sempre relaxada, sempre alegre, Fiona levantou-se, pegou a bandeja de sua mão e, então, pausou. — Mia, aceite um conselho de alguém mais velha e mais sábia que você... arranje um namorado.

Olhando para cima, ela gemeu.

— Oh, *Dio!* Eu sou tão óbvia?

O sorriso de cumplicidade de Fiona dizia tudo.

— Sabe, logo que você chegou aqui, todos estavam prontos para antagonizá-la pelo jeito que conseguiu este emprego. Mas, em uma semana, você conquistou a todos nós. É trabalhadora, doce e gentil, mas Nikos não é gentil... com mulheres. Ele as usa, Mia. Não as respeita.

— E elas o usam. — Mia sentiu a louca necessidade de defender Nikos Theakis, embora ele não merecesse.

— Sim. — Fiona não podia discordar daquilo. — Especialmente a supermodelo Lucy Clayton, que recebeu seu presente de despedida por um mensageiro especial na semana passada. Na próxima semana, outra mulher do mesmo tipo irá substituí-la. É assim que ele funciona. É assim que quer manter seus relacionamentos — enfatizou Fiona. — Nikos corre todo tipo de risco na arena dos negócios. É um gênio financeiro que todos admiram e respeitam, e é honesto e comprometido com quaisquer promessas que faça... no mundo dos negócios... mas na vida pessoal? — Fiona meneou a cabeça. — Ele é um lindo predador sexual, muito frio. Não conecta sexo com emoções... se tiver alguma. Então, aceite meu conselho e não se envolva. Nem mesmo *deseje* se envolver, porque se Nikos decidir tomá-la, ele a estragará para sempre. Portanto, arranje um namorado — repetiu ela — e tire-o da cabeça enquanto é tempo.

— Onde está meu café? — demandou o predador sexual.

Capítulo Três

As duas mulheres se viraram num sobressalto para ver Nikos Theakis parado à porta de seu escritório. Pela expressão fechada dele não havia como saber se ele as ouvira falando a seu respeito mas, pela primeira vez desde que começara a trabalhar lá, Mia viu Fiona enrubescer de culpa, e sabia que seu rosto revelava o mesmo rubor.

Ótimo, pensou Nikos, reprimindo a raiva pela segunda vez naquela manhã, enquanto atravessava a sala para pegar a bandeja de sua secretária, então voltar para seu escritório sem uma palavra.

Arranje um namorado... Seus lábios se comprimiram enquanto ele punha a bandeja sobre a mesa. Por que não tinha pensado em oferecer o mesmo conselho para sua assistente?

A resposta para tal pergunta não era gentil. Mas então, Como sua secretária acabara de apontar para Mia, ele não era *gentil*.

Sentando-se, Nikos virou sua cadeira para a janela. Então *eu não respeito mulheres*, pensou com irritação. *Respeitava-as*, ou por que se restringia ao tipo de mulher que fazia o jogo que ele gostava? Não estava procurando amor. Não estava procurando casamento, portanto, ficava bem longe das mulheres que queriam uma das duas coisas.

E isso era respeitá-las, determinou. Seria bom se Fiona tivesse reconhecido isso.

Vagamente surpreso pelo sentimento de mágoa que experimentou, Nikos franziu o cenho. Era bom para seu *staff*, justo, generoso. Acreditara que tinha o *respeito* de seus funcionários. Sua secretária o chocara com a opinião que possuía dele. Enfurecia-o pelo modo que ela escolhera para alertar Mia.

Nikos estreitou os olhos com a onda de desgosto diante da ideia de Mia voltando toda aquela paixão inexplorada para algum outro homem.

E se ela aceitasse o conselho de Fiona? — Droga — murmurou, não gostando do sentimento que experimentou. Onde estava o homem que se concentrava exclusivamente nos negócios? O homem que mal notava uma mulher, a menos que ela se estendesse nua em sua cama?

Talvez fosse isso. Ele precisava de uma mulher. Mais precisamente, de *sexo*. Uma longa noite de paixão ardente com o tipo de mulher que pudesse apreciar o que ele tinha a oferecer, sem esperar o pacote emocional em retorno. Ele não era possessivo. Não era nem mesmo expansivo como Mia ousara sugerir. Se ele a tocasse do jeito que ela dizia, isso era feito levando em conta boas maneiras e *respeito*. Era ela quem lera os sinais erroneamente.

John Lassiter inicialmente ficou perplexo pela decisão de Nikos Theakis de cancelar as negociações e, então, passou a ficar irritado pela incapacidade de Mia de lhe dar respostas em relação ao motivo pelo qual eles estavam sendo dispensados. Alguns minutos após encerrar a conversa desagradável, o telefone de Fiona tocou, e Anton Brunel exigiu falar com Nikos.

Dez minutos depois, Nikos saía de sua sala, o belo semblante revelando puro desprezo. Ele não falou enquanto atravessava o escritório; nem mesmo olhou para elas. A tensão que deixou para trás enervou Mia.

No final, ela não aguentou mais e foi até o Café da esquina, almoçar. Enquanto comia um sanduíche em uma das mesas, um homem do departamento de contabilidade entrou no Café. Vendo-a sozinha, ele pegou o próprio sanduíche e juntou-se a ela. Após um começo tímido com sua companhia inesperada, Mia surpreendeu-se ao ser contagiada pelo humor amigável do homem e começou a relaxar e se divertir. Eles retornaram juntos ao prédio do escritório, e permaneceram mais alguns minutos conversando no *foyer*. O clima era caloroso e amigável.

Andando ao longo de *seu foyer* de mármore cinza e preto, Nikos avistou sua assistente pessoal conversar animadamente com alguém de sua equipe de contadores.

O choque quase o fez parar.

Ela parecia jovem, linda, relaxada e cheia de vida. Sem saber que estava prestes a fazer aquilo, ele entreabriu os lábios para falar o nome dela, apenas para voltar a fechá-los quando a acusação de Mia sobre "um cachorro na coleira" lhe veio à cabeça.

Nikos continuou andando na direção dos elevadores, recusando-se a olhar novamente para o casal. Quando chegou ao seu luxuoso escritório, pegou o celular e começou a folhear sua agenda de contatos. Cinco minutos depois, combinara um jantar naquela noite com a linda Lois Mansell, estava se sentindo muito melhor consigo mesmo. Lois era exatamente o que precisava. Uma executiva fria, com prática na arte do sexo e somente sexo. Morenas jovens e ingênuas, com fogo italiano nas veias, e com aparência de *virgens* nunca serviriam para ele.

Arranje um namorado... Mia considerou aquilo enquanto estava sentada sozinha em seu apartamento naquela noite, reformando um conjunto de grife para que parecesse menos sofisticado e mais profissional, de modo que pudesse usar para trabalhar na semana seguinte.

Afastar-se de Nikos Theakis era a melhor coisa que podia fazer. Ele não a queria. E deixara isso muito claro!

Irritante e infantil...

Pondo sua costura de lado, ela se levantou e foi olhar pela janela. A noite londrina brilhava com luzes. Era sexta-feira à noite, e a maioria das pessoas de sua idade estaria se divertindo, mas lá estava Mia, sozinha em seu apartamento, sem planos de sair, ou ninguém para ligar se quisesse sair!

Naquele momento, adoraria ter um homem tocando sua campainha, ou estar se arrumando para sair com ele.

Fiona estava certa. Era hora de abandonar aquela paixão que sentia por Nikos Theakis, enterrar a garota interiorana tímida e fazer bom uso da oportunidade que seu pai lhe dera para crescer como pessoa.

Um namorado... Mas como atrair um homem?

Certamente não o faria ali, sozinha em seu apartamento. Poderia incitar o homem com quem almoçara hoje a convidá-la para sair, se assim o quisesse?

Sua vida isolada na Toscana não lhe ensinara nada sobre ser uma mulher

independente vivendo numa cidade grande. Mia havia passado a vida com sua tia numa pequena fazenda a cinco quilômetros do vilarejo mais próximo. Frequentara um colégio de freiras só para meninas, e o dinheiro era tão escasso que mesmo visitar a cidade mais próxima com suas amigas aos sábados, para fazer compras, tinha sido impossível.

Até hoje, Mia tivera somente duas influências permanentes na vida. Uma tia idosa, porém maravilhosa, que adorava, e um homem ainda mais velho para quem cozinhou e cuidara da casa, e que vivia num mundo particular. E o pior era que, independentemente do quanto Oscar e suas novas irmãs haviam tentado ajudá-la a se abrir, ela ainda parecia a mesma interiorana tímida por dentro.

Mia suspirou, virando-se para a sala vazia novamente.

Eu vou sair.

A decisão surgiu de repente, fazendo-a ir para seu quarto. Dez minutos depois, voltou num vestido curto de seda lilás com um decote ousado, e um casquinho preto. E o mais importante de tudo, com sua resolução de sair e *fazer* alguma coisa. Pegando sua bolsa, Mia deixou o apartamento e atravessou o *foyer* para chamar o elevador.

Iria achar um restaurante, e jantar fora para variar. Muitas pessoas independentes em Londres jantavam sozinhas.

Tão corajosa! pensou em tom de zombaria, sentindo seu coração disparar em oposição direta à aventura na qual estava prestes a embarcar. Porque não era corajosa. Nunca fora. E se o elevador não chegasse logo, ela iria...

O som de uma porta se abrindo atrás dela fez com que se virasse. E congelasse ao se encontrar olhando para Nikos.

Não era justo que ele escolhesse aquele exato minuto para sair do apartamento, decidiu Mia, ainda em choque.

Ele usava um terno preto formal que acentuava sua figura poderosa. E os cabelos estavam úmidos, penteados para trás e brilhando sobre a cabeça bonita. Tudo nele parecia elegante e exclusivo. A boca de Mia secou e seu coração disparou, enquanto ela olhava para o maxilar barbeado, então para o formato sensual da boca séria. E finalmente... fez contato com os olhos de Nikos.

Ele a encarava de volta, também parecendo desconcertado pelo encontro acidental.

— Vai sair? — Nikos falou primeiro, o tom cuidadosamente agradável.

— *Si* — replicou ela, inconsciente de que tinha cerrado as mãos.

Ele assentiu, então se virou para fechar a porta de seu apartamento.

Felizmente, o elevador chegou naquele momento, dando a Mia uma boa razão para desviar os olhos dele. Todavia, seu alívio durou pouco, uma vez que segundos depois ele atravessou o corredor e entrou no elevador. O pequeno espaço tornou-se ainda menor, dominado pela presença alta que emanava puro poder.

Mas então, os espelhos estavam lhe dando três ou quatro diferentes visões dele. Era muito de Nikos Theakis num espaço tão confinado. Mia prendeu a respiração quando ele se inclinou sobre ela para apertar o botão e levá-los ao andar térreo. Quando a manga do paletó roçou-lhe o braço, ela deu um passo atrás. Nikos fez o mesmo, endireitando-se em sua altura formidável.

—Alguns lugares agradáveis?—perguntou ele casualmente.

Mantendo o olhar fixo no próprio reflexo, Mia assentiu e observou seus cabelos se moverem contra o casaco preto de seda.

— Jantar.

Quando fitou os próprios olhos no espelho, ela não teve escolha senão reconhecer sua incerteza em relação ao impulso de sair daquele jeito. Estava louca? Era tola? O que sabia sobre sobreviver numa grande metrópole? Não sabia sequer se viraria para a esquerda ou para a direita quando chegasse à rua. A esquerda estava o centro da cidade, onde os restaurantes mais refinados ficavam situados. A direita, a avenida principal, com seus bistrôs da moda pelos quais Mia passava nas ocasiões que pegava o metrô para casa e andava o resto do caminho até lá.

Esquerda ou direita? Lugar refinado ou da moda?

— Você? — perguntou ela, porque sentiu que deveria.

— O mesmo.

Mia olhou para cima, e desejou que não tivesse feito isso quando o viu ajeitando a gravata diante de um dos espelhos, o queixo erguido, os lindos olhos escuros como a noite. Sentindo a pele arrepiar, olhou para si mesma no espelho, vendo o vestido lilás, com uma longa extensão de pernas à mostra, e seus tornozelos elevados por saltos de quatro centímetros.

Irritante e infantil...

Nikos estaria indo encontrar a nova substituta de Lucy Clayton, como Fiona previra? Ela era alta, loira, deslumbrante, inteligente e sofisticada? Ele planejava levá-la de volta para seu apartamento para amá-la de maneira apaixonada, enquanto Mia ficava deitada sozinha em sua cama na porta ao lado e...

—Aonde...?

Mia ergueu o queixo e encontrou-lhe os olhos no espelho.

— *Scusi?* — murmurou, confusa.

— Eu estava perguntando aonde você vai jantar — esclareceu Nikos... em inglês.

— Oh, eu não sei. — Mia deixou escapar antes que pudesse pensar, viu-o arquear as sobrancelhas, então seu orgulho veio ao seu resgate com o que ela acreditava ser uma mentira inspiradora: — Eu vou encontrar alguém. Não sei aonde ele vai me levar para jantar.

Felizmente, o elevador parou e as portas se abriram, dando-lhe a oportunidade de escapar. Ela atravessou o saguão apressadamente, a fim de fugir.

Ainda assim, Nikos chegou à porta a tempo de abrir para ela, então assentiu com, a cabeça quando Mia agradeceu.

Devia ter chovido, pois o chão estava molhado. Atravessando o estacionamento particular, Mia sentia-se ciente de que ele desviara para onde o carro prateado se encontrava estacionado.

O que não sabia era que Nikos observava sua indecisão, quando ela chegou à rua e parou, incerta do rumo que tomaria dali.

Jantar com um homem... Aquilo o perturbava terrivelmente. Ela iria encontrar o loiro alto do departamento de contabilidade com quem ele a vira mais cedo?

Em caso positivo, o imbecil precisava aprender boas maneiras. Que tipo de homem deixava uma linda jovem estrangeira andar sozinha pela cidade?

Ela já parecia perdida. E a sensação mais estranha estava percorrendo Nikos.

Mia virou à direita, desaparecendo de sua visão em segundos. Nikos permaneceu parado por mais alguns instantes, cedendo então ao impulso e enfiando a mão no bolso para pegar seu celular.

Dez minutos depois, Mia estava parada do lado de fora de um dos bistrôs. Fingia ler a lista de menu presa à janela mas, na verdade, estava olhando para dentro, pois a coragem que a levara tão longe desapareceu.

Não podia entrar lá. Não sabia por que tivera a louca ideia de que poderia fazer algo do gênero! E a noite estava gelada; o casaco fino de seda não era o suficiente para aquecê-la...

— Levou um bolo?

Ouvir o sotaque profundo e sardônico na voz familiar às suas costas fez com que lágrimas brotassem em seus olhos.

Mia precisou de toda força de vontade para impedir que se derramassem e, então, ergueu o queixo e virou-se para encará-lo.

Nikos estava na calçada movimentada, encostado contra a lateral de seu carro prateado, com as mãos dentro dos bolsos, o paletó aberto revelando a camisa branca. Alto, bronzeado e muito sexy, observou Mia. Não era de se admirar que todas as mulheres que passavam no espaço entre os dois o olhassem com admiração.

Se Nikos notava os olhares, não o demonstrou. Não tirava os olhos do rosto dela. O sorriso levemente irônico feriu o orgulho de Mia, fazendo-a desejar que algum outro homem alto e bonito aparecesse e a envolvesse num abraço.

Irritante e infantil...

— Não — respondeu ela. — Ele só está alguns minutos atrasado.

Com a facilidade de um homem acostumado a fazer tudo com graça, ela o viu tirar uma mão do bolso e consultar o relógio de pulso.

— Este não é o tipo de lugar que um homem deixa uma mulher esperando na calçada, *cara* — disse ele, olhando-a novamente.

— Bem, você deve saber, pois parece estar fazendo a mesma coisa com a mulher que vai encontrar — devolveu Mia.

— Eu busco as mulheres com quem saio em suas casas.

— Então, por favor, vá e faça isso — retrucou, virando-se para a janela do bistrô.

Os segundos se arrastaram, enquanto ela esperava ouvir o som do carro dele indo embora. Foi cercada por um grupo de pessoas que também queria checar o menu. No momento que elas se moveram, Mia desejou que pudesse acompanhá-las.

Porque ele ainda estava lá. Podia sentir a presença de Nikos como uma força que tentava fazê-la -se virar para encará-lo. Após alguns segundos, Mia o ouviu suspirar, e então escutou os passos se aproximando. A tensão a fez permanecer imóvel. Um segundo depois, sentiu o corpo quente ao longo de suas costas.

— Vá embora — disse Mia. — Você está fazendo com que eu me sinta estúpida!

— Assim que sua companhia da noite chegar — concordou Nikos. — Quem é ele, a

propósito?

Mantendo os olhos fixos na janela do bistrô, ela replicou:

— Não é da sua conta.

— Não? — Uma mão se moveu contra suas costas. — Eu sou o sujeito responsável por cuidar de você, portanto, isso é da minha conta.

— Eu não preciso de babá.

— Nem precisa de um homem que planeja fazê-la esperar para jantar num lugar como este. É uma pizzaria barata, Mia, com grande revezamento.

Era? Mia olhou para o menu. Não entendia nada sobre restaurantes. Até que Nikos a tivesse levado em almoços de negócios, ela sequer comera num restaurante!

— Você estará do lado de fora antes que perceba que comeu — previu ele. — O que acontece depois? Uma hora num desses bares da rua para fazê-la relaxar com algumas taças de vinho barato, ou você espera voltar direto para seu apartamento e terminar a noite no conforto de sua cama?

Mia virou-se para olhá-lo.

— *Grazie* por seu conselho mas, quando meu companheiro chegar, eu me certificarei de perguntar quais são as intenções dele.

— Ou eu farei isso.

— Não, você não fará! — exclamou Mia furiosa.

— Além de ele estar imperdoavelmente atrasado, não é digno de sair com uma Balfour.

Mal podendo acreditar que estavam tendo aquela conversa, Mia o encarou.

— E você acha que tem o direito de fazer esse julgamento?

— Estando no lugar de seu pai... sim.

Em outras palavras, ela era uma *tarefa* que ele se sentia compelido a supervisionar!

— Bem, você não é meu pai... ou minha ideia do que uma figura paterna deveria ser! E, caso tenha esquecido, você me pediu para parar de irritá-lo; pois então agora eu que lhe peço para fazer o mesmo, Nikos, e ir embora!

Com isso, virou-se e começou a descer a avenida. Dedos longos se curvaram num de seus ombros, detendo-a.

— Mia, isso é estupidez.

Irritante e infantil... Por que a observação ainda machucava tanto? questionou-se Mia.

Ela não sabia. Não entendia o que estava sentindo, ou o que *estava fazendo*.

— Por favor, solte-me. — Ela tentou desvencilhar-se. Os dedos fortes apertaram seu ombro gentilmente.

— Não — recusou-se ele. — Ouça... desculpe-me... se pareci insensível em relação aos seus sentimentos, mas...

— Pareceu?

— *Fui* insensível, então — corrigiu Nikos. — Mas isso não muda o fato de que o homem que a convidou para sair lhe deu um bolo, ou não se importa em deixá-la esperando aqui como uma tola.

— E este é seu discurso sensível? — Muito perto das lágrimas, Mia teve de erguer uma mão para cobrir seus lábios trêmulos.

Nikos praguejou suavemente.

— *Eu a levarei para jantar.*

— Eu posso providenciar meu próprio jantar — replicou, tensa. — E você já tem um encontro.

— Eu tinha um encontro até — Nikos parou, comprimiu os lábios, então sorriu — que também levei um bolo.

— Você? — Era como descobrir que ele tinha uma rachadura em sua armadura impenetrável. Mia ficou tão intrigada pelo fenômeno que parou de brigar para estudá-lo.

— Isso acontece com todos nós — comentou Nikos, dando de ombros. — Então, podemos achar um lugar mais tranquilo do que este para... nos condoermos enquanto comemos?

Uma pequena dor na consciência o percorreu quando sua linda assistente deu-lhe um olhar compassivo. Mas, pelo menos, o acordo estava feito.

Capítulo Quatro

Vinte minutos depois, foram conduzidos para uma mesa num restaurante muito exclusivo e o garçom pegava seu casaco enquanto Mia olhava ao redor.

Se aquele era o tipo de lugar que Nikos costumava frequentar, então ela estava disposta a se impressionar pelo ambiente suavemente iluminado.

— Eu já estive aqui antes? — perguntou ela.

— Não que eu saiba.

Surpreendendo-o com um sorriso, Mia murmurou:

— Se você não me trouxe aqui para um de seus almoços de negócios, Nikos, então eu nunca estive. Estes lugares são todos parecidos, não são?

— São? — Ele olhou ao redor. — Talvez você esteja certa.

Mia assentiu.

— Eles provavelmente são diferentes à luz do dia, quando estão cheios de pessoas de negócios, parecendo sérias inteligentes, em vez de... — Ela parou, mordiscando os lábios para conter a palavra provocativa que ia usar.

— Íntimas. — Nikos não era tão sensível. — Chama-se bom-senso de negócios — esclareceu. — Não as pessoas, mas os restaurantes. Eles mudam de clima conforme o humor da cidade. Durante o dia, são um lugar para os homens de negócios trabalharem enquanto comem. A noite, suavizam sua aparência para oferecer um ambiente mais relaxado para seus clientes mais sociáveis. Adoro o seu vestido.

— Oh! — Atônita pelo elogio totalmente inesperado, Mia enrubesceu ao olhar para seu vestido de seda lilás. — Era de minha irmã, Bella. — Dedos delicados puxaram o decote para cima. — Tinha um laço de fita aqui, mas eu o tirei, porque achei que ficaria menos chamativo sem o laço.

— Oscar não lhe deu um guarda-roupa próprio?

Mia deu de ombros.

— Ele ofereceu. Mas eu não vi necessidade de comprar roupas novas quando os closets em Balfour estão cheios de coisas que ninguém mais quer usar.

Um jovem garçom chegou com os menus. Mia deu-lhe um sorriso e, quando percebeu que ele era italiano, começou a conversar com ele. Semicerrando os olhos, Nikos observou a mudança nela. A voz tinha adquirido um tom caloroso que ele não ouvira antes. O jovem se apaixonou por Mia enquanto Nikos observava. Ela não tinha noção do poder que emanava, nem sequer notara os olhos do garçom escurecendo. As mãos de Mia participavam da conversa, e o jovem a fitava fixamente, parecendo hipnotizado.

E Nikos teve uma súbita vontade de socar o outro homem! Talvez tivesse feito algum movimento inconsciente, porque o garçom olhou na sua direção. No instante seguinte, estava se desculpando e saindo na velocidade da luz.

— Ele é de San Marcello — esclareceu Mia, como se o italiano de Nikos não fosse bom o bastante para ter entendido, e sem ideia do motivo pelo qual o garçom saíra

quase correndo.

— Um vizinho, então — murmurou Nikos.

— *Si*, praticamente. — Recostando-se, ela afastou os cabelos do rosto e pegou o menu.

Quando ele continuou calado e parado, Mia o fitou, suspirando.

— Certo, o que eu fiz para irritá-lo desta vez? — perguntou ela. — Violei alguma regra importante?

— Brunel consideraria isso uma violação de regras, de qualquer maneira — respondeu ele.

— O que Brunel tem a ver com...

Então ela entendeu. Olhou para o outro lado do restaurante, onde o garçom amigável estava agora parado, esforçando-se para não olhar para aquele canto do salão.

— Você está me acusando de flertar — disse ela em perplexidade.

Nikos pegou seu menu e abriu-o. — Você o envolveu. Por alguns segundos, pensei que ele fosse puxar uma cadeira e se juntar a nós.

— Só estávamos conversando sobre a *Itália!* — defendeu-se Mia.

— Tive a desagradável sensação de que eu seria excluído. Nada bom para o meu ego. — Nikos sorriu. — Lição número um no uso de habilidades sociais, *cara*. Concentre-se unicamente no homem com quem você está jantando. — E mudou de assunto rapidamente: — O que gostaria de comer?

Mia voltou a atenção para o menu. Outro garçom chegou à mesa para anotar o pedido. Nikos fez o pedido friamente, não encorajando o garçom a se demorar.

— Fale comigo — disse ele, assim que estavam a sós. Erguendo o rosto, ela perguntou:

— Sobre o quê?

— Qualquer coisa... o vinho. — Ele indicou a taça dela. Pegando sua taça de vinho, Mia deu um gole.

— Bom.

— Isso é tudo?

— Está é outra aula em habilidades sociais, Nikos?

— Não. — Ele quase deixou um sorriso escapar. — É só um pedido para que estenda a resposta. Você é italiana. Não acredito que não tenha uma opinião melhor sobre o vinho do que apenas *bom*.

Seja interessante, em outras palavras. Certo, podia tentar isso, decidiu Mia, recostando-se na cadeira.

— Tia Giulia e eu fazemos nosso próprio vinho de nossas próprias uvas. Na verdade, é só um hobby, mas nosso vinho tem um sabor tão bom quanto este vinho caríssimo — disse ela, balançando a taça. — Nós colhemos e pisamos nas uvas da maneira tradicional, com nossas saias erguidas assim. — Ela gesticulou, sem perceber que tinha capturado uma audiência. — E rimos muito... o que ajuda a dar melhor sabor ao vinho. Se for um bom ano, nossos vizinhos aparecem para trocar outros produtos por garrafas do nosso vinho. Tia tem barris maravilhosos na adega...

A entrada chegou, e Mia continuou falando, dando uma pequena garfada de pesca do mar com um molho delicioso que nunca provaria antes.

— Sua vida na Toscana era muito diferente da vida que você leva agora — observou Nikos quando ela fez uma pausa.

Mia assentiu, os olhos entristecendo.

— Você sente saudade da Grécia quando está longe de seu país?

— Não particularmente — replicou ele. — Eu vou à Atenas com muita frequência para sentir saudade.

— Da família, então?

— Nenhuma. — Pelo jeito que ele velou os olhos, Mia soube que atingira um ponto fraco. — Conte-me por que você demorou tanto tempo para contatar Oscar.

— Porque eu apenas descobri que tinha um pai este ano... no meu aniversário de 21 anos, para ser exata.

Ela continuou explicando como descobrira Oscar, entre garfadas de comida. Não notou que Nikos mal tocava na comida em seu prato, ou que raramente removia os olhos do rosto dela. Mia não tinha ciência de que ele continuava completando sua taça de vinho, ou que sua língua estava se soltando mais a cada gole. No momento em que a sobremesa chegou, estava tão relaxada que até se inclinou sobre a mesa para pegar uma colherada da sobremesa que Nikos não tocara, provocando-o com seus olhos risonhos enquanto punha o doce roubado na boca.

— Você quer café? — ofereceu ele.

— E estragar o gosto do vinho? *Grazie*, não.

— Então, se você terminou, podemos ir agora?

— Oh! — Mia enrijeceu a coluna, subitamente percebendo que havia falado durante a refeição inteira! Não era de admirar que o rosto de Nikos estivesse tão inexpressivo. — Perdi a noção de quanto tempo estamos aqui...

— E o restaurante esvaziou — apontou Nikos. — Nós somos os últimos aqui...

Olhando ao redor das mesas vazias, Mia viu o *staff* do restaurante tentando não parecer impaciente para que eles fossem embora.

— Por que você não falou alguma coisa antes? — sussurrou ela, embaraçada.

— Você estava apreciando sua refeição. Não havia presa — Nikos olhou para o garçom, que chegou ao seu lado em segundos. — O casaco de minha companheira — instruiu ele, entregando-lhe um cartão de crédito. — Você tem tempo de terminar seu vinho — indicou para Mia.

— Não. — Ela se levantou. — Acho que bebi o bastante.

Mia estava envergonhada. Queria sumir. Quase puxou o casaco da mão do garçom quando ele chegou, tamanha sua ansiedade para sair dali agora.

O garçom estava devolvendo o cartão de crédito para Nikos. Mia se atrapalhou em sua tentativa de vestir o casaco.

— Permita-me...

Ela congelou quando Nikos pegou o casaco e segurou-o aberto para que ela o vestisse. Os cabelos de Mia se prenderam na seda preta, e ela usou a necessidade de liberá-los como uma desculpa para manter a cabeça baixa, de modo que ninguém visse

o rubor em seu rosto.

Do lado de fora, o ar frio da noite a fez tremer. Nikos pôs uma mão sobre a parte baixa de suas costas e conduziu-a ao carro, ajudando-a a se acomodar no assento.

Quando o veículo já estava em movimento, ela observou os dedos longos sobre o volante, então viu alguma coisa que a fez arfar.

— O que foi? — perguntou Nikos.

— Nada. — Desviando os olhos do emblema preto e dourado que vira no painel, ela fingiu não ter visto. Então, sem aviso algum, anunciou: — Eu estou enjoada.

Um silêncio tenso se seguiu por alguns segundos, então o carro parou. Nikos tinha descido e dado a volta para abrir a porta antes que Mia pudesse fazer isso. Ao ar livre, ela começou a tremer tanto que ele devia ter se sentido compelido a passar o braço ao redor de seus ombros, enquanto Mia lutava contra uma náusea que não tinha nada a ver com a quantidade de vinho que bebera.

Mas Nikos não sabia disso. Estava se criticando. Por que tinha enchido a taça de vinho dela durante a noite inteira? O que esperara ganhar com isso? Conhecer melhor sua assistente, ou suas intenções haviam sido outras?

— Geralmente, é melhor pôr para fora do que lutar contra — aconselhou ele, tentando lembrar-se da última vez que embriagara uma mulher.

Nunca houvera outra vez. Ele nunca descera tão baixo. Mia o levava a fazer coisas que Nikos não queria fazer.

— Eu estou... bem. — Esforçando-se para se recompor, Mia afastou-se do braço de apoio.

Nikos suspirou.

— Desculpe-me.

— Pelo quê?

— Eu não deveria ter deixado você beber tanto.

— Eu posso beber vinho, Nikos Theakis — replicou ela. — Sou italiana. Cresci bebendo vinho. Foi seu carro que me deixou enjoada. Eu o detesto. Vou andar o resto do caminho...

— Como assim, meu carro a deixou enjoada? — Ele lhe segurou o braço quando ela começou a andar.

Mia tremeu.

— É um carro produzido por Mario Mattea.

— Uma edição limitada — confirmou Nikos. — Somente vinte deles foram construídos. A maioria das pessoas...

— Um para cada ano que Mario Mattea foi casado com minha mãe — sussurrou Mia, então teve de cobrir a boca quando a náusea ameaçou voltar.

Uma olhada para o capo baixo prateado a fez dar uma risada irônica. Mario não adoraria se soubesse que um de seus carros quase a atropelara alguns meses atrás?

Empurrando a mão de Nikos, ela começou a andar, precisando se afastar o máximo possível daquele carro. Tinha vivido 21 anos na Itália, e nunca vira um carro de Mattea. Então, chegara à Inglaterra, e logo no primeiro dia quase havia sido

atropelada por um, sem perceber o insulto que isso significava!

— Explique. — Nikos alcançou-a.

— Oscar dormiu com minha mãe, Gabriella, uma noite antes de se casar com Lillian — ela o informou numa voz gelada. — Ela voltou para a Itália... para seu noivo, Mario Mattea, e finalmente se casou com ele.

Nikos arfou, parecendo chocado.

— Então sua mãe é Gabriella Mattea...

— Eu não a reconheço como minha mãe — disse Mia. — Nós não nos comunicamos.

— Ande mais devagar, antes que você vire esses saltos ridículos — instruiu ele, impacientemente, fechando os dedos longos ao redor do braço dela.

— Você esqueceu seu carro — murmurou Mia na esperança que ele entendesse a indireta e a deixasse andar sozinha.

— E você novamente se esqueceu das regras de sair com alguém. Eu levo todas as mulheres com quem saio até suas portas.

— Nós não saímos juntos — negou Mia. — Você me sequestrou na rua.

— As mesmas regras se aplicam. — Ainda segurando-a pelo braço, ele olhou para os dois lados da avenida, vendo uma brecha. — Vamos atravessar enquanto podemos.

Mia se deixou conduzir, instintivamente olhando para o carro prateado abandonado no meio-fio a cem metros de distância. Detestava a declaração de poder que o carro fazia. Na Itália, o nome Mattea significava celebridade e enorme riqueza..., muito parecido com o significado do nome Balfour ali, pensou, odiando repentinamente tudo aquilo.

— Fico surpreso com o fato de que a imprensa daqui ainda não descobriu quem é a sua mãe — comentou Nikos, ao chegarem em segurança na calçada oposta.

— Oscar foi cuidadoso para não fazer a conexão — revelou ela. — Gabriella ainda era uma Bianchi quando ele... a conheceu. — Bianchi sendo o único nome que Gabriella permitira que Mia usasse. Ela se importava? Não, disse a si mesma. Já era ruim o bastante ser o resultado de um caso de uma única noite do decadente Oscar Balfour, sem adicionar o nome de Gabriella Mattea ao pacote. — Bianchi é um nome comum na Itália.

Eles viraram na rua onde seu edifício de apartamentos ficava situado. Mais uma vez, Nikos diminuiu o ritmo.

— Por que você não é uma Mattea?

— Por que o súbito interesse no meu passado desprezível?

— Não é o seu passado desprezível, Mia, é o deles — apontou Nikos.

Levemente acalmada pela resposta, Mia respirou fundo.

— Quando Gabriella descobriu que estava grávida de mim, tentou fingir que eu era filha de Mario, mas não calculou bem — explicou ela. — Aparentemente, Mario não pode ter filhos e, não querendo a criança de outro homem em sua vida, deu-lhe um ultimato. Ela me mantinha e o perdia, ou me dava e ficava com ele. Você sabe o resto — concluiu Mia, amargamente.

— A fazenda isolada na Toscana — confirmou Nikos. — Uma tia que mal podia sustentar vocês duas, enquanto seus pais bilionários aproveitavam a vida... Uma

história com todos os ingredientes para um drama do século XVII sobre as fraquezas da realeza.

Mia parou e o olhou.

— Você daria um excelente assessor de imprensa, atrairia o melhor *paparazzi* com facilidade — acusou ela. — E provavelmente gostaria disso.

Para sua fúria crescente, ele sorriu.

— Você acha que minha vida é divertida?

— Eu acho que é inestimável. — O sorriso de Nikos se ampliou. — Você também deveria achar. .

Jogando a cabeça para trás, Mia o olhou com raiva. Ele era tão lindo que...

— Não quero mais falar sobre isso. — Desvencilhou-se novamente e recomeçou a andar. Nikos acompanhou seu ritmo.

— Se você quer a minha opinião, Mia...

— Eu não quero — interrompeu ela.

— Deveria falar sobre isso com mais frequência — continuou ele de qualquer maneira. — Você se leva muito a sério... e pare com isso! — Girou-a, de modo que ela o encarasse; então, abaixou-lhe os braços, com os quais Mia envolvia as costelas. Ela cerrou os punhos.

Nikos olhou para as mãos dela em exasperação.

— Linguagem corporal fala mais que mil palavras — disse ele. — Já lhe ocorreu que se você não se importar de onde veio, ninguém mais vai se importar?

— Ser insolente sobre isso, você quer dizer?

— Melhor que guardar ressentimento. Pare de sentir pena de si mesma, Mia. Você teve um passado expressivo. E daí? Sem ele, não estaria aqui hoje!

Pena de si mesma? Mia queria dizer que ele não podia saber como ela se sentia, mas isso soaria como auto piedade; então apenas o observou com raiva. Os olhos dele estavam quase pretos na escuridão, a luz da rua enviando um brilho dourado para a pele cor de oliva.

Alguma, coisa mudou na atmosfera. Começou quando Nikos baixou os olhos para sua boca. Ele queria beijá-la. Instintivamente, Mia sabia disso. Seu coração pareceu parar de bater, então bombeou com violência, porque... *Dio*, ela também queria que ele a beijasse... muito.

Nikos sabia que ia fazer isso. Simplesmente sabia que não podia se conter. Ela era uma criatura linda, ardente e desejável, com paixão nos olhos e nos suaves lábios trêmulos.

Deslizando os dedos dentro dos cabelos dela, ele trilhou um dedo ao longo do pescoço elegante. O azul dos olhos de Mia se aprofundou, e ela entreabriu os lábios, inclinando-se para mais perto, indicando o que estava prestes a acontecer. Sentindo-se como um homem controlado por imã, Nikos manteve-se imóvel enquanto ela aproximava a boca da sua.

Um carro passou buzinando alto, e eles se separaram num sobressalto.

Atordoada pela pressão que se construía em seu interior, Mia deu um passo para trás, ao mesmo tempo em que Nikos soltou-lhe um dos braços que ainda segurava.

Subitamente percebendo que tinha sido ela a se inclinar para beijá-lo, Mia virou-se envergonhada, precisando escapar do que quase fizera. O estacionamento do prédio de apartamentos encontrava-se a poucos metros de distância. Atravessando para lá, estava tão ansiosa para digitar sua senha, de modo que pudesse entrar antes que Nikos chegasse às portas, que digitou os números na ordem errada, e teve de cancelar para recomençar a sequência. Então um braço forte estendeu-se sobre seu ombro e fez o trabalho por ela.

As portas se abriram. Eles entraram no saguão. Nenhum dos dois falou uma palavra enquanto o elevador os levava para a cobertura. Recusando-se a olhar para os espelhos, Mia fixou os olhos no chão de mármore. Mas podia *sentir* a presença dele, como uma onda feroz de energia que a contagiava de tal maneira que ela mal conseguia respirar.

No momento que as portas se abriram, Mia saiu do elevador para fugir.

— Espere, Mia. — Ele a fez parar no meio do corredor. — Você esqueceu uma coisa.

Sentindo-se muito tensa, ela não queria virar, mas foi puro orgulho que a fez voltar-se para ele. Estava parado perto do elevador, a postura máscula e sexy.

— O quê? — perguntou ela, sem encará-lo diretamente.

Nikos imaginou como Mia reagiria se ele se oferecesse para terminar o que eles haviam começado na rua. Ela estava tão linda ali, parada, tentando não demonstrar seu desconforto. E a inocência de Mia era como uma barreira que ele queria muito romper e... E o quê?

Desejo é um afrodisíaco poderoso quando alguém sente o mesmo por você. O pensamento tentador dos dedos delicados tocando seu corpo, da promessa sensual que os lábios entreabertos tinham oferecido na rua... Ele só precisaria afrouxar seu autocontrole e tudo estaria em chamas; assim, poderiam encontrar algum alívio.

Uma pena que Oscar o impedisse de fazer aquilo.

— Suas boas maneiras — respondeu Nikos finalmente. — É educado agradecer a um homem que a leva para jantar.

Ele era tão frio, tão sardônico, pensou Mia, fechando os olhos por um momento.

— Obrigada — murmurou de maneira obediente — por uma noite tão agradável, *signor*.

— O prazer foi meu, *signorina* — retornou ele, e mesmo o supercontrolado Nikos Theakis não foi capaz de evitar um sorriso.

Ela assentiu e virou-se, a cabeça erguida, os cabelos pretos cascadeando pelas costas rígidas. Nem um único tremor abalou o corpo de Mia enquanto ela andava para a porta, digitava seu código de segurança, então abria a porta e entrava.

Nikos encostou-se contra a parede e fechou os olhos.

Mia Bianchi estava rapidamente se tornando um tipo de droga recreativa a qual ele nunca sucumbira. O tipo que você só experimentava se estivesse procurando pela perda total do controle de sua vida.

Precisava de uma mulher, decidiu Nikos com irritação. Não deveria ter dispensado aquela com quem ia sair essa noite, para perseguir a única que não poderia

ter.

Abrindo os olhos e se desencostando da parede, deu uma última olhada para a porta fechada de Mia; então, voltou a entrar no elevador, e apertou o botão do térreo.

Mia observou pela janela de seu quarto, enquanto Nikos atravessava o estacionamento com passos de um homem ansioso para partir. *Missão cumprida*, pensou com tristeza. Tendo se livrado da responsabilidade irritante, agora ele iria realmente se divertir. E estava com o celular na orelha para descobrir exatamente com quem se divertiria.

Com uma mulher?

Obviamente, decidiu Mia, fechando a persiana, de modo que não pudesse mais vê-lo.

Capítulo Cinco

O som do celular tocando, tirou Mia de um sono profundo, no qual finalmente caíra após ter passado metade da noite em claro, tomada de inquietação.

Estendendo uma mão para tatear sobre o criado-mudo e pegar o celular, ela o colocou na orelha e enfiou o braço sob a colcha novamente.

— *Ciao.*

— É Nikos — anunciou ele com sua impaciência usual. — Tenho de ir para Hampshire, e você vai comigo.

Mia sentou-se e abriu os olhos.

— Hampshire? O que... há em Hampshire?

— Trabalho. — Veio a resposta sardônica. — Do tipo social.

Ainda sonolenta, Mia afastou seus cachos escuros do rosto.

— Mas hoje é sábado. Eu ia encontrar...

— Eu não me lembro de ter lhe prometido fins de semana livres quando você veio trabalhar para mim — interrompeu Nikos. — Então, qualquer que seja seu compromisso, cancele. Preciso sair por algumas horas mas, quando eu voltar, espero que você esteja pronta para irmos. Irá precisar de um vestido... alguma coisa formal.

— Formal — repetiu Mia, perplexa pelo jeito, que ele simplesmente descartara seus planos. — Formal, como?

— Do tipo do traje mais elegante de Bella — replicou ele, referindo-se à meia-irmã linda e glamourosa de Mia. — Você tem algo assim para usar?

Levantando-se da cama, Mia abriu o guarda-roupa do outro lado do quarto.

— Acho que sim — murmurou ela. — Mas... Nikos, eu não sou muito boa nessas ocasiões formais. Não acho que...

— Este é um comando de Oscar, não meu — ele a informou friamente. — Ele a quer lá para representar a família, porque ninguém mais está disponível para ir. Quer ligar para seu pai e dizer-lhe que você não está disposta a assumir a responsabilidade?

— *Dio*, não — Mia rendeu-se. — Eu irei.

— Ótimo — aprovou ele. — Arrume uma pequena mala, porque não voltaremos hoje. Eu a vejo às 13h.

Ele desligou antes que ela pudesse falar mais alguma coisa. Voltando a se sentar na cama, Mia fez uma lista mental: Hampshire, um vestido formal, uma pequena mala. Esteja pronta por volta das 13h...

Então, subitamente, estava em pânico e ligando para sua meia-irmã Sophie.

— O que vai acontecer esta noite em Hampshire? — perguntou ela.

— Hampshire? — repetiu Sophie Balfour. — Oh, meu Deus...

— O quê? — Mia exigiu saber, já sentindo um calafrio percorrer sua coluna.

— Nikos irá levá-la para lá?

— *Si.*

— Então tome uma pílula da coragem antes de ir, querida — aconselhou sua meia-

irmã. — Se você ficou assustada com o Baile Beneficente de Balfour, então terá um choque, porque Hampshire é um evento mega.

— Mega... — sussurrou Mia. — Vai me explicar este *mega*?

— Já ouviu falar dos irmãos D'Lassio?

— Não. Eu deveria ter ouvido?

— Que tipo de italiana você é que nunca ouviu falar dos dois magnatas mais sexies de lá? — Sophie parecia chocada. — Santino D'Lassio é casado com a maravilhosa Nina Francis, e trabalha em Londres. Alessandro D'Lassio é lindo e solteiro, e trabalha em Milão. Todo ano eles fazem os dois maiores eventos beneficentes do mundo. Um acontece na fabulosa fazenda deles em Hampshire, o outro em sua magnífica propriedade ancestral situada nos arredores de Lake Como. Os dois eventos serão unidos por satélite. Emissoras de televisão e *paparazzi* estarão por toda parte. Astros de cinema, membros da realeza, os megarricos e os superfamosos estarão lá. Você vai adorar — zombou Sophie. — E aposto que Lois Mansell está enfurecida porque Nikos vai levar você, e não ela.

Sentindo o corpo tenso e gelado, Mia perguntou:

— Quem é Lois Mansell?

— Dê uma olhada no jornal de hoje — aconselhou sua meia-irmã. — Ela é a loira fabulosa que foi fotografada nos braços de Nikos quando eles saíram de uma boate ontem à noite.

Às 13h em ponto, Mia apresentou-se no saguão oval da cobertura com sua pequena bagagem para o fim de semana e o vestido que decidira usar naquela noite sobre um braço, numa capa cor de creme. Ela vestia jeans de grife desbotado, uma camiseta preta justa e sapatos pretos de saltos altos. Tinha prendido os cabelos na altura da nuca, e sua maquiagem era suave.

A porta do apartamento de Nikos se abriu, e o coração de Mia bombeou loucamente. Estava vestido da maneira mais casual que ela já vira, de calça clara e um suéter cinza de decote "V" sobre uma camisa xadrez. *Magnífico como sempre*, pensou Mia, e mordeu os lábios quando uma imagem de Nikos vestido num terno preto, saindo de uma boate com uma loira deslumbrante, lhe veio à cabeça.

Eles se entreolharam por alguns momentos. Então foi ela quem quebrou o contato ocular, abaixando os cílios e sentindo-se como a mulher de gelo por dentro.

— Aqui, deixe-me pegar sua sacola...

Quando ele parou para erguer sua sacola de lona do chão, Mia pegou-se olhando para o topo da cabeça de Nikos, onde os cabelos pretos sedosos tendiam a formar pequenos cachos.

Cachos que Lois Mansell, sem dúvida, adorara acariciar na noite anterior. Mia ficou atormentada com a imagem que evocou.

— Quer que eu leve seu vestido?

— Não, obrigada.

O elevador chegou. Determinada a manter um distanciamento profissional, Mia entrou de cabeça baixa, de modo que não o olhasse durante a descida.

A manchete associada à fotografia do jornal dizia:

Esta é a nova loira que o bilionário grego Nikos Theakis escolheu para substituir Lucy Clayton ?

Aquilo tinha sido o suficiente para que Mia reconhecesse que era hora de aprender a superar o que sentia por ele, e se isso significasse não olhá-lo, então não iria olhá-lo.

— Alguma coisa errada? — perguntou ele.

— Nada.

— Se você está preocupada com esta noite, então...

— Eu não estou preocupada com nada. — Ela saiu do elevador antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa.

Foi somente quando Nikos adiantou-se para lhe abrir a porta que ela notou que ele não carregava uma mala para si mesmo. Presumindo que ele já a guardara no carro, Mia saiu para a luz brilhante do dia... somente para parar diante da visão de um carro esporte vermelho novinho, esperando no lugar do Mattea prateado.

Mia fitou-o.

— Você... trocou seu carro.

— Prefiro não causar tortura mental em meus passageiros — replicou ele.

Enquanto Mia se dirigia à porta que ele segurava aberta, capturou um brilho nos olhos de Nikos que dizia que ele estava esperando algum tipo de resposta positiva, porque tivera todo aquele trabalho exclusivamente por sua causa.

Quando não disse nada, ele fez uma careta.

— Você pode me agradecer mais tarde, depois que se recuperar do mau humor porque eu estraguei seus planos para hoje.

Mia levou um minuto para se lembrar de que ele se referia aos seus planos de encontrar Sophie. Elas haviam combinado de ir às compras e depois ao cinema, mas Nikos não lhe dera a chance de lhe contar isso durante o telefonema naquela manhã. Agora, ele que pensasse o que quisesse. O que ela fazia em seu tempo livre era problema seu.

— Cinto de segurança — instruiu ele ao se acomodar atrás do volante.

Alguns minutos mais tarde, estavam atravessando o rio em direção a Battersea. Após tentar iniciar diversos tópicos de conversa e obter somente respostas monossílabas, Nikos suspirou. — Pare com este mau humor, Mia, ou irei pegar o próximo retorno e levá-la de volta para casa.

Mia endireitou-se no assento.

— Eu não estou de mau humor.

— Não? — Parando num farol, virou-se para estudá-la.

— Você me lembra de uma gata feroz de quem tentei ser amigo quando criança. Num minuto, ela era terna e graciosa, roçando seu corpo elegante contra mim, e no minuto seguinte, punha as garras para fora e me arranhava.

— Eu nunca me rocei contra você! — negou ela, sentindo o rosto quente ao se lembrar do jeito que se movera em direção a ele na noite anterior. — Nem o arranhei com minhas garras — acrescentou para encobrir o que dissera antes. — E se eu o lembro de sua amiga gata feroz, então você me lembra de nosso burro — defendeu-se

de maneira furiosa.

— O... quê?

— Túlio, o nosso burro — explicou ela. — Num minuto, ele está dócil e lindamente relaxado, no próximo, age como se não ocupasse o mesmo planeta de todos os outros.

— Você está *me* acusando de ser emocionalmente instável? Mia olhou para as luzes do farol.

— Eu não posso prever como você vai falar comigo no próximo minuto. Túlio é igual. Só que ele não fala... apenas me olha como se dissesse: "Não estou mais com vontade de ser bonzinho com você", e então ele não é. — Mia deu de ombros, depois apontou: — O farol abriu.

— Um burro. — Nikos virou à direita, então acelerou. — *Grazie, cara* — murmurou com sarcasmo, enquanto entrava num pequeno estacionamento perto dos bancos do rio, desligava o motor e descia.

Mia sorriu internamente diante da expressão no rosto dele.

Então ela o insultara e estragara o dia de Nikos. Ótimo, pensou, porque ele havia arruinado o seu com suas atividades noturnas espalhadas por todos os jornais!

Mia tinha o direito de se sentir zangada sobre isso? Provavelmente não; mas se sentia, de qualquer forma.

Detestava-o. Esperava que Lois Mansell fosse a pior amante que ele já levara para cama. *E não estava com ciúme!* disse a si mesma, furiosamente. Estava apenas...

Nikos abriu a porta de passageiro, e assim que ela pôs os saltos no chão, ele fechou os dedos ao redor de seu braço para ajudá-la a se levantar. Chegando à frente dele com mais impulso que o necessário, Mia quase colidiu com o peito largo, chocando-se o bastante para erguer a cabeça.

Eles se entreolharam... os olhos escuros de Nikos avisando-a para tomar cuidado com seu próximo movimento, enquanto os olhos azuis de Mia o desafiavam a fazer algum comentário que a diminuísse.

Mas Nikos optou por um tipo diferente de ataque. Relaxou os cantos da boca esculpida, deslizou uma mão ao redor da nuca exposta de Mia, então abaixou a cabeça e capturou-lhe a boca num beijo ardente!

Aquilo foi tão inesperado e tão íntimo que Mia foi incapaz de fazer qualquer coisa, exceto permitir que ele explorasse os contornos de sua boca com uma sensualidade que a deixou enraizada no lugar.

Atordoada, tropeçou quando ele levantou a cabeça novamente. Ofegante e tremendo, olhou-o.

— Diferente humor, *cara* — sussurrou ele. — Sinceramente, espero que Túlio não seja tão aventureiro.

Mia arfou. Como se sentisse que merecia a reação dela, Nikos assentiu com a cabeça; soltou-a e virou-se abruptamente para o jovem homem que se aproximara sem que Mia percebesse.

— Pegue a bagagem do porta-malas e entregue-a para o meu piloto. Depois leve o carro de volta — instruiu, dando as chaves para o outro homem.

Ainda muito abalada para prestar atenção na parte sobre o piloto, Mia deu uma

olhada para ver com quem Nikos estava falando, e percebeu que era o homem do departamento de contabilidade com quem ela almoçara no dia anterior, e também viu que os olhos dele estavam arregalados em choque.

Mia enrubesceu violentamente. Nikos Theakis a beijara em plena luz do dia na frente de outro membro de seu *staff*.

— Você... você fez isso de propósito! — acusou ela, tremendo.

Nikos pegou-lhe por uma das mãos e puxou-a para longe do carro.

— Ele precisava saber qual é sua possibilidade com você.

— Posição? Eu não entendo esta coisa de *possibilidade comigo* — disse Mia, quase correndo para poder acompanhar os passos dele.

— Ele foi o homem que a deixou plantada ontem à noite.

— Não foi!

— Foi — insistiu Nikos. — E acabo de declarar o que ele precisava saber.

— Pode me explicar do que você está falando? — Puxando com força sua mão capturada, ela fez com que ambos parassem diante de um edifício branco com portas de vidro na entrada. Mortificada, com os lábios ainda queimando, forçou-se a olhá-lo.

Nikos encarou-a de volta, a expressão fria e arrogante.

— Eu a vi entrando com ele no *meu foyer* ontem na hora do almoço — confessou Nikos. — Quando ele sair do estado de choque no qual eu o coloquei, vai perceber que, de agora em diante, você está fora dos limites, se ele quiser manter o emprego.

Totalmente atônita pela armadilha de Nikos, Mia não conseguiu falar mais uma palavra. Virou a cabeça para olhar o carro vermelho, ao lado do qual o homem do departamento de contabilidade ainda se encontrava parado, como se estivesse em estado de choque.

— Você... me beijou para que ele visse — sussurrou ela.

— Não, Túlio me fez beijá-la. Até Túlio surgir, eu tinha decidido que vê-la viajando comigo num fim de semana seria o bastante para colocá-lo no lugar. Túlio me instigou.

Nikos abriu as portas de vidro e conduziu-os para dentro do prédio, então segurou-lhe a mão enquanto falava com a recepcionista atrás do balcão. Fervendo de raiva, Mia queria tanto negar o que ele presumira, mas sabia que não poderia fazer isso sem expor o motivo verdadeiro pelo qual saíra na noite anterior, e *nada* a faria admitir a verdade agora!

Então permaneceu quieta, e só começou a notar as redondezas quando olhou por uma janela e viu o helicóptero brilhando na luz do sol, no que parecia ser um cais de concreto, projetando-se dentro do rio Thames.

Mia cravou as unhas na palma de Nikos. Nunca entrara num helicóptero antes, e não tinha certeza se queria viajar em um agora.

Nikos tentou não reagir quando as unhas enterraram em sua pele enquanto assinava os documentos necessários, e sentia-se vivo pela primeira vez em duas longas semanas. Um fogo se instalava em seu baixo-ventre. Não sabia como ela conseguia lhe causar aquilo, mas era uma realidade. Se ele estivesse no meio de uma selva agora, estaria uivando como um lobo atrás do acasalamento.

Tinha avisado a Oscar. Tinha avisado a Mia. Avisara inclusive a si mesmo. Mas fora necessário um burro chamado Túlio para libertar seus instintos de caçador das amarras que ele colocara ao redor deles. Virando-se para as portas de vidro, Nikos levou-a para fora novamente. Seu novo carro esporte havia desaparecido. O jovem tolo devia estar apreciando o carro como prêmio de consolação. Nikos virou-os em direção ao cais no qual seu helicóptero aguardava.

Mia permaneceu calada enquanto Nikos a ajudava a subir os degraus para o interior de couro cor de creme, com a impaciência de um homem que acreditava que tinha o direito de manipulá-la.

Irritada pela atitude possessiva, ela escolheu um assento do outro lado da cabine e sentou-se. Recusou-se a fitá-lo quando Nikos se acomodou na poltrona mais longe da sua possível. Se duas pessoas quisessem anunciar que estavam em guerra, suas escolhas de assentos sinalizariam perfeitamente a linha de batalha.

A porta se fechou. As hélices começaram a girar. O nervosismo de Mia aumentou quando a máquina saiu do solo. Enquanto seu coração batia em descompasso, ela olhou para fora e, no que pareceu segundos, encontrou-se olhando para o rio abaixo, que cintilava como uma fita prateada brilhando no sol.

Ele não falou. Ela não falou. Mas Mia podia sentir a energia ardente emanando de Nikos e vindo na sua direção.

Ainda sentindo os lábios queimando pelo beijo, ela os umedeceu com a língua. Sua boca tornou-se repentinamente viva com o gosto dele. Chocada que um beijo pudesse deixar um resíduo tão íntimo, cerrou os lábios e recusou-se a mexê-los novamente.

— Bebida?

Mia forçou-se a olhá-lo. Ele parecia diferente de novo... *perigosamente* diferente. A postura era relaxada no banco de couro, com as longas pernas estendidas à frente, mas os olhos estreitos continham um brilho que avisava que algo novo causara outra mudança de humor.

Desejo, nomeou ela, não sabendo como reconhecia aquilo. Olhou para a boca sensual. Nikos poderia sentir seu gosto, como ela sentia o dele?

Mia meneou a cabeça e olhou para o horizonte, onde a cidade tinha começado a diminuir, e a terra abaixo se transformara numa longa extensão de verde enquanto eles sobrevoavam campos.

Do outro lado da cabine, Nikos falava ao celular. A frente, escondido atrás de uma divisória, alguma pessoa invisível pilotava, levando-os... ela não sabia para onde, porque se esquecera de perguntar em que lugar ficariam hospedados.

Um pouco depois, o helicóptero começou a descer. Mia viu uma série de telhados criando o formato de uma grande casa de campo, erguida no centro de um imenso gramado, que se inclinava para um pequeno lago.

Quando eles desceram no gramado a poucos metros da casa pintada de cor clara, ela presumiu que aquele devia ser um hotel. E só percebeu seu erro quando Nikos liderou o caminho para a porta da frente, e Mia o ouviu cumprimentar um homem de cabelos grisalhos antes de dirigir-se a uma mesa lateral, manuseando uma pilha de cartas que ali descansavam.

— Esta é uma casa — murmurou ela, pausando para olhar em volta do hall iluminado e arejado.

Nikos olhou-a.

— O que você pensou que fosse?

— Um hotel.

Ele sorriu.

— Esta é a minha casa... ou a que eu uso nos fins de semana quando estou na Inglaterra.

— Sophie não mencionou isso.

— Por que ela mencionaria?

Desviando os olhos da magnífica escadaria de madeira que ocupava a posição central, Mia o fitou.

— Nenhuma razão — disse ela, exceto que Sophie sempre sabia tudo, então, o fato de não saber que Nikos possuía uma casa de campo em Hampshire parecia... estranho. — Quantas casas você tem?

— Muitas, provavelmente — zombou ele. — Eu não gosto de hotéis. Prefiro meu próprio espaço.

Havia alguma coisa intrigante no jeito que ele falara aquilo, mas ela não sabia definir o que era.

Alguém entrou pela porta aberta da frente, fazendo-a virar-se. Era o homem que Nikos cumprimentara ao chegar lá, carregando sua sacola de lona e seu vestido na capa.

— Este é Lukas — Nikos fez as apresentações. — Lukas mantém a casa funcionando. Se você precisar de alguma coisa enquanto estiver aqui, Lukas poderá cuidar disso. Srta. Balfour, Lukas — disse ele.

— Boa tarde, srta. Balfour — cumprimentou Lukas educadamente. — Levarei a bagagem ao seu quarto, depois providenciarei um lanche.

Mia observou-o ir em direção à escada enquanto refletia. O lugar se parecia muito com a mansão Balfour, ao mesmo tempo em que era totalmente distinto. A mansão Balfour era vasta em comparação àquela casa, com móveis pesados, trabalhos de arte inestimáveis e antiguidades raras. Este lugar tinha paredes pintadas da cor de creme e uma aparência mais clássica.

Ela gostava da casa.

— Dê uma olhada ao redor, enquanto acabo de ler a correspondência — convidou Nikos.

Andando por ali, Mia descobriu que todas as portas já estavam abertas, como se num convite para que ela adentrasse cada cômodo. O primeiro que ela escolheu foi uma linda sala de estar com sofás e poltronas de veludo dourado. Havia um grande piano diante de duas janelas francesas situadas nos fundos da sala.

— Você toca? — ela perguntou para Nikos quando saiu da sala novamente.

— Eu costumava tocar. Não tenho muito tempo ultimamente.

Imaginando por que ele falava de um dom de maneira tão indiferente, Mia atravessou o hall para o outro lado e descobriu um escritório apinhado de livros, com

uma mesa enorme sob a janela e móveis verdes.

Saindo de novo, viu que Nikos terminara de examinar as cartas e a estudava. Um arrepio a percorreu. De súbito, consciente de que eles pareciam sozinhos, exceto por Lucas, Mia não sabia se estava à vontade com o arranjo.

— A... que distância estamos da fazenda dos D'Lassio? — perguntou ela.

— A cinco minutos de helicóptero, vinte minutos de carro. Você quer ver o resto da casa, ou está pronta para comer e beber alguma coisa?

Mia não sabia o que queria fazer. Por alguma razão, sentia-se muito insegura quanto ao humor de Nikos naquele momento. Ele parecia relaxado, sim. Estava sendo agradável. Mas havia alguma coisa diferente sobre ele que a fazia querer...

Fugir?

Ele não se oferecera para mostrar o quarto dela, o que era geralmente a primeira coisa que as pessoas faziam com um hóspede que ia passar a noite. Não que ela *quisesse* que Nikos lhe mostrasse seu quarto, mas...

Mas o quê?

Exasperada consigo mesma, decidiu que estava muito nervosa para ficar parada.

— Acho que eu gostaria de conhecer melhor a casa. Assentindo, Nikos conduziu o caminho em direção aos fundos da casa. Meia hora depois, ela vira uma academia de ginástica, uma piscina interna, uma sala de jantar muito elegante, duas saletas menos formais, e um imenso jardim repleto com as primeiras flores do verão. Nikos não a tocou; todavia, ela tremia por dentro toda vez que ele ameaçava fazer isso.

Era tudo culpa daquele beijo, disse a si mesma. O fato de que ele a beijara tão repentinamente mostrava o quanto Nikos era volátil... imprevisível. O tipo de homem que era uma lei para si mesmo. Ele a fascinava e a enervava em medidas iguais, deixando-a extremamente ciente de sua proximidade.

— É uma casa muito grande para Lukas cuidar sozinho — observou Mia. — Você tem outros empregados? — Ela não vira mais ninguém.

— Muitos, mas eles sabem que não devem ficar por perto quando eu estou aqui.

Porque, como ele já dissera, gostava de seu próprio espaço. O celular de Nikos tocou naquele momento e, após atender, ele murmurou:

— Com licença, eu preciso lidar com isso — e foi em direção ao escritório, falando em grego.

Foi como ser libertada por bom comportamento. Mia suspirou com alívio. Trabalhar perto dele era cansativo. *Voar* com ele era cansativo! Mas estar na companhia graciosamente educada de Nikos por uma hora inteira a esgotara!

Como ele conseguia mudar de humor com tanta rapidez? Como podia passar de um chefe impaciente a um beijador com sérias tendências possessivas num piscar de olhos?

Ardente, dominador e perigoso, classificou ela, tremendo, apesar de não querer reagir.

Quem ele seria a seguir? O urbano sofisticado usando sua máscara social, enquanto uma Balfour se pendurava em seu braço?

Tais mudanças de humor estavam confundindo as emoções de Mia. Ela precisava

de alguma coisa para parar de pensar nele.

Felizmente, Lukas apareceu para oferecer o lanche prometido.

— Está um dia tão bonito. Talvez você queira se sentar no terraço? Tenho certeza que o sr. Nikos não vai demorar.

Sr. Nikos podia demorar o quanto quisesse, pensou Mia, seguindo Lukas e atravessando as salas de estar para o exterior da casa. No momento em que relaxou numa espreguiçadeira, com o calor do sol tocando-lhe o rosto, sentiu saudade da Toscana, da fazenda de tia Giulia e dos bambos móveis de madeira que elas usavam como uma extensão da cozinha antiquada durante os longos meses de verão.

Lukas abriu um guarda-sol de lona, subitamente colocando-a na sombra. Ela sabia que ele tinha sido bem-intencionado, embora estivesse mais feliz sentindo o calor do sol no rosto, algo que não tivera a oportunidade de fazer desde que chegara à Inglaterra. Mais uma coisa que sentia falta sobre a Toscana.

— Gostaria de algo gelado para beber, ou prefere café ou chá? — perguntou Lukas.

Mia teve vontade de pedir uma grande dose de vodca, apenas para ver a reação de Lukas. Nunca tomara vodca, mas a casa, Lukas e toda aquela atenção não combinavam com a natureza independente de Nikos Theakis.

— Algo gelado — respondeu ela.

— Café para mim, Lukas — uma terceira voz instruiu.

Nikos saiu no terraço, então parou por um segundo, erguendo o rosto, como se também sentisse falta do sol. Ele tinha removido o suéter e enrolado as mangas da camisa, revelando braços fortes com finos pelos pretos que realçavam seu bronzado.

Por um momento infinito, Mia ficou hipnotizada pela beleza dele. Uma pequena chama percorreu seu corpo.

Então ele abaixou a cabeça, e ela desviou o olhar, sentindo-se indefesa contra aquelas ondas de atração que continuava experimentando.

— Eles irão fechar o heliporto da fazenda D'Lassio pela noite, para impedir que a imprensa não convidada voe para lá — ele estava dizendo para Lukas. — Então você pode informar ao meu piloto que precisamos sair antes das 7h?

Assentindo com a cabeça, Lukas os deixou sozinhos no terraço. Mia fixou os olhos no jardim, onde uma deusa grega elegante jorrava água de uma urna para dentro de um lago circular. *Tão tranquilo*, pensou ela, quando não havia nada de tranquilo sobre o homem que devia ter mandado posicionar a piscina e a deusa lá.

— Então, o que você acha? — Ele veio se sentar na espreguiçadeira ao seu lado, recostando-se e estendendo as longas pernas.

— Sobre a casa? Você já deve saber que é muito linda.

— Eu a comprei no ano passado de um conhecido que precisava de dinheiro com urgência — contou ele, casualmente. — A ideia era revendê-la, mas o mercado imobiliário atual me fez decidir esperar um tempo.

— Isso explica então — murmurou Mia. Ele virou a cabeça para olhá-la.

— Explica o quê?

— Lukas veio com a casa? — Mia respondeu com outra pergunta.

— Sim.

Ela assentiu. — A decoração e os móveis?

Os olhos de Nikos se estreitaram, e Mia sentiu aquela onda de eletricidade no ar.

Ela teve de umedecer os lábios com a ponta da língua antes de continuar:

— Sua... marca não é visível aqui.

— Marca — repetiu ele.

— Este é... este é o modelo perfeito de uma casa de campo de um homem inglês,

— O que sabe sobre os ingleses?—Nikos riu. —Você é uma interiorana da Toscana, cujo melhor amigo é um burro chamado Túlio.

— Metade do meu sangue é inglês — defendeu-se Mia.

— Por tudo que você sabe, eu posso ser meio inglês também.

— Você é?

— Não — concedeu ele. — Mas você não poderia saber disso. Está fazendo suposições a meu respeito sem conhecimento dos fatos. Isso é perigoso comigo, *cara*.

E Mia sabia que ele estava certo. Desde que ela acordara naquela manhã, sentira um elemento perigoso cercando-a.

Quando não conseguiu quebrar o contato ocular com ele, entendeu que aquilo estava piorando.

Capítulo Seis

Mia virou-se para se olhar no longo espelho e sentiu novamente aquela pulsação, agora familiar, no baixo-ventre.

O vestido um dia pertencera a Bella. Ela passara metade da manhã encurtando a longa extensão da seda azul. Mas era o resto do vestido que aguçava seus sentidos. O corpete sem alças moldava seus seios com perfeição; abraçava cada curva de seu corpo com camada após camada de pregas intrincadas até suas coxas, antes que a seda pura fluísse para seus pés, elevados por um par de delicadas sandálias de salto salpicadas de diamantes.

— Oh, meu Deus! — exclamou ela, impressionada com o próprio visual.

Gotas de cristal dançavam entre as pregas, acentuando o formato de seu corpo quando ela se movia. Mia prendera Os cabelos num coque frouxo na nuca, e sua pele tinha um brilho dourado contra o azul-claro do vestido. Um fabuloso colar com uma lágrima de diamante, presente de Oscar, descansava em sua correntinha de ouro acima dos seios, e brincos combinando reluziam em suas orelhas. Mia esperara ficar elegante e sofisticada, mas o resultado alcançado parecia... pura sensualidade. Sentia-se sensual até mesmo em lugares que não ousava pensar, para não enrubescer.

Mas mordiscou os lábios pintados de brilho rosa, porque estava descobrindo que uma coisa era imaginar-se vestida assim para impressionar certo homem, e outra bem diferente era perceber que tinha chocado a si mesma.

Nikos estava parado no hall, falando ao celular, quando Mia apareceu no topo da escadaria. No momento que ele olhou para cima e a avistou, parou de falar no meio de uma sentença, os olhos escuros a percorrendo da cabeça aos pés.

Theos, eu estou encrencado, foi o único pensamento que pôde registrar quando um calor familiar se instalou em sua virilidade e o deixou ofegante ao mesmo tempo.

Então ele se tornou consciente de que ainda segurava o celular na orelha, e virou-se de costas para ela, a fim de terminar a ligação, enquanto também tentava controlar sua libido.

Este fim de semana é sobre *trabalho*, lembrou-se.

Sim, diga isso ao beijo que você ainda pode saborear.

Somente ver o jeito que a expressão de Nikos se fechara antes que ele se virasse foi o bastante para causar um nó de tensão no estômago de Mia. Ele fizera aquilo de novo, magoando-a com seu criticismo silencioso.

Mia chegara ao último degrau antes que ele se virasse novamente.

— Peço desculpas — disse Nikos. — Petros precisava discutir um assunto urgente comigo antes que saíssemos.

Ele começou a se aproximar, magnífico num outro terno formal.

— Amei o vestido.

Mia deu um sorriso tenso em resposta.

— Você não tem um casaco, um xale ou algo assim? Ela meneou a cabeça.

— A noite está quente.

Na verdade, ela se esquecera de levar algo como um Xale, mas não admitiria isso.

— Vamos, então. — Nikos conduziu-a à porta da frente.

Enquanto eles sobrevoavam a propriedade D'Lassio, Mia surpreendeu-se com o esplendor palaciano, mesmo tendo a mansão Balfour como referência. Balfour era construída em linhas mais tradicionais, com pátina da época para suavizar suas paredes de pedra cinza, enquanto aquela casa era designada para parecer mais um palacete romano, com um pátio central e jardins formais. Numa das laterais da rota para os carros havia um estacionamento improvisado, e na outra lateral, Mia contou seis helicópteros pousados. Quando o helicóptero desceu mais, ela viu duas piscinas, uma ao ar livre, e outra sob uma cúpula de vidro. Duas equipes televisivas e uma multidão de fotógrafos esperavam gravar a chegada deles. No momento que ela os viu, seu coração disparou.

— Esboce o sorriso Balfour, *glikia mau* — instruiu Nikos suavemente, enquanto a ajudava a descer os degraus do helicóptero.

Obedecendo, Mia sorriu. Flashes de câmeras iluminaram o início da noite. Nikos segurou-lhe a mão enquanto eles andavam ao longo de um tapete de grama artificial. Atrás deles, os rotores do helicóptero recomeçaram a se mover. Perguntas foram gritadas, e um microfone colocado perto do seu rosto.

— Boa noite, srta. Balfour, pode nos contar que designer fez seu vestido?

Surpresa ao encontrar-se olhando diretamente para as lentes de uma câmera de televisão, Mia respondeu sem pensar, sem se perguntar se o designer italiano mundialmente famoso queria seu nome atado àquele vestido, uma vez que o modelo tinha mais de um ano.

— *Buona sera', signorina.* — O som de sua língua materna fez Mia virar a cabeça na outra direção, para outra câmera televisiva. — *Signor* Valencia sabe como realçar uma figura sensacional, não é? — O entrevistador já tinha captado o nome do designer do vestido. — Pode contar à Itália como é para uma garota de uma fazenda na Toscana descobrir que é filha de um inglês rico?

A pergunta veio sem aviso. Ela apertou a mão de Nikos, e um calor subiu ao seu rosto enquanto ele permanecia parado ao seu lado, sorrindo, esperando que ela desse uma resposta.

Aquele era um teste. Nikos a estava deixando aprender a como se virar. Tutor e aluna trabalhando na sala de aula da vida.

— ... *Grazie... Buona sera', Itália...* — Mantendo o sorriso no lugar, ela conseguiu fazer um comentário inteligente sobre as diferenças entre sua velha vida e sua nova vida.

— Adoro sua voz, Mia! — outra pessoa falou em inglês. — Muito sexy. Eu poderia ouvi-la a noite inteira! O que você acha, Nikos?

Nikos apenas sorriu, e começou a conduzi-la para a frente, pensando que *sexy* nem começava a descrever aquele tom rouco.

Abaixando a cabeça, ele murmurou:

— Você lidou bem com a situação. Agora, vamos ver se consegue enfrentar o

resto da noite sem fugir para a cozinha.

— *Non capisco* — respondeu Mia, recusando-se a reconhecer sua fuga para a cozinha na noite do Baile Beneficente de Balfour.

Nikos deu uma risada suave, e eles entraram na casa.

A próxima meia hora foi de apresentações, com mais câmeras gravando tudo. No momento que Mia teve a chance de respirar fundo, estava tonta.

— Você poderia ter me avisado — ela reclamou para Nikos.

— Prevenida, havia uma chance de você fugir — disse ele, pegando duas taças de champanhe e entregando-lhe uma.

— Este lugar é incrível. — Ela mudou de assunto, olhando ao redor.

— Santino gosta de nos impressionar com suas habilidades de engenharia estrutural — murmurou Nikos.

— Eu pensei que os D'Lassio fossem magnatas dos meios de comunicação.

— Fez sua lição de casa? Erguendo o queixo, Mia respondeu:

— É para aprimorar meus conhecimentos que estou aqui com você, não é?

O desafio direto. Nikos arqueou uma sobrancelha, porque não esperara aquilo. Como um tolo participando de um jogo perigoso, prendeu-lhe os olhos azuis e sentiu a consciência sexual que estava sempre presente entre eles agora.

Ela desviou o olhar primeiro.

— Venha — murmurou ele. — Vamos para onde a verdadeira ação está.

Mia viu *ação* no momento que eles adentraram um vasto salão repleto de pessoas glamourosas. A sociabilidade começou imediatamente. Nikos a manteve do seu lado enquanto andava ao redor, ganhando atenção sem esforço, porque as pessoas estavam ansiosas para encontrá-lo. Era a qualidade do homem, sua riqueza, seu brilhantismo empresarial, sua beleza incrível e seu charme constante. Pessoas se esforçavam para ganhar um sorriso de aprovação dele.

Então Nikos arruinou tudo para ela quando se virou e anunciou:

— Certo, é aqui que eu deixo você sozinha por um tempo.

Mia empalideceu. Nikos suspirou, segurando-lhe os ombros e virando-a de frente para si.

— Tudo que você precisa fazer é circular e ouvir. Se souber do que eles estão falando, participe. Do contrário, faça perguntas — explicou ele, como se aquilo fosse muito simples. — As pessoas gostam de mostrar seus conhecimentos. O que não gostam é de alguém fingindo entender de um assunto quando não entendem. Tudo bem?

Pressionando os lábios para fazê-los parar de tremer, Mia assentiu.

— E você é uma Balfour — ele a lembrou. — As pessoas aqui sabem disso, e irão adorar lhe dar as boas-vindas ao grupo apenas pelo poder do seu nome. Na verdade, tentarão impressioná-la, de modo que você as mencione para Oscar.

— Não para você?

— Para mim também — concordou Nikos. — Se eles lhe fizerem uma pergunta muito pessoal, dispense-os, como gosta de fazer comigo. Você é espirituosa, Mia, use isso em sua vantagem. Seja sempre educada. Esteja sempre ciente do quanto está

bebendo. Eu virei encontrá-la em meia hora, quando iremos jantar.

Consultando o relógio de prata que tia Giulia lhe dera no seu último aniversário, ela disse: — Tudo bem. — Com um tremor muito leve na voz. Nikos ouviu, e suspirou.

— Está tudo bem... realmente. — Mia endireitou os ombros. — Isso é trabalho, sim? É desta forma que lidarei com a noite.

Ele ainda hesitou, dando a impressão de que queria dizer mais alguma coisa, e, por alguma razão, Mia prendeu a respiração.

Então ele instruiu:

— Não fuja. — E saiu dali.

Pela próxima meia hora, Mia socializou-se. Como Nikos dissera, foi mais fácil do que ela esperava, porque pessoas a reconheciam instantaneamente e a incluíam na conversa, sem que ela precisasse se intrometer.

Nikos desejou que fosse uma tarefa mais fácil deixá-la sozinha, mas não achara. Sentia-se como se tivesse abandonado um cachorrinho no meio de uma autoestrada. Todavia, precisava falar com algumas pessoas sobre Lassiter-Brunel. Durante o exercício de pesquisa de Mia, ela expusera alguns problemas que o estavam perturbando. Certo, pensou, então tinha cancelado o acordo profissional com Brunel, mas fizera isso por razões pessoais. Havia agido somente naquela manhã, quando voltara ao escritório para estudar o arquivo de Mia, que vira outras coisas que o perturbaram.

Ela era boa em bisbilhotar, reconheceu ele com um sorriso. Mas outros colegas no mesmo negócio talvez não tivessem uma investigadora tão linda que fizesse Brunel baixar a guarda profissional a ponto de que qualquer um pudesse questionar se ele possuía tão boa reputação quando dizia possuir.

Dedos delgados se curvaram ao redor do braço de Nikos.

— Então você acabou aqui com a pequena tola de Oscar — murmurou uma voz zombeteira.

Olhando para baixo, Nikos sorriu para a linda, porém perigosa, colunista de fofocas Diana Fischer, que se posicionara ao seu lado.

— Quem teria acreditado que Oscar tivesse um segredo tão delicioso? — continuou ela. — Talvez tenha sido melhor que o escândalo tenha estourado somente depois que a pobre Lillian partiu desta vida. Imagine o horror que sentiria ao descobrir que fora traída pelo homem com quem estava casada por vinte anos.

Ela sondava por detalhes, os quais Nikos não revelaria.

— Ainda aprecia brincar de mulher sem coração, Diana?

— Eu *não* tenho coração? — Os adoráveis olhos verdes se arregalaram. — Conte-me, Nikos, quantos corações você partiu desde que se tornou sexualmente ativo?

— Eu estava me referindo à sua falta de respeito pela falecida.

— Eu adorava Lillian — declarou Diana. — Todos adoravam. Achei que eu estava sendo compassiva com ela. Afinal, quem *iria* querer descobrir que o marido dormiu com outra mulher?

— Isso me lembra algo — murmurou Nikos. — Por que Lance está se divorciando de você?

— Oh! — Ela fez um biquinho. — Isso foi tão cruel, Nikos.

Ele riu. Diana era uma interesseira promíscua mas, pelo menos, não fingia ser outra coisa. Ele a admirava por isso... contanto que ela não se metesse com Oscar ou com as filhas de Oscar.

Uma filha em particular, emendou, incapaz de evitar que seus olhos a procurassem. Avistou-lhe os cabelos escuros entre um grupo de jovens, e não teve certeza se gostou da estranha pulsação em seu baixo-ventre.

— A tola é diferente das outras sete, não é? — perguntou Diana, seguindo seu olhar. — Ela é tão tímida e reservada... veja como ruboriza por causa de alguma coisa que Joel Symons está lhe dizendo...

Nikos estava vendo.

— Ela não tem ideia de como lidar com pessoas como nós.

— Como nós? — questionou Nikos.

— Bem, nós já estabelecemos que eu não tenho coração, e que você parte corações. E há um salão repleto de pessoas de ambos os tipos aqui esta noite. Homens com egos em suas carteiras e suas calças, e mulheres com os seus nas carteiras e calças dos *homens* — disse ela. — A tola nos olha como se fôssemos alienígenas, e eu não a culpo. Imagine como deve ser para ela ser lançada na sociedade Balfour depois de passar metade da vida numa montanha, plantando.

— E talvez ela reconheça que é assunto quente para línguas como a sua — ofereceu Nikos.

E percebeu que estava certo. Mia não se impressionava pelo seu novo estilo de vida glamouroso, mas por sua própria notoriedade como filha ilegítima de Oscar Balfour.

— Faça-me um favor, Diana. Deixe Mia longe de suas farpas.

— E o que você fará por mim? — devolveu ela. Inclinando-se, Nikos beijou-lhe o rosto.

— Respeitá-la — murmurou e saiu.

Mia viu o beijo e perguntou-se como se chamava aquela loira em particular. Lindas loiras o rodeavam, decidiu, pensando em Lois Mansell, com quem Nikos estivera na noite anterior.

Tinha pena da que ele acabara de beijar, decidiu, virando-se e indo na direção oposta. Porque havia algo que Nikos lhe ensinara: ele ia embora com a mulher com quem chegara, levando-a seguramente até a porta da casa dela.

Até a porta do seu quarto, no caso de Mia naquela noite.

Uma mão segurou seu pulso quando ela ia passar pelas portas abertas e sair no terraço. Mia virou-se para encontrar os olhos frios de Anton Brunel.

— Eu quero falar com você — ele a informou.

— Acho que não. — Tentando se desencilhar, o pulso de Mia doeu quando ele o apertou com mais força. — Solte-me!

— Não até que eu obtenha algumas respostas suas. — Afastando-a das portas, ele a encurralou atrás de um vaso com uma palmeira gigante. — Certo, você me deve uma explicação sobre o jogo que está fazendo, contando mentiras sobre mim para

Theakis!

— Eu não menti sobre você — negou Mia, fazendo uma careta quando dedos fortes esmagaram seu pulso.

— Você passou o almoço inteiro me excitando com seus olhares sexies, então disse a *e/e* que fui *eu* quem a provocou!

— Você vive num mundo ilusório, *signor*, se acredita no que acabou de dizer — retorquiu Mia, olhando por sobre a cabeça dele a fim de ver se alguém notara a maneira que ele a encurralara ali.

Foi um choque perceber que ele tinha escolhido bem o lugar, porque a palmeira os escondia completamente.

Então ela arfou quando ele usou o corpo para pressioná-la contra a parede.

— Ouça, quero que conte a verdade para aquele imbecil ciumento! Você me provocou! Ofereceu-se durante o almoço, e se eu mordi a isca, ele só pode culpá-la por isso. Não vejo por que eu deveria perder o melhor investimento para a minha empresa porque você gosta de fazer jogos sexuais do outro lado da mesa!

O rosto de Brunel estava tão perto do seu que Mia respirava o álcool do hálito dele.

— Eu não faria jogos sexuais em nenhum lugar com você — disse ela, tremendo com desgosto. — E se *não* me soltar, vou começar a gritar por socorro!

— Não, não vai — contestou ele. — Você é uma Balfour, e tem muito medo de fazer uma cena aqui. Theakis não vai gostar disso. Seu papai querido não vai gostar.

— Mas eu não estou fazendo uma cena... você está. Agora... solte-me!

Com um puxão violento, Mia conseguiu liberar seu pulso. Quando ele ia agarrá-la novamente, ela o empurrou com força o bastante para fazê-lo tropeçar um passo atrás, dando-lhe espaço suficiente para rodeá-lo e escapar.

Tremendo interiormente de raiva, Mia correu para o terraço da piscina. Temendo que ele a seguisse, juntou-se ao primeiro grupo de pessoas que viu parado ao lado da piscina, e sorriu agradecida quando eles abriram o círculo para convidá-la ao mesmo.

Fizera as coisas das quais Anton Brunel a acusara? Talvez tivesse feito aquilo sem se dar conta. Mas sua falta de consciência a tornava menos culpada? Nikos não a acusara de fazer a mesma coisa com o garçom do restaurante na noite anterior?

Seria algum tipo de sedutora inconsciente?

E seu pulso estava doendo, notou, esfregando o local que Anton Brunel apertara. Alguém lhe ofereceu uma taça de champanhe. Ela sorriu e aceitou, esperando não demonstrar seu nervosismo.

Não queria ser sedutora. Não gostava do significado disso.

Mia ouviu a voz profunda de Nikos e virou-se para vê-lo saindo no terraço, ladeado por Santino D'Lassio e Nina, sua linda esposa raiva. Os três estavam sorrindo, relaxados... parecendo amigáveis e à vontade.

Alguém gritou:

— Ei, Nina! Quando você vai nos alimentar?

E a risada suave de Nina D'Lassio preencheu o terraço, fazendo Mia sorrir também, porque a risada era contagiosa. Então uma mão tocou o centro de suas costas

e empurrou, impulsionando-a para a frente. Por um momento, Mia balançou-se sobre os dedos dos pés, tentando evitar a queda, olhando, apavorada, para dentro da piscina iluminada.

Então perdeu a batalha, e a próxima coisa que soube era que estava caindo, seu grito agudo de choque a última coisa que se lembrava antes que afundasse nas profundezas da água gelada.

Nikos estava segurando seus braços, mesmo enquanto ela subia à superfície, tossindo e lutando por ar. Foi nos olhos escuros intensos que Mia focou, enquanto ele a puxava e a tirava da água como um trapo tremendo e pingando.

Flashes de câmeras brilharam no silêncio que pairava no terraço da piscina. Ainda muito chocada para se importar, fechou as mãos nos braços musculosos de Nikos num esforço de permanecer de pé. Suas pernas estavam tremendo, e ela perdera as sandálias na queda. Seus cabelos haviam se soltado, e agora pingavam em seu rosto, enquanto lágrimas queimavam em seus olhos.

— O que aconteceu? — perguntou Nikos.

— Eu poderia jurar que alguém a empurrou — uma voz sem rosto declarou, e ouvir aquilo a fez emitir um pequeno soluço.

Praguejando, Nikos tentou envolvê-la no abrigo de seus braços, mas ela recusou.

— Eu irei molhar você.

— Acha que eu me importo com isso?

Uma grande toalha quente foi colocada ao redor de seus ombros, e Mia aconchegou-se à toalha, agradecida, tremendo muito agora.

— Você está bem, Mia? — Foi somente ao ouvir a pergunta ansiosa de Nina D'Lassio que Mia percebeu que devia ter sido sua anfitriã que lhe dera a toalha. — Machucou-se em algum lugar?

Meneando a cabeça, Mia tentou se recompor.

— Eu estou bem — respondeu, lutando para diminuir o ritmo das batidas do seu coração. Conseguiu dar uma risadinha. — Não sei como isso... aconteceu, mas não ficarei ofendida se vocês pensarem que estou embriagada!

Risadas de apreciação soaram ao redor do terraço. Depois disso, as pessoas começaram a relaxar e conversar novamente.

— Deixe-me cuidar dela, Nikos — ofereceu Nina. — Ela precisa tirar estas roupas molhadas.

Foi então que Mia percebeu o jeito que ele ainda a segurava, e a tensão no corpo másculo. Levantando o rosto para olhá-lo, descobriu que, sem seus saltos, Nikos parecia muito alto. Alto e lindo de tirar o fôlego, era como olhar para o gladiador que ela vira naquela primeira vez, na rota de carros da mansão Balfour, os olhos escuros brilhando, o maxilar tenso, a boca perfeita comprimida.

— Eu estou bem — repetiu Mia, sentindo a estranha necessidade de tranquilizá-lo. — Foi um choque tão grande cair na água daquele modo.

— Você foi empurrada? — O tom da voz de Nikos era ameaçador.

Uma olhada cuidadosa para os dois lados informou-a que algumas pessoas ainda os observavam. A luz dos flashes lembrou-a que o incidente provavelmente tinha sido

capturado pelas câmeras. Nina e Santino D'Lassio estavam por perto, e como Nikos, esperavam sua resposta.

Mia abaixou os olhos e tentou decidir como responder. Deveria mentir e dizer que não sabia como aquilo tinha acontecido, ou contar a verdade e admitir que suspeitava que Anton Brunel a empurrara para dentro da piscina?

— Talvez eu tenha escorregado — disse ela, então sentiu a tensão de Nikos aumentar no jeito que ele ainda a segurava.

— Venha, Mia. — Parecendo aliviada, Nina D'Lassio aproximou-se. — Vamos secar você, e lhe emprestar alguma roupa...

— Eu vou chamar o helicóptero — disse Nikos.

— Não faça isso! — reagiu Mia com veemência. — Não quero que as pessoas pensem que eu sou uma fraca, assim como um erro de Oscar. *Madre di Dio* — exclamou, inconsciente de que os anfitriões observavam sua explosão em surpresa. — Estou molhada e desarrumada, e vi os flashes das câmeras. Amanhã, aparecerei assim em todos os jornais, e você quer me fazer parecer ainda mais patética, levando-me embora?

— Santino vai lidar com a imprensa, Mia — Nina assegurou-a rapidamente. — Agora, solte-a, Nikos. Ela não vai desmoronar se você soltá-la.

Aquilo tirou Nikos do estado de estupor no qual parecia se encontrar desde que a puxara para fora da piscina. Ele abaixou os braços e deu um passo atrás, permitindo que Nina a levasse dali.

— Meu pessoal de segurança está checando as filmagens para descobrir o que aconteceu — Santino D'Lassio o informou. — Felizmente, nós temos cinco minutos de atraso no que é transmitido na televisão, de modo que o incidente não chegará às telas.

— Então você acha que ela foi empurrada?—perguntou Nikos.

— Você viu o modo como ela foi parar dentro da piscina, Nikos — respondeu Santino. — Ou Mia pulou ou foi empurrada. O que acha que aconteceu?

Santino se afastou, começando a conduzir os convidados para a marquise, deixando Nikos refletir sobre a pergunta sardônica que ele lhe fizera. Nikos tinha visto Mia assim que pisara no terraço. Os olhos azuis haviam se iluminado ao se conectarem com os seus. Ele *sentira* isso, segundos antes que o corpo de Mia balançasse e seu olhar se voltasse para a piscina com expressão horrorizada.

O que ele não vira era quem estava perto o bastante para empurrá-la na piscina, porque sua atenção estivera exclusivamente nela.

— Então a tola quase se afogou, e eu perdi a cena — veio a voz desapontada ao seu lado. — Que pena.

Sem humor para as brincadeiras de mau gosto de Diana Fischer, Nikos murmurou:

— Você leva uma vida triste, Diana — então ele saiu, dirigindo-se ao bar vazio da piscina e pedindo um drinque, enquanto esperava pelo retorno de Mia.

No momento que as duas mulheres saíram da casa, Nikos era a única pessoa no terraço. Ergueu os olhos para elas, focando na transformação de Mia... de uma mulher molhada e desarrumada para uma sereia esbelta e curvilínea, que quase lhe roubou o

controle.

Ela estava usando um vestido preto sem alça, colado ao corpo, moldando cada curva à perfeição. Por alguns segundos, ele foi levado de volta à primeira vez que a vira na rota dos carros da mansão Balfour.

Calor inundou seu corpo. Os cabelos molhados de Mia haviam sido penteados para trás, e a maquiagem do rosto desaparecera, exceto por um batom clarinho na boca suave. A beleza natural dela era... exótica... única.

Mas quando elas se aproximaram, ele viu que Mia parecia pálida, e soube... instintivamente... que ela estava mais abalada pelo incidente do que queria transparecer. Então Nikos notou a maneira que ela segurava o pulso direito na palma da outra mão, e seu desejo libidinoso se transformou numa ira que ameaçou consumi-lo.

Mia sorria de alguma coisa que Nina estava falando quando viu Nikos endireitar a postura do bar. Seu coração disparou no ato.

— Eu a trouxe inteirinha de volta para você — disse Nina em tom de brincadeira.

— Agora, Nikos, pare de parecer um urso zangado, de modo que possamos nos juntar aos outros e comer alguma coisa!

Ignorando Nina, Nikos voltou-se para Mia.

— Por que você está segurando seu pulso assim?

Capítulo Sete

Olhando para baixo, Mia ficou surpresa ao descobrir que realmente segurava o pulso dolorido na palma da outra mão.

— Acho... que eu o machuquei quando caí na água — mentiu ela.

Nina suspirou.

— Por que você não disse nada?

— Muitas outras coisas para pensar — replicou Mia. — E não está doendo tanto assim.

Ela baixou o pulso na lateral para provar sua declaração. Nina não pareceu convencida, e nem Nikos, que continuava olhando-a com uma expressão muito tensa no rosto.

— Estou morta de fome — disse Mia alegremente, numa tentativa de amenizar o clima. Na verdade, sabia que seria difícil comer, e seu pulso estava latejando cada vez mais.

Os três andaram juntos para dentro da marquise. Pessoas aplaudiram ao vê-la chegar, fazendo Mia enrubescer enquanto oferecia um sorriso tímido.

Nina foi se juntar ao marido, e Nikos pôs uma mão na parte baixa das costas de Mia. Ela se arqueou de leve com o contato elétrico. Se ele notou sua reação, não comentou nada, guiando-a entre diversas mesas redondas em direção à mesa deles. E manteve o contato até que ela se sentou.

Uma estranha tensão continuou fluindo entre eles durante o jantar, e, embora Mia não entendesse o motivo, aquilo a fez responder animadamente à curiosidade e interesse das pessoas em relação ao incidente da piscina, enquanto Nikos permanecia sentado ao seu lado, com um sorriso educado nos lábios e olhos escuros escondidos atrás de pálpebras baixas.

Quando ela não pôde evitar uma contração do pulso no momento que pegou a taça de vinho, Nikos quis praguejar, percebendo que seu controle estava por um fio. Queria segurar-lhe o pulso e inspecionar o dano. Queria afastar a mecha de cabelos úmidos do rosto dela. Lembrou-se do que Mia tinha dito sobre ele sempre a tocando, e percebeu que estava se tornando cada vez mais ciente da frequência com que queria tocá-la.

Precisando fazer alguma coisa com seus dedos irrequietos, pegou a própria taça e deu um gole do vinho tinto. Mia o estava levando a beber, pensou.

Ela o levava a muitas coisas, acrescentou, nem sequer ouvindo que alguém lhe falara. Foi Mia quem chamou sua atenção de volta ao presente, tocando-lhe a manga do paletó de leve. Ele ergueu a cabeça, encontrando-lhe os olhos. Por um segundo, visualizou a si mesmo inclinando-se para a frente e clamando por aquela boca sensual num beijo ardente.

Os cílios de Mia tremeram, e ela desviou o olhar. Sabia o que ele estivera pensando, e a tensão interna de Nikos aumentou enquanto ele se forçava a participar das conversas ao redor da mesa.

Ela estava lidando com aquilo muito melhor que ele, concedeu Nikos. Nenhum dos dois comeu quase nada. Finalmente, Santino se levantou e fez um pequeno discurso, agradecendo a presença de todos, mas Nikos achou difícil sorrir. E quando notou que as pessoas começavam a se mover ao redor da sala, aproveitou o momento para se levantar. Bastava.

Mia surpreendeu-se quando ele segurou seu cotovelo e ajudou-a a se levantar, mas não protestou quando Nikos a conduziu para fora da marquise sem uma palavra para ninguém. Um leilão beneficente seguiria o banquete, depois haveria música, dança e um show feito por celebridades presentes, o qual seria transmitido para a festa de Lake Como via satélite.

Ele não parecia se importar com nada disso. Ignorou as câmeras e as filmadoras registrando a partida deles, enquanto a conduzia com uma mão possessiva ao redor de sua cintura.

Eles percorreram o caminho para a casa em silêncio. Ao passarem pela piscina, Mia foi incapaz de controlar um pequeno tremor, e ele reagiu ao mesmo puxando-a para mais perto. Nikos estava falando ao celular com seu piloto quando eles entraram na casa. No momento que voltaram a sair, Mia viu o helicóptero pousando na mesma parte do gramado que os deixara mais cedo.

Alguns minutos depois, ela se acomodou agradecidamente em seu assento. Seu pulso latejava e uma dor de cabeça tinha começado a incomodá-la.

— Certo — disse Nikos no instante que eles estavam no ar. — Conte-me o que aconteceu.

Olhando-o, Mia viu que o humor dele não era nada bom.

— Eu não sei o que aconteceu — respondeu ela, mantendo sua decisão de abafar o incidente.

— Se você estiver mentindo, eu irei descobrir — avisou ele. — O *staff* de Santino deve estar verificando a filmagem neste exato momento. Eu a vi cair, e acredito que você foi empurrada. Quero saber quem você acha que foi *e por quê*.

— Pode ter sido só um acidente — insistiu Mia. — Não entendo por que você está obcecado com isso.

Como resposta, Nikos enfiou a mão no bolso e retirou seu celular. Ela sabia que ele ia ligar para Santino e conseguir a informação que queria.

— Você é tão irritante... guarde este telefone. — Mia suspirou, então admitiu: — Eu acho que foi Anton Brunel quem me empurrou.

— Brunel? — Nikos franziu o cenho. — Ele estava lá esta noite?

Umedecendo os lábios secos, Mia assentiu.

— Ele... me abordou quando eu estava indo para o terraço. — Os olhos azuis escureceram de raiva enquanto ela se lembrava do jeito que ele a agarrara e a encurralara naquele canto. — Ele me prendeu e começou a me fazer loucas acusações. Falou... que eu menti para você. Que eu estava flertando com ele.

— E você estava?

— Como você ousa me *perguntar* isso? — disse Mia furiosamente. — Nós tivemos essa conversa antes, e eu não fiquei satisfeita com a sua atitude na ocasião!

— Você o usou para me influenciar com aquele dossiê, assim, como usou sua descrição do que aconteceu entre vocês dois naquele dia. — Nikos deu de ombros. — Como eu vou saber que não começou uma campanha contra ele, flertando um pouco durante o almoço em questão?

— Então eu sou uma sedutora perigosa e uma manipuladora que arma esquemas... é isso que você quer dizer? — Mia estava atônita pelo conceito de *ambos* os homens! E ainda mais apavorada que eles pudessem ter razão! — Suponho que você também acha que eu mereci ir parar dentro da piscina!

— Eu não disse isso.

— Mas deu a entender. — Chateada agora, Mia desviou os olhos, lutando contra as lágrimas. — Ele machucou meu pulso também, mas talvez eu deva me desculpar por não ter lhe permitido me sufocar ao mesmo tempo! — explodiu ela. — Talvez você pudesse... O que está fazendo?

Nikos tinha desatado o cinto de segurança e coberto o espaço que os separava com a velocidade de uma cobra em ataque. Agora estava pegando seu pulso e inspecionando-o, enquanto praguejava em diversos idiomas.

— Eu vou matá-lo — disse ele, empalidecendo de fúria ao ver as marcas roxas de dedos marcando o pulso delicado.

Mia recolheu o pulso, machucando-o mais no processo, mas não se importou.

— Vocês... homens... são todos iguais, prontos para exibir suas forças machistas quando sentem vontade — murmurou ela com desprezo. — Todavia, são rápidos para bancar a vítima quando uma mulher apenas olha para vocês! Não, não me toque. — Mia afastou-se quando ele tentou capturar lhe o pulso novamente. — Estou brava com você!

— Posso ver isso.

Ela enrubesceu, sentindo um nó na garganta agora.

— Eu me comportei esta noite... para seu benefício! Não fiz nada para merecer seu desprezo. Não tive culpa... se uma pessoa horrível como Anton Brunel quis me empurrar na piscina... e você não é meu herói somente porque me tirou da água!

O helicóptero tinha parado sem que nenhum dos dois notasse. Mia livrou-se do cinto de segurança e passou por cima de Nikos, precisando sair de lá antes que fizesse alguma tolice, como cair em prantos.

Ela já estava na metade do caminho para casa no momento que Nikos pisou no gramado escuro. Com um gemido de frustração, ele a seguiu, e entrou na casa a tempo de vê-la subindo a escada. E o meneio sensual daqueles quadris e traseiro no vestido preto lhe causou uma resposta instantânea.

— *Theos* — murmurou Nikos.

Ele a queria.

Não era seu herói, mas tinha o desejo feroz de segui-la escada acima, e finalmente ser seu amante!

Nikos permaneceu ali, tentando se controlar... até que ouviu a porta do quarto dela se fechar com uma batida. Então, virou-se e foi em direção aos fundos da casa, descartando as roupas no caminho. No momento que chegou à porta de sua academia de ginástica, estava quase nu, exceto por uma cueca preta de algodão que moldava seu

maior problema atual.

Ele usou a academia como se fosse sua zona pessoal de guerra, executando uma série de exercícios físicos que não fizeram nada para aliviar seu incômodo. Desistindo daquela forma de tortura, passou por outra porta e mergulhou na água azul de sua piscina interna. Cinquenta voltas depois, estava saindo da piscina e entrando de novo na casa, recolhendo a roupa descartada pelo caminho.

Dentro de seu quarto, ele foi para o banheiro. O calor do chuveiro fez sua pele brilhar com o suor, e seu peito se movimentava por causa dos exercícios recentes, mas uma parte de seu corpo ainda dominava todo o resto. Praguejando, mudou o chuveiro para frio e puniu-se, deixando a água gelada banhá-lo da cabeça aos pés. No momento que saiu do banheiro, coberto por um roupão branco, pensou que finalmente estava conseguindo se acalmar.

Então uma batida suave soou à porta de seu quarto, e ele soube, mesmo enquanto atravessava o cômodo, que independentemente do quanto se esforçara, não havia controlado nada. Pois uma única pessoa em sua casa poderia estar batendo à sua porta, e ela era ingênua o bastante para não saber que tentação provocava ao fazer isso.

E lá estava ela, num roupão curto cor de marfim, com os cachos brilhantes recém-lavados ao redor do rosto lindo. Os olhos azuis pareciam ansiosos. Dentes brancos mordiam o lábio inferior.

— Desculpe-me... perturbá-lo — gaguejou Mia —, mas... eu preciso...

E Nikos foi incapaz de resistir. Ela o vinha perturbando por tantas horas frustrantes, e dias e semanas, e ele a puxou para seus braços e cobriu-lhe a boca com a sua.

E o pior foi que ela permitiu. Quando Nikos se deu conta, estava trazendo-a para dentro do quarto e pressionando-a contra a porta, fechada com um chute, se entregando ao tipo de abraço sensual que dava adeus ao seu auto controle.

Mia correspondeu ao beijo como uma mulher sedenta. Queria tanto aquilo que não houve um único segundo no qual quisesse se libertar. Seus braços já estavam envolvidos no pescoço dele, enquanto ela o beijava com tanto ardor que não reconhecia a si mesma. A sensação do corpo forte e rígido pressionado contra o seu era gloriosa, fazendo-a gemer e tremer, enquanto ele explorava sua boca com uma intimidade delirante.

Então Nikos emitiu um gemido gutural, excitando-a ainda mais. Apertando os braços ao seu redor, ele a ergueu contra seu corpo e envolveu-lhe as pernas em volta de sua cintura, enquanto continuava beijando-a.

Subitamente, mãos grandes acariciavam seu traseiro, a evidência de como Nikos estava se sentindo chocando-a e excitando-a em medidas iguais.

Quando ele andou com ela até a cama, e eles tombaram numa confusão de membros entrelaçados, Nikos inclinou a cabeça para trás.

— Para que você veio aqui?

Tendo de lutar para tentar entender a pergunta, Mia abriu os olhos e o fitou em confusão. A boca dele estava muito perto, e ela podia sentir as batidas do coração de Nikos contra seus seios, enquanto ele esperava uma resposta. Mia não ia lhe contar

que tinha ido lá para lhe pedir um comprimido para dor de cabeça. Aquilo era muito mais importante. Sua dor de cabeça passara!

Quando ela não respondeu, ele repetiu a pergunta, viu-a hesitar, viu-a morder o lábio inferior... e perdeu a paciência.

— Bem, eu não estou com vontade de parar agora — murmurou Nikos com voz rouca. — Portanto, se você decidir que quer parar é melhor dizer logo, alto e claramente. Mas Mia não queria parar. E provou isso deslizando os dedos pelos cachinhos pretos molhados, e puxando-lhe a boca de volta para a sua. Não sabia explicar aquilo, não queria explicar. Tudo que sabia era que, apesar de frio e perigoso, Nikos Theakis lhe roubara alguma coisa naquele primeiro dia, quando quase a atropelara na propriedade de Oscar, depositando em seu lugar esta necessidade incrível por mais dele.

O beijo profundo acabou com mais conversas. E Nikos tinha tanta prática naquilo que ela mal sentiu o peso que cobriu seu corpo ou o jeito hábil que ele abriu o cinto de seu roupão. O prazer que a união dos corpos nus de ambos lhe causou era a sensação mais maravilhosa que ela já experimentara.

Ele sabia o que estava fazendo, então Mia apenas seguiu a liderança, deleitando-se com cada experiência nova e excitante. Nikos sabia exatamente onde tocá-la, sabia o momento certo de afastar a boca da sua para trilhar beijos molhados ao longo de seu corpo. Ele estendeu dedos longos ao redor de um de seus seios firmes e provocou o mamilo sensível até sua total rigidez, então capturou o prêmio na boca.

Prazer selvagem a percorreu, fazendo-a arquear o corpo e sussurrar o nome dele. Nikos deslizou a mão pela sua costela, trilhando um caminho de fogo pelo seu estômago, e, finalmente, levando-a a ficar imóvel com o choque, quando aplicou sua primeira carícia entre as coxas dela.

A imobilidade de Mia o fez erguer a cabeça para estudá-la. Os cabelos dela estavam espalhados sobre o travesseiro; as mãos ainda seguravam a cabeça de Nikos. Os olhos estavam fechados, os lábios entreabertos, e ela tremia... o corpo vibrando em sintonia com suas carícias exploratórias. Ela não parecia ter nenhum controle sobre o que sentia. Controle, percebeu Nikos, pertencia exclusivamente a ele.

Quando dedos delicados trilharam sua nuca, então desceram para seu peito, ele gemeu, enquanto seu corpo respondia violentamente.

Mia moldou os músculos dos ombros largos, e arqueou os quadris. Não estava contendo nada, e ele se sentia tão inebriado por ela que levou a ambos a um frenesi de paixão, até que Mia o agarrara, deixando-o ditar o resto.

Era como estar perdida, flutuando num mar de prazeres, pensou Mia vagamente. No momento que ele se inclinou para trás a fim de remover o roupão, ela absorveu a beleza do corpo magnífico... cobiçou-o, estendeu o braço e tocou o redemoinho de pelos escuros entre os músculos peitorais.

Nikos voltou para ela com desespero, cobriu-a com seu corpo, deixando-a sentir o calor glorioso da pele nua contra a sua mais uma vez. Era poder *versus* fraqueza, rigidez *versus* suavidade. Ele lhe mordera o canto da boca até que Mia demandou um beijo profundo.

Paixão e desejo superavam todo o resto. Ele fez amor com ela de maneira lenta, erótica e intensa, suas carícias sensuais levando-a para um lugar que Mia nunca estivera antes. Ela enterrava os dedos na pele dele, mordiscava-lhe o pescoço. Não conseguia ficar imóvel, e podia sentir a excitação viril pressionando contra sua coxa.

— Nikos — sussurrava ela repetidamente, por alguma razão importante que não podia entender.

Mas ele entendia.

Nikos deslizou pelo seu corpo e beijou-lhe o umbigo; aquilo foi tão inesperado que a barriga de Mia tremeu em resposta. Então ele traçou um caminho sensual com a língua, descendo cada vez mais. E quando ela instintivamente tentou empurrar-lhe a cabeça, ele lhe segurou a mão.

— Nikos, não. — Ela gemeu.

Ele ignorou o protesto, e foi tão determinado em suas intenções que Mia rendeu-se às ondas de prazer que a percorriam. Em segundos, estava enlouquecida, perdida em sensações incríveis. O modo que ele usava a língua para lhe dar prazer, o modo que continuava apertando-lhe a mão. A respiração ofegante de ambos. Nikos sabia exatamente o que estava lhe causando enquanto subia pela sua barriga, alcançando os botões tenros de seus seios, e finalmente tomando-lhe a boca num beijo sedento.

E com um único movimento flexível, cobriu-a com o corpo poderoso, os quadris estreitos pressionados contra suas coxas trêmulas, e por fim Mia experimentou a intimidade da magnífica de Nikos deslizando para dentro de sua umidade suave.

— *Madre di Dio* — sussurrou ela. — *Non posso piu* — e seu prazer aumentou ainda mais.

Ele ainda lhe segurava uma das mãos, ainda lhe devorava a boca, Mia estava excitada, assustada; não conseguia manter as pernas imóveis, sua respiração era ofegante. Um prazer, sobre o qual não tinha controle, se construía em seu interior com uma intensidade assustadora. E Nikos murmurava coisas que ela não podia entender, mas instintivamente reconhecia que ele a estava excitando também com palavras.

— *Non posso piu* — repetiu ela.

— Sim, você aguenta — respondeu ele com voz rouca. — Agarre-se a mim, Mia. Há muito mais por vir.

E ele tinha razão. Havia muito mais, e em tantos níveis que ela mal podia acompanhar. Sentiu-se em transe enquanto ele a preenchia lentamente, centímetro por centímetro.

Nikos estava excitado e tremendo, tão perdido no poder do que estava gerando entre eles que esqueceu que tipo de criatura segurava em seus braços. Só tinha ciência do desejo, da paixão explodindo entre os dois. Com um gemido, rendeu-se ao impulso e investiu profundamente.

Mia tinha se esquecido de esperar aquilo, de modo que a dor aguda a pegou de surpresa. Ela não podia respirar, não podia pensar. Nikos congelara sobre seu corpo, fitando-lhe os olhos que já nadavam em lágrimas.

Ele começou a praguejar e ela, a chorar. Nikos tentou se retirar um pouco, mas os músculos internos de Mia o comprimiram, enviando-lhe ondas avassaladoras de

prazer.

— Está tudo bem — murmurou ele, segurando-lhe ambas as mãos. — Está tudo bem, *agape mou* — repetiu, já moldando os quadris de Mia aos seus. Conseguiu controlar-se o bastante a fim de dar-lhe chance de se ajustar.

E era maravilhoso estar dentro dela, pensou Nikos ofegante. Após um momento, sentiu o corpo rígido de Mia relaxar um pouco. Os corações de ambos batiam freneticamente, enviando tremores após tremores por suas peles. Devagar e cuidadosamente, ele lhe liberou as mãos e gemeu de alívio quando estas se entrelaçaram em seus cabelos. Ele lhe apoiou as costas com ambas as mãos, e, beijando-lhe a boca com ardor, retirou-se de dentro dela antes de enterrar-se mais profundamente.

Uma onda de puro prazer a percorreu. Mia ergueu os quadris para tomá-lo ainda mais fundo, enquanto gemia dentro da boca dele. Liberando os lábios, sussurrou:

— De novo — e sentiu-o se retirando, então investindo mais uma vez. Aquilo era uma tortura doce... muito doce. — Oh, de novo — suplicou.

Sentindo-se inebriado pela avidez dela, Nikos tomou-lhe a boca num beijo tão erótico que esvaziou sua cabeça de tudo, exceto de Mia e do que podia sentir que estava construindo entre eles. Nunca em sua longa experiência sexual tinha sentido algo tão intenso como aquilo. Ela se moveu com ele com uma sensualidade nascida do instinto. Abraçou-o com braços e pernas. Quando a loucura final começou a levá-los em direção ao clímax, Nikos sentiu que ela estava com ele em cada passo glorioso do caminho.

E aquilo continuou... infinitamente. Com as bocas separadas agora, Mia experimentou cada sentido que possuía se intensificar para um prazer delirante.

— Nikos — sussurrou ela, erguendo as pálpebras pesadas e olhando-o com intensidade. A primeira onda do êxtase arrancou-lhe um grito agudo da garganta, seguido por outro, e ele investiu mais fundo, envolvendo-a nos braços fortes, antes de emitir um gemido gutural e juntar-se a ela na fantástica liberação do prazer.

Os momentos que se seguiram foram quase tão bons quanto o clímax daquele primeiro ato de amor que Mia experimentara. Os tremores sensuais que a fizeram relaxar aos poucos, a consciência da pele quente de Nikos contra a sua. O tamanho e o peso dele, a força e o poder da magnífica masculinidade pressionando-a contra a cama.

E o jeito que ele ainda a abraçava, apertado, tão apertado.

— *Bello... bello* — sussurrou Mia.

Liberando-a de seu peso, Nikos rolou para o lado, levando-a consigo. Contente em permanecer perdida no doce prazer dos momentos pós-sexo, ela se aninhou contra o homem que tornara sua primeira experiência gloriosamente linda e apaixonante.

Enquanto Mia flutuava, Nikos sentia como se tivesse acabado de chegar a Terra após ter apreciado a libertação mais excitante de sua vida. Agora, refletia sobre o que acabara de fazer.

Tinha acabado de violar sua própria regra e tomado uma inocente, e, pior, uma inocente Balfour. Já podia ouvir os sinos de casamento tocando, o nó se fechando ao redor de sua garganta. Enquanto a realidade espalhava os dedos gelados sobre sua

pele, ele a sentiu adormecendo. Mia estava aconchegada contra ele, quente, suave, com o rosto descansando contra seu coração, e os dedos entrelaçados nos pelos úmidos de seu peito.

Estava entregue e confiante. Mas ela não o conhecia. Mesmo Oscar, que o conhecia melhor que ninguém, não sabia quem era o verdadeiro Nikos Theakis. Era mais seguro não o conhecer, mais seguro manter seu eu profundamente enterrado, de modo que este nunca se manifestasse. Se para isso tivesse de esmagar as emoções mais humanas ao mesmo tempo, então assim teria de ser.

Pessoas o olhavam e viam o frio empreendedor bilionário, totalmente focado em sua carreira. Viam o homem sofisticado que participava de eventos de elite, como o daquela noite, ou o sujeito de boa aparência com lindas mulheres aos seus pés.

Elas não sabiam que ele precisava tomar banho quatro vezes por dia... com mais frequência, se tivesse a oportunidade, ou que não havia trincos ou fechaduras em nenhuma de suas casas, exceto por aqueles das portas da frente.

Não sabiam que ele sempre... sempre... dormia sozinho. Que aquela linda criatura dormindo aninhada ao seu corpo agora estava, na verdade, recebendo um tipo de honra, porque ele ainda não a acordara e a mandara de volta para dormir em seu próprio quarto.

Como se Mia pudesse sentir o que ele estava pensando, moveu-se contra ele, um gemido suave escapando dos lábios entreabertos, enquanto estendia o corpo, então relaxava novamente, o movimento tão sensual que Nikos teve de enrijecer o corpo para não responder.

Ela murmurou alguma coisa... *ti amo*, ele pensou ter ouvido e sentiu o impacto emocional como um golpe violento no peito. *Ti amo*, eu amo você. *Ti amo*, pertencço a você agora que fizemos isso, traduziu Nikos com ironia amarga.

E como um homem fazendo uma oferta arriscada para escapar, ele se libertou do aconchego e deu-lhe um travesseiro para abraçar. Ela se curvou ao redor do travesseiro como uma linda sereia agarrando sua última vítima, e sem ter ideia que o lado frio e cruel da natureza de Nikos estava sendo perigosamente despertado.

Capítulo Oito

Um barulho acordou Mia quando os primeiros raios de luz se infiltraram pela janela. Continuou deitada por alguns segundos, tentando dar sentido às redondezas não familiares. Então lembrou, e seu coração disparou. Virando a cabeça no travesseiro, viu que o lugar ao seu lado na cama estava vazio, e sentou-se, afastando os cabelos do rosto. O barulho veio de novo, e ela focou em Nikos, que estava de costas do outro lado do quarto.

Já vestido num de seus ternos escuros, ele batia no relógio de pulso. Estava tão lindo que o baixo-ventre de Mia respondeu com uma pulsação de consciência, no mesmo instante que ela inalou o aroma que a informava que ele tinha acabado de tomar banho.

A situação íntima subitamente a envolveu numa nuvem de timidez. Percebendo que estava nua sob o lençol fino, Mia puxou-o até o queixo antes que se sentisse composta o bastante para falar:

— Que... horas são?

O modo que os ombros de Nikos enrijeceram ao som de sua voz a fez mordiscar os lábios suavemente. Talvez ele também não estivesse se sentindo confortável com a situação.

— Cinco horas — replicou ele sem se virar. — Volte a dormir... é muito cedo para você se levantar..

— Você está de pé — apontou Mia.

Nikos não disse nada, enfiando uma mão no bolso do paletó e pegando o celular, juntamente com algumas outras coisas que Mia não registrou o que eram. Intrigada, começou a perceber que ele não a olhara. E o perfil que ela podia ver parecia muito tenso.

— Eu vou viajar—anunciou ele subitamente, e Mia piscou. — Tenho negócios a tratar em Roma. Meu avião me espera. Aproveite o resto de seu dia aqui, se quiser. Quando estiver pronta para retornar a Londres, informe Lukas, e ele mandará meu helicóptero vir apanhá-la.

Cada palavra fria foi como uma facada, forçando Mia a reconhecer o que ele fazia. Nikos a levava para sua cama; agora estava distanciando-se. Estava informando-a... sem a necessidade de falar as palavras... que aquela partida nas primeiras horas da manhã marcava o fim do que eles haviam compartilhado!

Começando a tremer, Mia fechou os olhos, tomada por uma mágoa tão profunda que a fez dizer:

— Não faça isso comigo, Nikos.

Ele se virou para lhe dar um rápido olhar.

— Não implore, Mia. Não é conveniente.

Implorar? Ela abriu os olhos a tempo de vê-lo virar-se novamente, a postura elegante tão contida que Mia se sentiu tonta e enjoada.

— Eu não estou implorando — negou ela com tristeza. — Nós... acabamos de

dormir juntos!

— Um... erro. Isso não devia ter acontecido.

— *Mas aconteceu.*

— Verdade. — Ele parecia interessado no que estava dentro de sua carteira agora. — Todavia, não acontecerá de novo.

— Simplesmente assim? — Mia abraçou os joelhos juntos ao peito. — Você... fez amor comigo, então... me dispensa, como se meus sentimentos não contassem?

— *Theos!* Nós não fizemos amor, fizemos sexo! — Ele virou-se para ela, furioso. — Nós fizemos sexo ardente e incrível, Mia! — repetiu com frieza. — Onde estava o amor no que fizemos na cama ontem à noite? Eu não o trouxe para cá! E se você trouxe, então...

Ele parou, desistindo do que ia dizer. Seus olhos escuros queimaram os de Mia; então, praguejando, Nikos deu-lhe as costas mais uma vez.

— Então o quê? — incentivou ela, sentindo-se como se estivesse vivendo um pesadelo do qual não conseguia acordar. — Então, eu sou ingênua? Estúpida? Então, eu estava *implorando* por seu amor?

O perfil dele enrijeceu.

— Eu não ia falar nada disso.

— Então o que ia falar? — insistiu Mia.

— Nada.

Mentiroso. Mentiroso cruel!

— Eu o odeio tanto agora que jamais o perdooarei por ter feito isso comigo — sussurrou ela. — Sem dúvida, você está aliviado e satisfeito de me ouvir dizendo isso.

— Na verdade, eu não estou. — A voz de Nikos continuou fria. — Eu... gosto de você, Mia. Mas sou um solitário. Sempre fui. Eu não me envolvo no tipo de relacionamento que você espera. Não vai acreditar nisso, mas estou lhe prestando um grande favor pondo um ponto final agora...

— Como faz com todas as mulheres que compartilham sua cama? — interrompeu ela. — Toma o que quer delas, depois as descarta como lixo de ontem?

— Exatamente — confirmou ele.

Perplexa por vê-lo admitir aquilo com tanta frieza, Mia o olhou por um segundo e enterrou o rosto nos joelhos, detestando a si mesma. Nunca se sentira tão vulgar, tão usada e descartada. E qualquer coisa que ele tivesse tentado *não* falar, a verdade que a crucificava agora era que ela *estivera* pedindo por aquilo... *suplicando-lhe* por aquilo... há semanas, antes que Nikos cedesse!

— Por que você não vai embora? — sussurrou ela ao sentir que ele ainda estava lá.

— Eu... preciso saber que você vai ficar bem.

Então ele queria ser tranquilizado agora?

— Eu estou bem — disse Mia com o gosto da amargura na boca.

E ele continuava lá. Por quê? Iria lhe pedir um ou dois litros de seu sangue, a seguir?

— Ouça, Mia... lamento por ter permitido que isso acontecesse. Foi tudo culpa minha. Eu não deveria ter cedido ao que estava acontecendo entre nós. Você é jovem e

inexperiente nessas coisas, mas eu não sou, e não deveria...

— Fale mais alguma coisa para me diminuir, e eu vou vomitar! — ameaçou Mia.

— Isso foi errado! — continuou Nikos. — Eu desonrei você e desonrei seu pai.

Aquilo a fez levantar a cabeça.

— Não *ouse* incluir Oscar nisto! — retrucou ela. — Como você ousa citar o nome do meu pai, como se tivesse algum direito de colocá-lo contra mim?

O perfil tenso de Nikos empalideceu.

— Eu não pretendia...

— Não me interessa o que você não pretendia. Eu não me importo se você se sente culpado agora que teve a filha de Oscar nesta cama! Eu me entreguei de livre e espontânea vontade. É você que acha vergonhoso o que aconteceu, não eu!

Numa postura rígida, Nikos parecia ter se transformado em pedra, e Mia decidiu que tivera o suficiente daquilo. Com um soluço furioso, ela curvou os dedos sobre o lençol e saiu da cama, levando o lençol consigo.

— Mia...

— Não — gritou ela. — Não fale mais uma palavra comigo. *Odeio* você. Eu o detestarei para sempre.

Ela correu para o banheiro, entrou e bateu a porta, então, abraçada ao lençol, deslizou até o chão.

Viaje e aprenda a honrar a si mesma, Oscar lhe dissera. Bem, ela destruíra tal ideal, pois onde estava seu senso de honra quando se entregara a Nikos Theakis? Onde estava a honra em reconhecer que tinha acabado de se transformar na pessoa que sempre jurara que jamais se transformaria... em sua mãe prostituta de alto nível?

E jamais perdoaria Nikos por torná-la ciente de que ela fizera isso consigo mesma.

Mia ouviu o barulho do helicóptero se erguendo do solo quando ainda estava sentada no chão do banheiro.

Ele havia ido embora, pensou com tristeza. Nikos não se incomodara em esperar um segundo mais do que o absolutamente necessário, e ela o detestava por fazer isso, também.

Alguns minutos após Mia chegar ao seu apartamento via helicóptero e limusine com chofer, o que não a impressionara, Sophie telefonou.

— Você leu os jornais hoje? Alguém teve momentos interessantes ontem à noite — provocou ela. — Você mergulhou na piscina dos D'Lassio porque estava com calor?

Mia sentou-se na cadeira mais próxima e fechou os olhos. Então, apesar de Santino ter dito que lidaria com a imprensa, sua viagem à piscina acabara vazando.

— Não exatamente — replicou Mia;

— A foto do magnífico Nikos tirando-a da piscina sem levar um único respingo está incrível, enquanto você parece... molhada, indefesa e lindinha.

Lindinha. Mia pressionou os lábios, porque eles queriam tremer.

— O que aconteceu?

— Eu... escorreguei — mentiu ela. — Há mais alguma coisa nos jornais que eu deveria saber?

— Apenas uma foto incrível de você saindo mais tarde com o vestido mais sexy que eu já a vi usando. Era de Nina?

— *Si*.

— Ela tem um gosto fabuloso. — Sophie suspirou. — Você passou de uma princesa de conto de fadas em seda azul para uma garota molhada e indefesa, e então para uma mulher dramaticamente sexy... tudo numa única noite. Eu gostaria de usar um vestido como aquele.

— Você poderia, se parasse de tentar esconder seu corpo adorável sob metros de tecido — murmurou Mia impacientemente.

— Ora, Mia, eu tenho 1,60m, enquanto você tem 1,75m — apontou Sophie. — Alta e magra é algo que não sou e nunca serei. À parte o mergulho não planejado, você apreciou o resto da noite, ou teve de tomar a pílula da coragem no meio da festa?

Habilmente, sua meia-irmã desviou o assunto de si mesma, como sempre fazia, notou Mia. Então sentiu seu estômago se contorcer, porque não queria pensar sobre o resto da noite.

— O resto da noite foi... bom — murmurou ela.

— Mas você não parece impressionada por Nikos ter gastado meio milhão de dólares no leilão num bracelete de diamantes.

Ele gastara? Mia piscou. Eles haviam ido embora antes que o leilão começasse! Nikos devia ter deixado sua oferta antes que saíssem, decidiu ela, murmurando em voz alta e cínica:

— Talvez ele colecionasse joias para dar às suas parceiras de uma única noite quando elas vão embora.

— Nossa — exclamou Sophie. — Isso soou tão amargo.

Mia gostou de ter aquilo confirmado. Esperava construir a amargura que sentia em relação a Nikos Theakis até que esta apagasse os outros sentimentos de amor não correspondido, ódio e mágoa.

Orgulho a fez voltar ao trabalho na segunda-feira de manhã, para descobrir que era o objeto de olhares cautelosos e sorrisos reservados. Foi somente então que se lembrou do beijo no estacionamento ensolarado, o qual agora descobria que era de conhecimento de todos no edifício, e que tinha, efetivamente, destruído as amizades que Mia conquistara nas semanas anteriores.

— O que você esperava? — questionou Fiona. — Não pode ter um relacionamento com o chefe e esperar que todos continuem tratando-a como um deles. Você é uma Balfour. Ele é bilionário. Você confirmou as expectativas originais que eles tinham a seu respeito, e agora todos se sentem enganados.

O que ela podia fazer em defesa própria? Que o beijo tinha sido uma forma de punição porque ela o comparara a um burro chamado Túlio? Ou que Nikos usara o beijo para assustar o homem do departamento de contabilidade, porque acreditava que ele marcara um encontro com Mia e não aparecera? A primeira desculpa era tola e inacreditável à luz do dia. E a segunda expunha sua própria mentira para Nikos.

Até o fim da semana, Mia erguera um muro de aço ao seu redor, de modo que nada pudesse abalar sua frágil compostura. Nikos não havia retornado para Londres, e

ela parara de comer. Na verdade, sentia-se muito triste para comer. Fiona lhe dava olhares preocupados constantemente. Mesmo sua tia notou a diferença em sua voz quando elas se falaram ao telefone.

— Alguma coisa errada, Mia? — perguntou ela.

— Eu sinto a sua falta — replicou Mia, e era verdade. Estava sentindo falta de Tia e da Toscana, e da vida simples e calma que levava lá.

— Mas, a parte disso, você está feliz com sua nova vida excitante?

Tia Giulia queria que ela dissesse sim. Necessitava ser tranquilizada de que não cometera um grande erro, contando a Mia sobre Oscar. Então Mia a tranquilizou e, depois disso, tentou parecer mais alegre quando telefonava.

No sábado, ela encontrou uma das amigas de Kat Balfour na rua. Bethany era uma criatura linda, inteligente e alegre, muito parecida com sua meia-irmã Kat. Elas conversaram sobre a festa dos D'Lassio por um tempo, na qual Bethany não pudera comparecer por alguma razão que Mia esqueceu dois minutos após ouvi-la explicar. Sua mente estava assim no momento, incapaz de sustentar pensamentos que não continham o nome Nikos Theakis. Bethany convidou-a para um drinque com amigos naquela noite, e Mia pensou, por que não?

Chegando ao bar combinado em Chelsea, o lugar estava tão cheio que ela quase desistiu e virou-se para ir embora, mas Bethany a viu e acenou-lhe. O grupo de amigos de Bethany era animado e barulhento, e Mia ficou surpresa ao descobrir, uma hora depois, que estava quase... quase... se divertindo. A maioria deles ia jantar, e depois para uma boate, mas o pensamento de comer lhe enjoou o estômago, fazendo-a recusar o convite com um sorriso e uma desculpa qualquer, da qual também não conseguiu lembrar minutos depois.

Na quarta-feira seguinte, Mia saiu da cama e teve de correr para o banheiro, onde vomitou. Quando a mesma coisa se repetiu nas próximas manhãs, ela decidiu que era hora de começar a se alimentar propriamente, de voltar a fazer refeições regulares.

Na segunda-feira, ainda se sentia tão nauseada que Fiona notou.

— Acho que peguei uma virose — confessou Mia, e explicou que vinha enjoando há dias.

Fiona a mandou para casa. Mia não quis ir, porque ficar presa em seu apartamento o dia inteiro era pior que ficar no escritório, esperando que Nikos aparecesse. Ele telefonava diariamente, mas só falava com Fiona. Desde que estava fora, ele tinha ligado de Roma, Atenas, Nova York e Busan, na Coreia do Sul.

Na quarta-feira, Fiona lhe mostrou um artigo das páginas financeiras de um jornal. Era sobre Lassiter-Brunel. Aparentemente, a empresa tinha um novo financiador anônimo para tirá-los dos problemas. *Ótimo*, pensou Mia. Talvez Anton Brunel parasse de ficar zangado com ela por ter arruinado seu negócio com Nikos.

Na quinta-feira Mia levantou-se da mesa muito rapidamente e ficou tão tonta que quase desmaiou. Preocupada, Fiona insistiu que ela fosse ao médico, porque a virose estava demorando muito a passar. Nunca tendo ido ao médico antes, Mia não tinha ideia de como encontrar um em Londres. Portanto, teve de ligar para Sophie, que quis

saber o que estava errado. Após ouvir a explicação, sua meia-irmã dirigiu-a para o médico da família. Mia pegou um táxi para lá. No momento que pisou no consultório particular, soube que não queria estar lá. Alguma coisa... instinto talvez... preencheu-a com uma sensação de medo. Meia hora depois, saiu do consultório, tão chocada e zozza que quase andou para baixo das rodas de um carro. Ela não voltou ao escritório. Não voltou para seu apartamento. Apenas andou, andou e andou, até que sede e exaustão a forçaram a chamar um táxi para levá-la em casa.

As paredes espelhadas do elevador mostravam sua palidez.

— *Incinta...* — observou seus lábios formarem uma palavra que ainda se recusava a fazer sentido para ela.

Tentou balbuciar a mesma palavra em inglês, mas não foi capaz de se lembrar da tradução, quando uma nova onda de náusea a assolou, fazendo-a levar as mãos ao estômago numa tentativa de conter a sensação.

O elevador parou e as portas se abriram. Saindo apressada e cambaleando, ela quase colidiu com um homem grande. Vestido de terno cinza-chumbo, com uma gravata dourada contra a camisa branca, ele parecia elegante, atraente, e tão real que Mia perdeu o controle, e todas as emoções de choque e de medo que vinha lutando para reprimir durante toda a tarde explodiram em forma de um acesso de raiva.

Ela o atacou, conseguindo lhe dar alguns socos no peito antes que ele lhe segurasse os pulsos com firmeza.

— O que você está fazendo aqui? — gritou ela para o rosto bonito de aparência saudável e surpresa. — Devia ter vergonha de aparecer na minha frente!

— Mia...

— Não ouse falar meu nome! — exclamou ela, tentando livrar os pulsos aprisionados. — Você me transformou na minha mãe, e eu o odeio por isso! Eu o detestarei pelo resto de minha vida!

Com um puxão final Nikos a soltou e, no momento que fez isso, ela passou por ele, muito envolta nos próprios sentimentos para notar que, além de capturar-lhe os pulsos, Nikos permanecera imóvel durante seu ataque.

As pernas de Mia estavam bambas quando ela tentou andar; o enjoo no estômago chegou à garganta agora. Ela não ficou surpresa quando tentou focar na porta de seu apartamento, e o saguão oval pareceu girar. Estendendo o braço para a coisa sólida mais próxima na qual se apoiar, seus dedos trêmulos se fecharam ao redor de um braço musculoso coberto por um paletó de seda.

Mia inclinou a cabeça para trás, os olhos azuis confusos colidindo com a expressão intrigada dele. Ela não o ouvira se mover. Talvez ele não tivesse se movido, e aquilo fosse uma ilusão de ótica, como as paredes se movendo, e o chão balançando sob seus pés.

Então tudo começou a escurecer.

— Nikos — sussurrou ela um segundo antes de apagar... Quando voltou à consciência, Mia se encontrava deitada num sofá de couro macio. Nikos estava agachado ao lado do sofá, falando em grego ao celular, enquanto segurava uma de suas mãos.

Ele parecia tenso, observou Mia, dando uma olhada para o perfil bonito e para os ombros rígidos dentro do paletó. Não estava mais elegante como antes. Tinha desatado o nó da gravata e aberto os primeiros botões da camisa, revelando um triângulo de pele bronzeada. Havia tensão nos músculos do pescoço forte, assim como no maxilar.

Quanto tempo ela ficara desmaiada? Mia levou diversos segundos para se recordar do drama que antecederia seu desmaio. Ela o atacara como uma mulher enlouquecida. Nem mesmo lhe dera a chance de falar. Lembrou-se da expressão perplexa de Nikos diante de seu ataque súbito.

Então, lembrou *por que* tinha reagido assim, e um pequeno gemido escapou de seus lábios.

Nikos parou de falar ao telefone e virou a cabeça para fitá-la. Olhos escuros brilhando com uma expressão muito estranha se fixaram nos seus, e ele lhe apertou a mão, que mantinha cativa.

— Você desmaiou — Nikos declarou o óbvio.

Mia não disse nada. Apenas o olhou.

— Você está no meu apartamento — acrescentou ele. — Eu a carreguei para cá. Você... me assustou.

Assustou-o? Ele não conhecia o significado da palavra susto, pensou Mia com desdém. Susto era o que a fizera atacá-lo daquela maneira.

Assustado ele ficaria quando ela lhe contasse a novidade.

Se lhe contasse.

— Então, eu chamei um médico. Mia liberou os dedos.

— Isso não era necessário.

— Era para mim.

Sentando-se, ela fez um movimento com as pernas que não deu escolha a ele, exceto se levantar, se não quisesse perder o equilíbrio. A cabeça de Mia ainda girava, forçando-a a permanecer sentada, quando teria adorado se levantar e sair sem mais uma palavra para Nikos.

Grávida...

Finalmente, a tradução em inglês lhe veio à mente. Por alguma razão incompreensível, tinha mais impacto em inglês. Uma palavra dura, abrupta... grávida... nem um pouco suave ou sentimental, diferente da palavra muito mais gentil *incinta*...

— Você perdeu peso.

Ela olhou para cima e encontrou-o de pé a diversos metros de distância, alto como uma árvore, e bloqueando a maior parte da luz vinda da janela atrás dela, posicionando o rosto na sombra, de modo que Mia não pudesse ler sua expressão.

Mas ela não precisava de luz para sentir a tensão emanando dele.

— Você pode ligar para o médico de volta e cancelar a visita, porque eu não o deixarei me examinar — disse Mia. — Não estou doente. — Para provar isso, forçou-se a se levantar. — Estou apenas com fome, porque eu me esqueci de comer hoje.

— E ontem e anteontem — apontou Nikos. — Só lhe restam quase ossos, e você está balançando no lugar. Se tentar dar um passo, provavelmente vai cair de novo... a

menos que eu a segure antes, é claro, o que não farei agora, porque estou furioso com você, Mia. Tão furioso que eu poderia sacudi-la.

— Você está *furioso*... comigo? — Erguendo o queixo, ela o fitou com incredulidade. — O que acha que lhe dá o direito de ter *qualquer* sentimento em relação a mim?

Ignorando aquilo, Nikos disse:

— Eu falei com Fiona. Você vem se sentindo mal durante a semana inteira.

Apenas por uma semana? Mia quase riu da declaração.

— E você saiu... para beber.

Começando a se perguntar se tinha desmaiado de novo e não voltado ainda, Mia olhou-o e esperou para descobrir o que sua imaginação delirante iria fazê-lo falar em seguida!

— Com amigos de Kat — ofereceu Nikos.

— Fiona lhe contou tudo isso? — Mia não achava que Fiona contaria aquilo ao chefe.

— Não. Eu tive... outras fontes. Outras fontes...

— Que tipo de fontes?

— Acho que você devia se sentar...

— Eu não quero me sentar! — explodiu Mia. — Quero saber por que é da sua conta o que tenho feito. E por que você acredita que pode ficar parado aí como um pai desaprovador, me censurando!

Ela arruinou o discurso raivoso balançando no lugar, quando sua cabeça protestou com a pressão.

— Sente-se! — ordenou Nikos.

— Não! — retrucou Mia.

Apenas para gemer quando seu estômago começou a se revolver. Ela o cobriu com uma das mãos, usando a outra para segurar a cabeça zonzinha. Ouviu Nikos resmungar alguma coisa sobre mulheres teimosas, então sentiu mãos grandes segurando seus cotovelos e conduzindo-a de volta para o sofá.

A campainha tocou.

— Fique onde está — instruiu Nikos... como se ela estivesse em condições físicas de ir a algum lugar... e saiu.

Dois minutos depois, ele estava de volta, entrando na sala com um homem de meia-idade, carregando uma maleta de médico. Mia levantou-se, fazendo o possível para parecer saudável.

— Boa tarde, srta. Balfour — cumprimentou o médico alegremente. — Como eu posso ajudá-la?

— Eu realmente não...

— Ela está sofrendo de náuseas e episódios de tontura — Nikos informou ao médico com eficiência, então acrescentou com toda a graça de alguém feliz em jogar uma bomba aos pés de Mia: — Ela também está no princípio da gravidez.

Capítulo Nove

Ela deveria ter desmaiado de novo, pensou Mia mais tarde. Teria sido o jeito mais fácil de fugir do que aconteceu depois.

Mas não desmaiou.

Em vez disso, foi forçada a suportar uma segunda consulta médica no mesmo dia, além de um sermão gentil sobre uma dieta saudável, o tipo certo de descanso, exercícios e sono.

Após jogar a bomba, Nikos tinha se retirado para a janela novamente, ficando de costas para a sala, as mãos nos bolsos da calça.

O médico começou um discurso sobre as alterações no começo da gravidez, embora ela mal ouvisse uma palavra. O próprio médico estava sentindo a tensão na atmosfera, porque continuava olhando para Nikos, então de volta para o perfil congelado de Mia, enquanto ela também olhava para Nikos. Devia estar óbvio que eles não eram um casal alegre, ansiosos para se tornar pais.

Enquanto se preparava para ir embora, ele expressou uma mensagem final:

— A nutrição de uma nova vida é um presente que deve ser profundamente apreciado. Qualquer coisa menos é uma ofensa para a criança.

Naquele momento, Nikos virou-se para acompanhar o médico até a porta.

E não voltou.

Mia continuou sentada no sofá, ainda muito chocada para fazer mais do que absorver o fato de que Nikos de alguma maneira tinha assumido o controle completo da situação, antes que ela tivesse a chance de decidir o que fazer.

Ele sabia que ela estava grávida. Aparentemente, suas *outras fontes* haviam reportado cada passo que Mia dera nas duas últimas semanas.

O que ela deveria fazer agora?

Subitamente se perguntando por que ainda estava sentada lá como uma tola, esperando que ele aparecesse, Mia se levantou. Sua boca estava seca e seu estômago insatisfeito, mas ela descobriu que podia andar sem fazer as paredes e o chão se moverem.

Saindo da sala de estar, descobriu que o apartamento era muito maior do que esperara. Diversas portas saíam de um largo hall central, a maioria delas aberta, como as portas na casa dele em Hampshire.

Tremendo, Mia virou-se em direção à única porta fechada... a porta para a rua. Ia escapar enquanto tinha chance. Precisava usar o banheiro, e necessitava desesperadamente de algo para matar sua sede. *Não precisava...*

— Nem mesmo pense nisso — chegou a voz profunda em tom ameaçador.

Com a pulsação loucamente disparada, Mia pressionou os lábios e fechou os olhos por um segundo, então os reabriu, cruzou os braços e virou-se para encará-lo.

Nikos estava metade para dentro, metade para fora de um cômodo que saía do hall. Os olhos azuis de Mia se conectaram com os dele brevemente, então desceram,

como se por vontade própria.

Ele removera o paletó e enrolara as mangas da camisa. Numa mão, carregava o que parecia ser um pano de prato. Ocorreu a Mia que estava vendo outro lado daquele homem complicado... o lado doméstico.

Isso a distraía da masculinidade pela qual estava fascinada há tanto tempo? Não, admitiu ao sentir um friozinho na barriga.

Nikos teve de lutar para não cerrar os dentes enquanto a estudava. Mia estava pálida, e mal conseguia ficar de pé. Tinha perdido peso... muito peso, considerando a largura do vestido azul de algodão. E estava tão linda, frágil e vulnerável que ele queria carregá-la para a cama mais próxima!

De onde tirara a ideia de que poderia dispensá-la, como fazia com as outras?

A dica estava na pergunta, pensou Nikos. Ela não era *como* as outras.

Mia era aberta, emotiva e temperamental. Extraordinariamente linda e muito, muito sexy sem saber que era.

E estava grávida de um filho seu, completou ele. O que havia de sexy sobre saber que ela estava grávida de seu bebê? Nikos nunca quisera filhos. O conhecimento de que havia um crescendo dentro de Mia deveria fazê-lo suar frio, mas não fazia.

Ele teve de velar os olhos para esconder suas emoções e continuar agindo de maneira fria.

— Eu estou seguindo as ordens médicas e preparando uma refeição — respondeu ele. — Se você puder andar toda essa distância sem cair, venha e junte-se a mim.

Por um segundo, Nikos pensou que ela o atacaria verbalmente pela segunda vez. Mia ergueu o queixo, seus fabulosos olhos azuis brilharam, os lábios suaves se entreabriram... enviando-lhe uma carga de desejo que teria somente uma saída de escape.

E *esta* era a razão pela qual ele estivera louco para acreditar que poderia dispensá-la como as outras. Ela o excitava mesmo quando não queria fazer isso! Desafiava-o, fascinava-o... irritava-o.

— Eu preciso usar um banheiro — disse ela. Voltando à realidade, Nikos apontou para uma porta à direita de Mia.

— Segunda porta do corredor — indicou ele.

Então voltou a cozinha e jogou o pano de prato do outro lado do cômodo.

Mia encostou-se contra a porta fechada do banheiro. Não sabia o que tinha acontecido há pouco, mas sentia-se como se tivesse sobrevivido a um ataque de alienígenas invisíveis. Seu corpo inteiro estava pulsando. Ele não se movera. Não havia dito ou feito nada que não fosse totalmente casual e frio.

O problema era com ela, disse a si mesma. Estava tão irritada com aquelas *outras fontes* que sentia coisas que não existiam em relação a Nikos. Tentando se recompor, Mia virou-se para trancar a porta, somente para descobrir que não havia trinco ali. Desde quando apartamentos de bilionários vinham sem fechaduras nas portas dos banheiros?

Estava lavando as mãos quando lembrou que não havia fechadura no banheiro anexo ao seu quarto em Hampshire, e nem na porta do quarto. Todas as portas lá

havam estado abertas, como se a energia irrequieta que Nikos sempre gerava significasse que ele precisava se mover ao redor de suas casas sem a restrição de precisar pausar para abrir portas.

E era isso, reconheceu Mia subitamente. Todas aquelas estranhas sensações que captara minutos atrás tinham sido rastros da energia de Nikos gritando ao redor das paredes, tentando escapar, porque ele devia estar se sentindo muito restrito pela descoberta apavorante de que ela carregava um filho seu.

Ele estava cortando um sanduíche quando ela apareceu à porta. Seu estômago imprevisível roncou, imediatamente reagindo ao cheiro delicioso.

Vendo-a, Nikos indicou um dos bancos altos diante do balcão de mármore.

— Sente-se — convidou ele.

Relutante de se aproximar, mas muito faminta para permanecer onde estava, Mia se sentou no banco.

— Beba — disse ele, colocando um copo de suco de laranja natural na sua frente. Metade do sanduíche chegou enquanto ela bebia o suco com prazer.

— Eu não sei do que você gosta, então recheei o sanduíche com tudo que encontrei. Tire os ingredientes que não gosta.

Em outras palavras, comer nada não era uma opção, interpretou Mia. Não que quisesse discutir sobre isso. Estava faminta demais.

— Pensei que você estivesse em Busan — murmurou ela.

— Eu voei de volta durante a noite. — Nikos jogou água fervendo dentro de uma cafeteira, preenchendo o cômodo com o rico aroma de café.

Mia parou no processo de pegar o sanduíche.

— Porque você descobriu que eu estou grávida.

— Nem mesmo eu posso adivinhar o futuro, *agape mou*. Você só descobriu durante sua visita ao médico esta manhã. — Ele a olhou. — Apesar de eu ter suspeitado disso quando Fiona comentou que você contraíra uma virose estomacal.

— Por que você desconfiou? — Se ela não pensara naquilo, por que ele tinha pensado?

Nikos deu de ombros.

— Eu não usei nada.

Não usou nada?

— Explique-se — exigiu ela. Para sua surpresa, Nikos riu.

— Inocente até a última célula — zombou, virando-se para fitá-la. — Proteção — explicou, acentuando cada sílaba como se ela fosse criança. — Contracepção. O uso protetor de um preservativo, se precisa que eu seja mais claro.

— Eu não preciso. — Enrubescendo por sua própria ingenuidade, ela o olhou com raiva. — Por que você *não usou nada*? Ou trata todos os seus casos de uma única noite com o mesmo desprezo que me tratou?

— Não. — Velando os olhos, a resposta de Nikos foi curta e grossa.

— Então, por que tomar tais liberdades com o meu corpo?

— Lapso freudiano — replicou ele, como se aquilo fizesse algum sentido para ela.

Bem, não fazia.

— *Grazie*, então, pelo cuidado que você tomou comigo!

Nikos não disse nada, apenas virou-se para o que estava fazendo. Mia alimentou a raiva por mais alguns segundos, incapaz de entender por que um homem como ele tinha sido tão irresponsável! Então, lembrou-se da intensidade da paixão mútua dos dois, e moveu-se irrequieta no banco. Ela também estivera muito ocupada se divertindo para pensar sobre proteção. Não podia culpá-lo inteiramente.

— O cheiro deste café está enjoando meu estômago — anunciou Mia, e gostou de vê-lo desconcertado, antes que ele ligasse o ventilador para dissipar o aroma.

Então, serviu-se de água gelada e foi se sentar no banco ao seu lado. Enrijecendo a coluna por causa da proximidade, Mia deu uma mordida no sanduíche e recolocou-o sobre o balcão.

— Então, quais são as outras fontes às quais você se referiu?

— Equipe de segurança — respondeu ele. — Você estava sob discreta vigilância desde o incidente com Anton Brunel. Uma precaução que tanto Oscar como eu decidimos que era necessária para sua...

— Oscar? — interrompeu Mia, apavorada. — Você contou a Oscar o que me aconteceu?

— Eu sou responsável por sua segurança...

— *Sí*. Eu sou um *dever* que você assumiu a pedido de Oscar. Não precisa me lembrar desta parte.

— Por que você está zangada? Nós estamos cuidando de seus interesses...

— Espionando-me secretamente? E eu nem notei, certo?

— Se você tivesse notado, então a equipe de segurança não teria feito um bom trabalho.

— Você vem reportando a Oscar tudo que eu falo e faço? — questionou Mia. — Tem uma lista para anotar quando eu me comporto segundo os padrões Balfour, e outra para quando eu fracasso em alcançar o nível de suas expectativas?

Os olhos castanhos esfriaram.

— Isso não tem graça, Mia. Ela concordava com ele nisso. Nikos vinha informando Oscar de cada passo seu? Mia esperava que não, pensando na intimidade que eles haviam compartilhado, e que a colocara na situação que agora se encontrava.

— Eu gostaria que nunca tivesse vindo para a Inglaterra — sussurrou ela com lábios trêmulos. — Eu gostaria de nunca ter conhecido você.

— Tarde demais para ambos os desejos — apontou Nikos, então suspirou. — Antes que você me chame de vilão, Oscar *me* ligou. Santino D'Lassio conseguiu que o episódio da festa não vazasse para a televisão, mas não teve o mesmo sucesso com a imprensa. Oscar leu sobre isso e me telefonou.

Como Sophie ligara para ela, lembrou-se Mia, acalmando-se um pouco.

— Juntos, nós decidimos que Brunel poderia se tornar... uma perturbação para você, então eu contratei pessoas para vigiá-la, caso o patife tentasse mais alguma coisa... e isso foi *tudo* que Oscar e eu discutimos.

— Oh. Eu... lhe agradeço.

— Não preciso de agradecimento — descartou Nikos com irritação. — Só fiz o

que era necessário para sua segurança. É claro, eu não esperava descobrir que você estava indo a bares com os amigos loucos de Kat Balfour!

— Eles não são loucos, e isso aconteceu uma única noite! — Mia aumentou o tom de voz novamente. — E o que você tem a ver com quem eu saio ou com o que faço no meu tempo livre? Você me dispensou. Disse que eu era um grande erro!

— Para seu próprio bem.

— Uma pena que você não usou contracepção para meu próprio bem! — disse ela com puro sarcasmo.

Ele assentiu.

— Você tem toda razão.

Mia queria bater nele. Em vez disso, suspirou e largou o sanduíche.

— Não consigo mais comer agora.

— Minha culpa novamente? — Ele também suspirou. — Mas, pelo menos, tente comer. Eu prometo não falar mais uma palavra enquanto você... cumpre as ordens médicas.

Ordens médicas... Por causa do bebê. Relutantemente, ela pegou o sanduíche. Cumprindo a palavra, Nikos não falou mais nada enquanto ela comia. Quando Mia terminou, ele empurrou o copo de suco de laranja na sua direção, num comando silencioso para que ela acabasse a bebida também.

— Tão insistente quanto Túlio — murmurou ela, pegando o copo.

Para sua surpresa, ele riu.

— Estou começando a gostar de Túlio. Ele me parece um bom sujeito. Estou ansioso para conhecê-lo quando nós formos lá visitar sua tia.

Mia estudou-o, desconfiada de onde ele queria chegar com aquela declaração. No momento que fez contato com os ricos olhos escuros, e viu uma luz dourada brilhando lá, sentiu-se tensa.

O que ele estava aprontando? Por que lia pura possessão naqueles olhos... tanto que começava a se sentir ameaçada?

— Não. — Mia meneou a cabeça. — Você não vai a lugar algum perto de tia Giulia.

— Por que não? — perguntou ele, suavemente.

Um calor começou a percorrer o corpo de Mia. O fato de que havia mais alguma coisa acontecendo ali, além da conversa que estavam tendo, levou-a a estudar lhe o rosto.

Como um homem tão famoso por seu autocontrole conseguia transmitir tanta tensão sexual sem ao menos tentar?

— Eu ficaria muito envergonhada de apresentar você a ela — disse Mia.

E atingiu um ponto fraco. Mia viu aquele brilho dourado possessivo desaparecer imediatamente. Ele se recostou no banco. Era como observar um animal perigoso levar um golpe que não estava esperando, e ela subitamente se sentiu muito mal por ter dito aquilo.

— Tia sentirá vergonha de mim também — acrescentou Mia para tentar amenizar sua colocação. — E... de qualquer forma, não há motivo para que vocês dois se conheçam.

— Não — disse ele de modo quase inaudível.

A atmosfera na cozinha tornou-se pesada, perturbando Mia mais do que ela queria admitir para si mesma.

Ela bebeu o resto do suco, então pôs o copo sobre o balcão a fim de se levantar do banco. Nikos ainda não se movera, e Mia se sentia ameaçada com cada passo que dava em direção à porta da cozinha.

— Indo a algum lugar? — veio a voz profunda.

— Para... meu próprio apartamento. — Ela deu outro passo.

— Ainda temos muito que conversar.

Não se ela pudesse evitar.

— Eu estou... muito cansada para conversar mais com você hoje — disse Mia friamente. — Podemos... conversar amanhã.

— Será tarde demais. Temos planos a fazer antes de amanhã.

Mia virou-se com um suspiro.

— Eu não sei qual é o seu problema, Nikos. Nós não temos de planejar nada! E você deveria estar afogando suas mágoas numa garrafa de uísque, em vez de fazer este jogo tolo comigo!

— Não é um jogo — negou ele.

— Então, para onde você acha que estamos indo com isso? — explodiu ela, fazendo a pergunta da qual vinha tentando fugir.

— Eu sei exatamente para onde estou indo com isso, *cara* — respondeu Nikos com um sorriso irônico. — Estou apenas esperando que você me alcance.

Ele continuava sentado no banco, com as pernas longas estendidas à frente, dando a impressão de que estava acomodado para ficar lá o resto do dia. Mas era tudo uma ilusão. Mia ainda podia ver aquele brilho nos olhos escuros, um *ardor* que a lembrava de...

Ela deu um passo atrás.

— Pare... de me olhar assim.

Ele arqueou uma das sobrancelhas.

— Assim como?

— Como se você... — Mia parou e desviou o olhar.

— Como se eu estivesse considerando... outras opções para ajudá-la a me alcançar?

Ele estava pensando em *sexo*, Mia sabia. No espaço de minutos, Nikos passara do humor doméstico para o de uma pessoa magoada, e agora estava mostrando o homem *sexual*.

— Esta é uma... conversa imprópria para... o meio de uma crise — disse Mia.

— Estou tendo desejos impróprios — respondeu ele sem hesitação.

Chocada com aquilo, Mia arfou, seu coração disparando quando ele se levantou.

— Não ouse se aproximar de mim! — Ela deu outro passo atrás, e bateu as costas no batente da porta. — Ai.

— Agora veja o que você fez — murmurou Nikos, puxando-a para si, enquanto Mia fazia uma fraca tentativa de empurrá-lo. — Está tão excitada e nervosa que se

machucou. É muito mais seguro aqui — disse, envolvendo-a em seus braços quentes.

Uma única noite de paixão com ele não a preparara para a evidência física da excitação de Nikos pressionada contra seu corpo. Surpresa pela onda de calor que o contato lhe causou, ela balançou os quadris para se afastar.

Nikos puxou-a de volta e sorriu.

— Finalmente, você me alcançou.

— N... não — negou ela.

Ele abaixou a cabeça escura e traçou lhe o canto da boca com a ponta da língua. Foi Mia quem transformou a provocação num beijo profundo. Foi ela quem pressionou os mamilos já rijos contra o peito dele, e rodeou lhe o pescoço com os braços.

Como recompensa, Nikos aprofundou o beijo. Se ela tivesse um pinga de orgulho, estaria lutando contra ele, em vez de se entregar às ondas poderosas de prazer.

— Eu não vou para cama com você! — gritou Mia durante um momento de separação para que respirassem.

— O chão está bom para mim, *amore mio* — sussurrou ele, entrelaçando os dedos nos cabelos dela. — A parede, o sofá, a mesa da cozinha, até mesmo a porta atrás de você.

— E pare de falar comigo em italiano — disse ela, chocada pela declaração, e muito excitada ao mesmo tempo.

— Você entende italiano melhor quando está envolvida em ondas de prazer. Eu passei horas amando-a em italiano, e você nem notou meus esforços, não é? Uma pena, Mia. Desta vez, eu farei amor com você em grego, e no momento que terminarmos, vai desejar que tivesse aprendido meu idioma!

— Você está louco. Nós... não podemos fazer isso.

— Por que não?

— Eu estou tonta...

— De desejo por mim — concordou ele. — Bem, sua tontura acabou, *agapita*. — Alguma coisa macia tocou a parte traseira dos joelhos de Mia, e ela caiu numa cama. Não sabia como eles tinham ido parar lá! Seus braços rodearam os ombros largos. — Isso mesmo — encorajou Nikos. — Agarre-se a mim. Vai precisar, para que eu a impeça de se afogar.

Mia abriu os olhos.

— Por que você está *fazendo* isso?

Levantando a cabeça, Nikos a fitou.

— Porquê você me capturou, *cara*, mesmo que tenha vergonha de mim. Agora vou amá-la com ardor, antes de levá-la em algum lugar e me casar com você.

Casamento?

— Eu não vou me casar com você! — gritou ela chocada. — De jeito nenhum!

Ele lhe tomou os lábios com uma paixão tão intensa que lhe roubou a habilidade de continuar protestando. Mia tentou manter a sanidade, mas ele roubou esta também, enquanto explorava sua boca com pura sensualidade. Ela se sentiu consumida por aquele desejo. Sabia que deveria lutar contra aquilo, mas não conseguia. Em vez disso, entrelaçou os dedos nos cabelos dele e correspondeu ao beijo.

Nikos deslizou a mão pelo seu corpo e localizou uma coxa exposta, porque o vestido de Mia tinha se erguido até a cintura. A carícia leve como pena a fez tremer inteira, e, com um gemido, Nikos usou a outra mão para erguê-la contra seu corpo, então, ainda beijando-lhe a boca, desceu o zíper de seu vestido. No instante seguinte, estava liberando-lhe a boca e livrando-a do vestido.

O sutiã de renda branca foi o próximo item descartado, revelando seios firmes, com seus bicos gêmeos salientes e provocantes.

— Oh! — Mia gemeu e fechou os olhos quando ele abaixava a cabeça escura e tomava um deles na boca, enterrando os dedos nos ombros largos enquanto prazer a inundava.

Como se os dedos dela o lembrassem que ele ainda estava vestido, Nikos afastou-se e puxou as laterais da camisa com impaciência. Botões voaram em todas as direções.

Abrindo os olhos, Mia ficou chocada ao ver os músculos tensos no rosto dele.

— Por que você está tão zangado? — sussurrou ela.

— Eu falhei com você — respondeu ele. — Eu não falho. Rolando da cama, Nikos se levantou para se livrar do resto de suas roupas.

— Casamento não estava nos meus planos, nem filhos — murmurou, removendo a calça e revelando o físico lindamente bronzeado em estado de total excitação.

Mia umedeceu os lábios diante da visão magnífica.

— Eu não coloquei planos de casamento em sua agenda, Nikos.

— Se eu estou preso a você, então você está presa ao casamento. *Theos*. — Ele gemeu, voltando para ela. — Eu estava ansioso para fazer isso novamente.

Foi como receber um presente que ela não esperava e, por isso, Mia o recompensou com um beijo apaixonado. Ele a quisera. Viajara ao redor do mundo e ansiara por ela. Sentiu-se tão extasiada por essa confissão que se esqueceu de continuar o outro assunto.

O assunto do casamento.

Em vez disso, permitiu que ele a inundasse com as mais incríveis sensações. O toque de Nikos era puro tormento de prazer, levando-a a alturas inimagináveis.

Ela lhe roçou as costas com as unhas. Ele a fez tocá-lo, deslizando uma das mãos de Mia ao longo do corpo másculo numa trilha de pelos escuros até a magnífica virilidade. Ensinou-a como lhe dar prazer. Quando Nikos a penetrou, Mia sentiu-o estremecer inteiro. Ele estava quente, a pele úmida com suor, os lábios tremendo contra os seus, e ela o agarrou como se corresse o risco de se afogar, caso o libertasse.

E agora? perguntou-se Mia deitada de lado, observando-o se mover pelo quarto. Outra decepção caso tivesse ideias românticas sobre os sentimentos dele? Outra exigência por um casamento que ela não queria e não iria aceitar?

Nikos já tinha tomado banho, mas não se vestido ainda. Usava uma toalha branca ao redor dos quadris estreitos, contrastando com a pele lindamente bronzeada.

— Quando estiver descansada, você precisa ir e arrumar uma mala — disse ele, pegando uma cueca limpa da gaveta.

— Por quê? — perguntou Mia cautelosamente. — Para onde eu vou?

— Atenas. É hora de você ver como nós administramos as coisas de minha base principal.

E isso era tudo? Sem retorno ao assunto do casamento? Mia não disse nada, observando-o abrir o guarda-roupa.

— É hora de conhecer o homem cujo trabalho você roubou — continuou Nikos, vestindo uma camisa azul e branca. — Felizmente para Perros, ele está gostando de ficar em Atenas, assumindo meu posto enquanto estou em outros lugares.

— Então, ele não vai querer me bater?

Fechando o botão do colarinho da camisa, Nikos virou-se para olhá-la. *Belíssimo*, pensou Mia. *Sexy*. Aqueles adoráveis olhos saciados deveriam ser censurados... ou mantidos aqui no quarto comigo.

— Você parece uma elegante gata dourada deitada aí. — Ele lhe sorriu.

O coração de Mia bombeou no peito, porque ele não estava sendo frio.

— Meus cabelos são pretos — apontou ela.

— Eu não me referia aos seus cabelos, *agape mou*.

Mia não sabia que podia enrubescer da cabeça aos pés, mas foi o que aconteceu. Nikos viu isso e riu, então andou até a cama. Inclinou-se e deu-lhe um beijo lento e íntimo com sabor de menta.

— Não — murmurou quando ela se empolgou. — Não temos tempo para o que você quer fazer, gatinha. — Abaixando-se, pegou o vestido do chão e pôs no colo de Mia. — Você tem uma hora para se aprontar antes de partirmos.

Nikos voltou ao guarda-roupa para selecionar um terno. Enquanto se vestia, e Mia se sentava com a relutância de alguém que não queria ir a lugar algum, murmurou:

— E eu vou precisar de sua certidão de nascimento. Você a tem aqui?

— Sim, com meu passaporte, mas... eu não entendo para que você precisa disso.

— Licença de casamento — respondeu ele de modo casual. — Nós nos casaremos em Atenas na próxima semana. Petros já está cuidando dos preparativos.

Capítulo Dez

— Não fique de mau humor. Mia descerrou os dentes.

— Eu não estou de mau-humor.

— Então olhe para mim.

Virando a cabeça, Mia obedeceu, apenas para ser contagiada pelo magnetismo sensual de Nikos. Ele era tão... *bello*, pensou, observando-lhe os olhos escuros e a boca firmemente esculpida.

Como poderia continuar lutando contra ele quando mesmo a postura rígida de Nikos no banco de couro da limusine ao seu lado lhe despertava tanto desejo?

— Bem, estou olhando — disse ela. — Fale logo o que quer dizer, de modo que eu possa olhar para outros lados.

Ele deu um sorriso zombeteiro.

— Por que, quando você adora olhar para mim?

A recusa teimosa de Mia em aceitar tal observação faiscou nos olhos azuis como eletricidade. Ela mantivera a mesma postura desde que eles tinham deixado Londres. Agora, atravessavam Atenas de carro, a caminho para jantar em algum restaurante sofisticado quando ela teria preferido se trancar em seu quarto.

Mas o apartamento de Nikos em Atenas não tinha fechadura nas portas, pensou Mia.

Eles haviam mantido uma trégua armada enquanto se vestiam para sair novamente... Mia fechada em seu quarto designado, Nikos fechado no dele. E esse arranjo em si zombava do motivo pelo qual estavam brigando.

O casamento. Ele se recusava a aceitar não como resposta, e ela se recusava a dizer sim.

— Pode me explicar por que você está sendo tão teimosa sobre isso? — demandou Nikos.

Mia tinha no mínimo uma dúzia de razões, mas a única que estava disposta a lhe dar agora necessitava de duas palavras.

— Lois Mansell.

Ele a encarou por um longo momento.

— Lois não tem nada a ver conosco — replicou finalmente.

— Os jornais contam outra história.

— Você sabe tudo sobre jornais, *cara*. Eles mentem... ou pelo menos alteram a verdade.

— Você saiu daquela boate com Lois pendurada em seu braço — apontou Mia.

— Eu a levei para casa. Não dormi com ela.

— Do jeito que vejo isso, Nikos, você não *dorme* com nenhuma de suas mulheres.

Referindo-se aos arranjos atuais para dormir de ambos, Mia soube que o atingira quando os olhos escuros se fecharam.

— Nenhuma resposta? — instigou ela. — Nenhum comentário ardiloso para me

colocar no meu lugar?

— Não — murmurou ele, sem olhá-la.

— Bem, aí está, então. — Mia também não o olhou. — Você e eu temos visões distintas de como deve ser um casamento.

— Você está grávida de um bebê meu — apontou Nikos. — Tal evento não requer entendimento mútuo, e sim controle de danos.

— Controle de danos? — Muito magoada pelo comentário, ela não pôde conter um gemido de choque. — E você não entende por que eu não direi sim, quando faz uma declaração tão fria como esta?

— Estou tentando ser prático...

— Como foi com seus arranjos dos quartos aqui? — acusou Mia. — Você me engravida, espera se casar comigo, mas não dorme no mesmo quarto que eu. Suponho que também espera continuar levando sua vida como sempre fez, enquanto eu fico em casa sozinha, engordando!

— Então, o que você quer? — Ele angulou a cabeça para fitá-la.

Um homem que quer se casar comigo porque não pode viver sem mim!, Mia gritou dentro de sua cabeça.

— Não um homem que pensa em casamento como controle de danos — murmurou ela. — Prefiro voltar para a Itália e criar meu filho sozinha a jogar minha vida fora me casando com um homem como você.

— *Nosso* filho — corrigiu Nikos. — E você não vai a lugar algum com ou sem o casamento. Eu criarei meu próprio filho, Mia — declarou com veemência. — Não permitirei que sua tola teimosia me tire de cena por causa de... algumas ideias loucas que você tem sobre a qualidade do meu comprometimento.

O problema era que não havia qualidade alguma! Mia sentiu as lágrimas fecharem sua garganta.

— Podemos voltar? Eu não acho que vou conseguir comer alguma coisa.

Nikos deu um suspiro exasperado.

— Você é uma mulher de cara manutenção...

Mia arregalou os olhos azuis em perplexidade.

— Não acredito que você ousa dizer isso — protestou ela. — Eu não lhe custei nada! Nem mesmo o preço de acomodação, uma vez que o apartamento que usei em Londres era seu e já estava vago!

— Eu não quis dizer...

— Cale-se! — gritou ela. — Você é arrogante, Nikos. Egoísta... avarento! — Mia viu que o atingira quando ele enrijeceu o maxilar. — Então eu o desejei... e daí? Então você aceitou o que eu estava oferecendo. Mas o que eu lhe custei? Um jantar e algumas horas de tédio, enquanto você me ouvia, seguidas por uma festa luxuosa e um rápido prazer em sua cama, antes que você se transformasse num homem de gelo e me jogasse fora? Se isso faz de mim uma pessoa de cara manutenção, então que Deus o perdoe pelo que você deve falar de suas mulheres!

— Terminou? — perguntou Nikos entre dentes cerrados. — Posso terminar o que eu ia dizer antes que você começasse com este discurso ofensivo? — Ele não esperou

resposta. — Eu ia adicionar *emocionalmente*. Uma mulher de cara manutenção *emocionalmente* — repetiu. — É muito irritante!

— Não se esqueça do adjetivo infantil — disse Mia.

O carro parou. Sem mais uma palavra, Nikos abriu a porta e desceu. Então rodeou o veículo e abriu a porta de passageiro.

— Deixe o mau humor dentro do carro — disse ele quando ela desceu.

Recusando-se a considerar o comando, Mia jogou os cabelos para trás com um jeito desafiador que fez Nikos cerrar os dentes.

As mulheres eram voláteis e inconsistentes, pensou ele, enquanto andavam pela calçada em direção a um dos restaurantes mais exclusivos da cidade.

— Cuidado — murmurou ele, segurando-lhe o braço quando ela ia subir o degrau muito baixo na frente da entrada do restaurante.

Mia estava usando um de seus pares de sapatos de saltos letais, e Nikos fez uma promessa silenciosa de que jogaria todos fora na primeira oportunidade que tivesse. Ela estava grávida, pelo amor de Deus. Carregando seu bebê. Um tropeção acidental naqueles saltos ridículos e tudo poderia acabar...

Uma onda de pânico o fez parar abruptamente, com um tremor interno. Mia olhou-o com as sobrancelhas arqueadas, numa expressão surpresa.

— O que houve?

— Nada — replicou ele, recompondo-se. — Eu apenas me lembrei de algo que deveria ter feito antes de sairmos — mentiu, abrindo a porta do restaurante.

Mia precedeu-o para dentro do *foyer* com um vestido roxo curto e bonito, os cachos pretos fabulosos cascadeando pelas costas.

O dono do restaurante veio cumprimentá-lo. Nikos teve de vestir sua máscara social quando não queria, sorrindo agradavelmente enquanto Mia ficava parada ao seu lado, sorrindo de maneira falsa também. Então ele lhe ensinara alguma coisa, pensou com ironia.

Eles estavam prestes a adentrarem o restaurante em si quando a porta se abriu e um grupo de recém-chegados entrou. Seu instinto o fez virar-se para dar uma olhada.

Nikos congelou com o reconhecimento. *Não, pensou, isso não pode estar acontecendo.* Tentou distrair a atenção de Mia quando ela se virou para ver o que ele estava olhando, mas era tarde demais, e ela também congelou.

— Nós iremos embora — sussurrou ele, já a puxando para si, de maneira protetora.

— Não. — Sentindo como se o chão tremesse sob seus pés, Mia deixou-o segurá-la por um momento.

Mas não era o chão, e sim ela quem estava tremendo, enquanto calafrios percorriam sua coluna.

Gabriella.

Gabriella estava naquele lugar, naquela cidade, parada a poucos metros. Sua mãe, parecendo muito familiar, pois Mia observava aquele rosto no espelho todos os dias.

Seu coração começou a bombear violentamente. Ela sentiu que Nikos tentava bloquear a visão com seu corpo longo e ombros largos.

— Eu vou falar com ela — sussurrou Mia.

— Não faça isso, Mia — aconselhou Nikos. — Você... Mas ela já o estava rodeando sobre pernas instáveis.

Mario Mattea fitou-a e soube imediatamente para quem olhava.

Alto e magro, muito atraente para um homem com cerca de 60 anos, ele tocou o braço da esposa para lhe chamar a atenção.

— Gabriella — murmurou ele numa voz baixa.

Gabriella Mattea virou sua cabeça escura e olhou para o rosto pálido da filha que não via há dez longos anos.

Silêncio se seguiu. De modo vago, Mia estava ciente da tensão de Nikos e de Mario. Havia outras pessoas ao redor, mas eram invisíveis. Ela via somente o rosto de sua mãe.

Sentindo-se tão vulnerável quanto a criança que era na última vez que vira sua mãe, Mia sussurrou com voz trêmula:

— *Ciao, m... mama.*

Olhos como vidro preto a encararam. Mia viu o lindo rosto à sua frente congelar.

— Pelo amor de Deus, alguém pode tirar esta pessoa de perto mim? — disse Gabriella em italiano. — É impossível comer sem ser perturbada por estranhos atualmente?

Um silêncio pesado instalou-se no *foyer*, no meio do qual Mia morreu lentamente. Então o braço de Nikos rodeou lhe os ombros. E Mario estava falando:

— Nikos, eu não esperava encontrá-lo...

— Com licença — Nikos interrompeu friamente e os conduziu para a porta.

O dono do restaurante abriu a porta, desculpando-se numa voz ansiosa. Eles chegaram à calçada. Tão furioso que poderia socar alguma coisa, Nikos olhou para os dois lados da rua, procurando onde seu motorista tinha parado.

Pressionando Mia contra seu corpo com um dos braços, usou o outro para localizar seu celular. Controlando a raiva, ordenou que seu motorista fosse apanhá-los.

— Nikos, por favor. — Mario apareceu na calçada ao lado deles. — Deixe-me explicar o motivo da cena desafortunada — implorou ele. — Minha esposa...

— Uma explicação não é requerida — interrompeu Nikos, apertando mais Mia junto a si. — Aconteceu porque você deu uma escolha a Gabriella, e ela escolheu você, sua riqueza e seu estilo de vida sobre a própria filha. — Enquanto Nikos falava, Mia tremeu diante da crua verdade. — Aconteceu porque você e sua esposa são pessoas desalmadas, com um casamento desalmado, o que os torna adequados um para o outro. Mia pode não perceber isso agora, mas está muito melhor sem a presença de vocês.

— Porque ela tem os Balfour agora? — O súbito sarcasmo de Mario cortou Mia como uma faca.

— Não — respondeu Nikos. — Porque ela tem a mim. O silêncio imperou, e Nikos abriu a porta traseira do carro. Mia deixou Nikos guiá-la para dentro da limusine, e tentou se recompor. Na verdade, não deveria estar se sentindo tão mal assim, disse a si mesma. Afinal, tinha sido culpada de tentar abordar uma mulher que nunca mostrara o menor carinho por ela.

Os dois homens ainda estavam de pé na calçada. Pelo tom baixo das vozes, Mia podia dizer que a conversa deles não era agradável. O corpo de Nikos estava rígido de tensão. Mario parecia muito pálido, enquanto insistia em algum ponto.

Ela desviou o olhar, fitando seus dedos trêmulos que se uniam sobre o colo. Nikos estava certo... *quem precisava de uma mãe como aquela?*, disse a si mesma, e sentiu lágrimas inundarem seus olhos.

Nikos entrou no carro e bateu na divisória de vidro para mandar o motorista seguir. Ao se recostar no banco, não olhou para Mia. Não podia no momento. Ainda estava muito abalado por algo que tinha dito a Mario em sua explosão inicial de desprezo.

Casamento desalmado...

Não era isso que estava oferecendo a Mia? Um casamento desalmado com ótimo sexo e quartos separados depois?

Nikos estremeceu com desgosto. Ela possuía mais integridade que a mãe horrorosa, recusando o que ele agora reconhecia ser uma oferta insultante. Se Gabriella tivesse lutado contra Mario Mattea, teria mantido seu homem e também sua filha?

E até mesmo o pensamento era insultante. Pois o que Mia ganharia tendo-o como marido? Nada mais do que ele estivera disposto a lhe dar, o que era insignificante na luz fria de seu novo entendimento.

Ele deveria ajoelhar-se e agradecer-lhe por amar este patife frio e desalmado...

Amor... pensou Nikos, experimentando uma onda de choque. Mia o amava. Por quanto tempo soubera disso sem que o admitisse? Desejo, obsessão, paixão... ele dera outros nomes ao sentimento. Mas ela... o amava. E ele não merecia tal honra.

— Você o conhece — murmurou Mia, interrompendo seus pensamentos.

— Perdão? — Nikos virou-se para lhe dar um olhar interrogativo, e sentiu a importância que Mia tinha para ele como um golpe violento.

— Você conhece Mario Mattea — repetiu ela, os olhos azuis brilhando no rosto pálido. — Por que nunca me falou?

A pergunta repentina colocou Nikos num dilema. Deveria lhe contar a verdade, ou tentar contornar a verdade com um comentário irreverente? *Mentir*, em outras palavras.

Ele velou os olhos e optou pela meia verdade.

— Eu conheço muita gente no mundo dos negócios.

— Você já tinha encontrado... Gabriella antes?

— Não. — E isso era verdade, pensou Nikos. Se tivesse encontrado Gabriella Mattea antes, teria reconhecido a frieza da mulher, e talvez sido capaz de salvar Mia do que acabara de acontecer. — Ele veio à Atenas para uma série de reuniões com financistas especializados. — Nikos não teve coragem de contar-lhe toda a verdade. — A crise financeira abalou muito a indústria de carros. Mario está desesperado para encontrar alguém que financie seus negócios, antes que afundem de vez.

— Você quer dizer que ele veio para uma série de reuniões com você, não é?

Nikos deu um pequeno sorriso triste.

- Eu sou... uma das maiores esperanças de Mario para emprestar o dinheiro.
- Você vai fazer isso? Ele a fitou.
- O que você acha?
- Por minha causa?

— Sim, por sua causa. — E aquela era a verdade completa.

— Mas você não pode fazer isso! — Surpreendendo-o, Mia continuou: — Eles saberão que você os rejeitou por causa do que aconteceu esta noite, e irão me culpar por isso!

A expressão de Nikos endureceu.

— Eles deveriam ter considerado este ângulo antes de humilharem minha futura esposa.

—: Eu não serei sua esposa!

— O que pretende ser, então, Mia, o próximo escândalo Balfour?

Capítulo Onze

Coisa errada a dizer. Nikos reconheceu isso no instante que acabou de falar.

— Eu *não* sou uma Balfour — negou Mia, detestando-o por falar aquilo... detestando todo mundo. — Por que eu ia querer ser uma Bianchi ou uma Balfour?

— Então não seja — persistiu ele. — Seja uma Theakis.

— Para que você possa me tratar como uma intrusa indesejada em sua vida, também?

— Você não seria uma intrusa indesejada. Mia deu uma risada amarga.

— Eu sou uma figura digna de piedade para você agora. Amanhã, serei uma corrente atada ao seu pescoço. Sei como isso funciona. Gabriella doou-me para minha tia, então me abandonou. Visitou-me uma vez por ano nos primeiros dez anos de minha vida. *Parou* de me visitar quando eu lhe perguntei se ela só ia para dar à Tia dinheiro para me manter. Quer saber qual foi a resposta?

— Não — murmurou Nikos.

— Ela admitiu na minha cara que sim e, então, partiu. O dinheiro de Tia passou a chegar pelo correio dali em diante.

Nikos praguejou.

— Ela *é* uma vadia egoísta com...

— *Si* — Mia interrompeu, porque não precisava ouvi-lo dizer o que sua mãe era. — Oscar foi mais sutil. Ele me permitiu ficar, contanto que eu me escondesse na cozinha e bancasse sua governanta. — Ele estava protegendo Lillian. — Acha que eu não sei e não aprecio isso? — disse ela. — Acha que fiquei magoada com ele por proteger os sentimentos da pobre esposa sobre os meus? Acha que eu não entendi quando as outras filhas dele me culpavam pelos escândalos que surgiram mais tarde... ou que eu não me culpo por aqueles mesmos eventos? Mas *ele* entendeu como eu estava me sentindo? — questionou Mia com uma mágoa que até agora mantivera enterrada em seu interior. — Meus sentimentos o impediram de me mandar embora o mais rapidamente que foi capaz?

— Oscar queria que você aprendesse a...

— Ele queria que eu agisse como uma *Balfour*, ou ficasse longe — disse ela. — Bem, não tenho mais desejo de ser uma Balfour. — E estava sendo sincera. — Eles não são meu tipo de pessoa. *Você* não é meu tipo de pessoa. Oscar falou que queria que eu aprendesse integridade. — E subitamente Mia entendeu o que significava integridade para ela. Significava ser verdadeira *consigo mesma*. Com a pessoa que *ela* queria ser, não com a pessoa na qual todos queriam moldá-la! — Eu não quero a integridade dele, se isso significa vestir roupas finas e dar sorrisos falsos. Não quero me casar com você porque concebi seu bebê, e você está preocupado sobre o que Oscar pode pensar. Lide você com sua integridade, Nikos. A minha me diz que é hora de ir embora e ser *eu mesma*.

— Eu não dou a mínima para o que Oscar pensa — protestou Nikos.

— Mentiroso — acusou ela. — Você já disse isso com seu discurso de controle de

danos.

Foi como ser golpeado por trás. Nikos não esperara aquilo. Não tinha defesa pronta.

O carro parou do lado de fora do apartamento dele, e, dando-lhe uma última olhada, Mia desceu, deixando-o sentado ali, sabendo que talvez perdesse a única oportunidade de corrigir alguma coisa que nunca deveria ter dito em primeiro lugar.

Ele saiu do carro e a seguiu para dentro do edifício. Se Mia queria que ele se sentisse o pior homem vivo, então estava tendo sucesso. Ele aceitou o fato quando entrou ao lado dela no elevador que os levou à cobertura.

Não havia hall oval ali, apenas acesso direto ao apartamento dele.

— Mia...

Ela andava em direção aos quartos com uma postura rígida que lhe dizia que não queria ouvir nada que ele tinha a dizer.

Nikos observou-a andar naqueles saltos ridículos, e estremeceu no momento que ela desapareceu dentro do quarto e a porta foi batida.

Furioso consigo mesmo e com as próprias inseguranças, ele se virou, cerrou o punho e socou a parede mais próxima.

Tirando os sapatos com os pés, Mia os enviou para o outro lado do quarto, então virou-se e se jogou na cama. Detestava-o... novamente, disse a si mesma, pressionando o rosto no travesseiro, e tremendo de raiva e mágoa.

Ele era frio e insensível, e não merecia *nem um pouco* do amor que ela estava sofrendo por sua causa! Nikos não a merecia!

Controle de danos... Que tipo de homem podia descrever uma proposta de casamento como...

A porta se abriu subitamente.

— Tudo bem, então o discurso sobre controle de danos foi cruel e insensível — admitiu Nikos. — Você está me enlouquecendo... fazendo-me dizer coisas que não quero dizer! Talvez eu esteja perdidamente apaixonado por você... isso faz alguma diferença?

Mia congelou, então virou-se para olhá-lo. Ele estava parado do lado de dentro da porta, parecendo um homem que tinha sido torturado para falar aquilo. Cada músculo do corpo poderoso parecia rígido de tensão, e os olhos escuros emitiam faíscas de raiva, como se fosse ela quem o torturara.

Tinha sido tão doloroso para Nikos falar aquilo?

— Explique "*talvez eu esteja*" — exigiu ela. — Acha que isso me impressiona?

— Não — murmurou ele, e fez uma coisa estranha então... relaxou os ombros e ergueu um punho fechado à boca, estremeçando como se estivesse com dor. — Por nunca ter experimentado nenhum tipo de amor antes, eu só posso oferecer um *talvez eu esteja*.

Abaixando a mão, ele flexionou os dedos longos.

— Você gosta de acreditar que é a única que não teve sorte no departamento de pais, *agape mou*, mas não tem ideia do quanto isso pode ser pior. Minha mãe era prostituta e meu pai, o cafetão dela. Tente comparar este casal com seus pais menos

do que perfeitos.

— Mas eu pensei que você...

— Tivesse nascido em berço de ouro? — ofereceu ele com um olhar cínico. — Morar no apartamento de um quarto, infestado de baratas, no coração de Atenas, não é berço de ouro, eu lhe garanto. É o mesmo que viver no inferno. Eu preciso de um drinque — disse de repente, e virou-se para aporta.

— Não ouse sair daqui depois de falar tudo isso! — gritou Mia. — Eu quero saber sobre o que você está falando!

Nikos praguejou, então andou para a janela e ficou ali, olhando para a vista do lado de fora.

— Lá embaixo — começou ele, e Mia saiu da cama para se posicionar do seu lado — além das luzes brilhantes, onde tudo se torna triste e obscuro.

Mia olhou sem ver, porque ver não era tão importante quanto ouvir o que Nikos dizia. Aproximou-se, e ficou surpresa quando ele lhe permitiu, até mesmo movendo um braço tenso para aconchegá-la mais.

— Pelos primeiros seis anos da minha vida, eu acreditei que era normal dormir numa dispensa — disse ele. — Meus pais me trancavam lá para que eu não embarcasse... os clientes de minha mãe, quando ela os levava para... oferecer seus serviços. Se eu fizesse um som, apanhava.

— Oh, Nikos, não — sussurrou Mia em desespero.

— Eles eram viciados em heroína — continuou ele. — Às vezes, ficavam tão fora de si que me esqueciam no minúsculo cômodo por dias. Eu ainda tenho pesadelos com aquela dispensa imunda. — Nikos deu uma risada seca. — Tente dormir comigo uma noite inteira na mesma cama, *cara*, e saberá do que estou falando. Eu não suporto ficar em lugares pequenos e fechados, e fechaduras e trincos me causam pânico. E não chore — disse ao ouvir um soluço escapando de Mia. — Eu não serei responsável se você começar a chorar. Jamais contei isso a ninguém. Portanto, fique aí e ouça. Quando eu tinha 9 anos, um... cliente me descobriu. Ele decidiu que seria bom se divertir um pouco à minha custa...

Ele ficou tão silencioso que Mia temeu que Nikos não conseguiria revelar o que estava se recordando. Quando não pôde mais aguentar, ela se virou de frente para ele e o abraçou com força.

Nikos suspirou e abraçou-a também.

— Eu fugi — continuou ele. — A polícia me encontrou e eu fui entregue nas mãos do Serviço Social. Nunca havia me sentido tão aliviado — admitiu. — Pela primeira vez na vida, eu tinha uma cama de verdade na qual dormir, três refeições ao dia, e o mais importante, sentia-me seguro. Fui um internado modelo, porque temia que me mandassem de volta para meus pais. Eu me sobressaí na escola, e estava disposto a fazer qualquer tarefa para ganhar um sorriso de aprovação. Teria suplicado e rastejado para permanecer onde estava.

— Nikos...

— Não fale nada — interrompeu ele. — Quando eu tinha 13 anos, fui acusado de roubar provisões da cozinha. Eu não tinha feito isso, mas não podia provar, então... fui

punido. Jurei que aquela seria a última vez que alguém me maltratava, e fugi de novo. Passei os seis meses seguintes morando nas ruas, dormindo em becos e sobrevivendo de esmolas. Mas eu sentia falta da escola. Sentia uma vontade desesperadora de aprender, então me entreguei às autoridades. Dali em diante, fui rotulado como uma criança problema, e enviado para uma casa cheia de crianças problemas.

Ele pausou mais uma vez e respirou fundo. E Mia aproveitou a oportunidade para lhe dar um beijo suave no rosto.

— Suportei a vida lá — continuou ele, aconchegando-a mais junto a si. — Não foi fácil, mas eu precisava aguentar se quisesse frequentar a escola. A pior parte foi quebrar meu juramento e permitir que outras pessoas me batessem. No meu aniversário de 16 anos, saí de lá e nunca mais voltei.

— Sinto muito — sussurrou ela.

— Eu não quero sua piedade — murmurou Nikos. — Estou meramente tentando explicar porque não posso lhe dizer se eu a amo ou não.

Certa de que nada menos do que o desespero do amor o teria feito confessar aquilo, Mia apenas levantou o rosto do peito dele e sorriu-lhe.

— Bem, eu sei que amo você. Então podemos trabalhar nisso.

Permitindo que seus olhos a encontrassem, Nikos arqueou uma sobrancelha.

— Simplesmente assim?

— *Si* — Ela assentiu. — O que aconteceu com seus pais?

Ele pigarreou.

— Eles morreram quando eu tinha 14 anos, de overdose de heroína.

— E... Oscar? Como você o conheceu? Desta vez, ele deu uma risada rouca.

— A essas alturas, eu era terrível. Com boa aparência e inteligente, era convencido demais para meu próprio bem. Servir mesas dos ricos era um bom lugar para aprender sobre todo tipo de fraudes. Eu havia me tornado bom em enganar os outros quando Oscar entrou na minha vida. Tentei enganá-lo — admitiu Nikos. — Oscar ouviu o meu discurso, alimentou meu ego com perguntas perspicazes às quais respondi sem piscar. Ele concordou com a negociação, deu-me um cheque altíssimo, então procedeu em me enganar com uma oferta de um investimento arriscado em algum empreendimento irresistível, *se* eu pudesse surgir com o dinheiro requerido, que era, é claro, o dobro do que ele me deu. Eu lhe devolvi o cheque além de cada centavo que possuía, e o fraudador foi lindamente enganado por um especialista nisso.

Mia riu.

— Você quer dizer que não havia empreendimento irresistível?

— Não. — Nikos sorriu, lembrando-se do que Oscar devia ter visto ao olhar o garoto fraudulento de 20 anos que ele fora na época. — Oscar me enganou e me deixou sem um tostão.

Todavia, apesar de tudo, Oscar Balfour tinha visto alguma coisa em Nikos que gostara.

— Em vez de me mandar embora, humilhado e sem dinheiro, ele me ensinou como vencer do lado certo da lei — continuou ele. — Oscar foi meu salvador de uma vida de crimes, e provavelmente da prisão regular. Tudo que sou hoje eu devo a ele. Oscar é...

especial. Nunca o subestime, *agape mou*, pois Oscar nunca põe um plano em ação a menos que tenha uma ideia muito boa de qual será o resultado.

— Está falando sobre você e eu agora, não é? — perguntou Mia.

— Desde o incidente Brunel. Mia arregalou os olhos.

— Não.

— Brunel passou dos limites quando a empurrou para aquela piscina, e Oscar ficou furioso. Mas foi a equipe de segurança de Santino D'Lassio que perseguiu Brunel e...; arrancou-lhe a verdade. Oscar não sabe que eu sei. Estou mantendo isso em segredo por mais um tempo.

— Não ouse magoar meu pai! — exclamou Mia instantaneamente.

Nikos fitou-a.

— Não o odeia mais?

Mia se moveu irrequieta contra o peito largo.

— Não odeio Oscar — admitiu ela. — Não odeio nem mesmo minha mãe. — Os olhos azuis sombrearam com a dor que Mia experimentou. — Eu estava machucada quando falei todas aquelas coisas no carro. Oscar tem sido bom para mim... gentil, mesmo considerando que minha chegada lhe causou tantos problemas.

— Problemas que você tinha o direito de causar, Mia.

— Foi o que ele me disse — sussurrou ela, sentindo-se culpada agora por ter falado mal do homem que tentara fazê-la se sentir bem-vinda e desejada. — Então, o que Oscar estava planejando para você e eu?

— Oh, tudo, imagino. Jogá-la sobre mim de todas as maneiras. Despertar meu sentimento de posse e ciúme em relação a você, de modo a me fazer ir na direção que ele queria que eu fosse.

— E que direção seria essa?

— Renda branca e sinos de casamento — esclareceu ele. — Mas sem a concepção prematura do bebê... Eu terei de decepcioná-lo quanto a isso.

— Você não fez isso sozinho — apontou Mia. — Eu ajudei... muito.

Finalmente Nikos deu um sorriso amplo. Estendendo o braço, ela lhe traçou a boca com um dedo.

— Sabe do que você precisa? — começou Mia suavemente, baixando os cílios para esconder o brilho nos olhos azuis. — Precisa de um período experimental dormindo comigo na cama por uma ou duas noites inteiras. Eu posso viver sem fechaduras nas portas, mas recuso-me a me casar com um homem que insiste em quartos separados porque acha que eu irei lhe dar pesadelos.

O jeito que ela falou a última parte fez Nikos cair na gargalhada. Então, com um gemido, ele lhe tomou a boca num beijo ardente.

— Período experimental chegando — murmurou ele um pouco mais tarde. — Ligaremos para Oscar amanhã — planejou, enquanto a conduzia para a cama. — Se ele não ameaçar me matar por seduzir a filha dele, poderá me dar sua mão em casamento.

— E se ele ameaçar matá-lo? — Mia deslizou uma mão possessiva pela frente do corpo poderoso e observou-o tremer.

— Eu o avisarei que ele deixará a filha viúva, porque eu ainda assim me casarei

com você.

A declaração foi forte e possessiva, e Mia aninhou-se mais contra ele.

— Eu amo você, Nikos Theakis.

— Bem, continue me amando, *agape mou*. Estou disposto a baixar a guarda para amá-la em retorno.

Ele tinha falado aquilo... quase falado. Mia riu em deleite. Então, com mais força do que sabia possuir, girou-o e tombou os dois sobre a cama.

— Mostre-me então — convidou ela. Nikos não precisou de um segundo comando.

Dois meses maravilhosos depois, Nikos entrou no quarto que reformara para acomodar o *hobby* de sua esposa, como ela gostava de chamar aquilo. Todas as casas deles agora tinham cômodos similares... um estúdio de estilista de moda anexo ao quarto principal, totalmente equipado com o que havia de melhor no mercado.

— Você já devia estar vestida — disse ele para Mia. — Santino e Nina D'Lassio estarão aqui em meia hora, e tia Giulia já está lá embaixo com Oscar.

— Já é tão tarde assim? — Erguendo os olhos do que estava fazendo, Mia sentiu o calor usual percorrê-la, porque ele estava deliciosamente maravilhoso num terno elegante.

— Você não vai usar isto — disse ele, franzindo o cenho para o vestido que ela deixara pendurado numa arara vazia.

— Oh, você não gosta — murmurou Mia desapontada.

— Está brincando? — Andando até a seda vermelha e erguendo o vestido para estudá-lo mais de perto, ele disse: — É um vestido Jessica Rabbit.

— Jessica o quê? — perguntou Mia inocentemente.

— Jessica Rabbit... a deusa do sexo dos desenhos animados, e a fantasia de todos os homens sexualmente saudáveis.

Satisfeita pela explicação, Mia levantou-se para revelar a seda dourada sob a combinação que estava usando.

— Tudo bem então — disse com alívio.

— Você ainda não vai usar isto, Mia — murmurou Nikos com firmeza. — Não na frente de todo mundo, pelo menos.

— Mas você acabou de dizer que era a fantasia de todos os homens! — Tirando-lhe o vestido da mão, ela o pendurou na arara novamente. Então, por que sabia que ele estava pensando o que faria para impedi-la, quando Mia acabava sempre fazendo o que queria, murmurou com um sorriso:

— É para Sophie.

— *Sophie*? — Nikos quase engasgou com o choque.

— Ela me pediu para lhe fazer um vestido muito sexy — explicou Mia. — E você acaba de me dar um presente dizendo-me que eu alcancei o objetivo.

— Mas... *agape mou*, você não pode pôr Sophie num vestido como este! Ela é...

— Não *ouse* terminar o que ia dizer! — Mia defendeu sua meia-irmã. — Ela é linda e especial.

— Eu não ia falar...

— E Sophie tem um corpo maravilhoso sob as horríveis roupas largas que prefere usar — interrompeu Mia. — Então, ela não valoriza sua figura como deveria, mas isso não significa que não possa ser encorajada.

Não acreditando naquilo, mas disposto a aceitar que acabara de ofender sua esposa em nome de Sophie Balfour, Nikos murmurou:

— Você fica tão sexy quando está zangada — e a puxou para um abraço.

— Humm, e você é um beijador incrível — disse ela, quando ele finalmente a liberou para respirar.

— Você não tem ninguém com quem me comparar.

— E você gosta de se sentir convencido por isso?

— *Si, signora*. Adoro quando você me ama, adoro ser o único homem a beijá-la, e adoro o que somente eu coloquei aqui — ele lhe moldou a barriga com uma mão.

— Você é um grego tão... antiquado e possessivo!

— Mas você adora que eu seja antiquado e possessivo.

— Saiba que lá — Mia apontou para outra arara com roupas — tem outro vestido Jessica Rabbit, como chama, esperando por mim, se você não se cuidar!

Nikos estreitou os olhos na arara indicada.

— Eu irei queimá-lo.

— Antes ou depois de me ver usando-o?

Ele pensou por um minuto, então respondeu com um gemido de desejo:

— Depois. Em particular. — Nikos capturou lhe os lábios nos seus.

— Então, o que você pretende usar? — perguntou ele após uma longa pausa.

— Você — sussurrou Mia. — Mais tarde — murmurou num convite suave. — Na nossa cama, onde meu dever solene é continuar espantando seus pesadelos.

Nikos poderia ter protestado; porém, não escondia mais nada daquela linda criatura que ganhara como esposa. Era mais saudável compartilhar tudo... as coisas boas e as ruins.

— Sabe, eu acreditava que minha vida estivesse toda traçada, comigo no total controle de tudo. Então conheci você — disse ele com voz rouca. — Eu não queria amor. Não queria compromisso. Não queria passar os genes de minha família para outra geração. Ou assistir à decepção de meus filhos em me ter como pai. Agora quero tudo. — Nikos segurou-lhe o rosto entre as mãos, os olhos tão escuros que Mia sorriu, porque adorava mergulhar neles. — Quero o casamento, o compromisso e os filhos. Quero que você me ame. *Preciso* que você me ame. É assustador.

— Eu não vou a lugar algum — prometeu Mia. Então, para suavizar a atmosfera subitamente intensa, suplicou: — Só mais um beijinho antes que eu vá me vestir.

Sobrancelhas pretas se arquearam em ironia.

— Eu não dou *só um beijinho* — disse Nikos com arrogância.

Fim